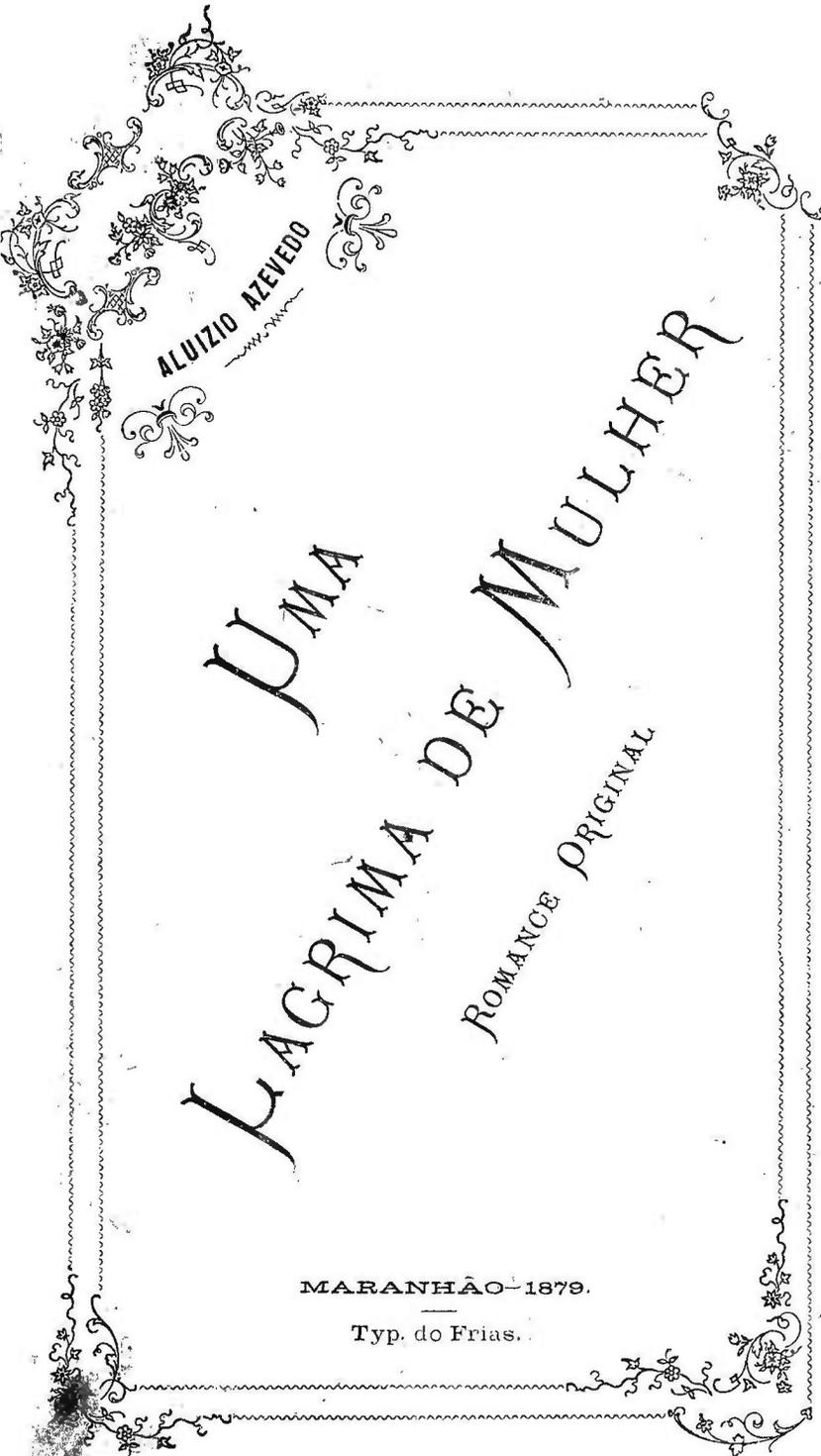




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ALUIZIO AZEVEDO

UMA
LAGRIMA DE MULHER

ROMANCE ORIGINAL

MARANHÃO-1879.

Typ. do Frias.

ALUIZIO AZEVEDO.

UMA LAGRIMA
DE
MULHER.

ROMANCE ORIGINAL



Maranhão

1879

MARANHÃO 1879--TPP. 00 FRIAS.

A²

Victor Lobato.

João Affonso.

Fernando Perdigão.

Adúlcio Arnevedo.

UMA LAGRIMA DE MULHER.

PRIMEIRA PARTE.

I

Em uma das formosas ilhas de Lipari branquejava solitaria uma casinha terrea, meio encravada nos rochedos, que as agoas do mar da Sicilia batem constantemente.

Ao lado esquerdo da modesta habitação corria uma farta alameda de oliveiras, que, juntamente com os resultados da pesca do coral, constituia os meios escassos de vida de Maffei e sua familia.

O pescador enviudara cedo.

Do amor ardente e rude com que o embalara por dez annos uma formosa procitana por quem se apaixonara, restava-lhe, como recordação viva da extincta

mocidade, como um beijo animado da felicidade que passou, uma alegria de quinze annos, uma filha querida, meiga e delicada como o affago de uma criancinha.

E ella o adorava, a pequena! Enchia-o de beijos e ternuras; era como um rouxiuol a acariciar um tigre. Nas tardes melancolicas do outomno, quando se assentavam ao sol no terreiro, contrastava com a brutesa do peito largo do pescador a engraçada cabeça de Rosalina, que se debruçava sobre elle.

Completava a pequena familia de Lipari uma boa e religiosa velha de seus cincoenta annos, ama, criada e amiga; Angela era, ao mesmo tempo, a mãe adoptiva da filha de Maffei.

Rosalina era encantadora. Como em quasi todas as meninas italianas adevinhavam-se-lhe os elementos de uma mulher bella. Difficil seria vel-a alguem, sem prender o coração naquella graciosa liberdade de movimentos; ouvil-a, sem guardar na memoria, como uma reliquia sagrada, o seu falsete de criança.

Ha quinze annos adormecia cedo e levantava-se antes d'alva, sempre rindo e cantando; nunca uma tristeza real lhe houvera nublado a transparencia azul de sua alegria, parado em meio uma das suas sadias gargalhadas. Amor, que não o da *Madona* ou o da familia, jamais entrara-lhe no coração; e contudo, nos ultimos mezes de seus quinze annos, cahia, ás vezes, n'um scismar de tristeza indefinivel, quando, de sobre a penedia, contemplava sosinha a extensão melancolica do mar; sentia em taes momentos como

vagas inquietações, que se lhe debatiam por dentro e procurava, tolinha! com insistencia pueril, arrançar do oceano o segredo de tudo aquillo; parecia-lhe que o ar mysterioso das agoas vedava a seu entendimento o verdadeiro motivo de seus anhelos.

Inexperiente, attribuia-os á vontade de viajar; nunca sahira de sua pequenina ilha e essa, apesar da belleza do céu, dos perfumes das florestas, das sombras das oliveiras, do amor paterno e da dedicação de Angela, enchia-a de tristeza e melancolia.

Aos domingos costumava ir á missa e em balde o aprendiz ou o operario se paramentava com seu gorro novo; a filha do pescador, logo em deixando os trajos domingueiros, nem mais se lembrava do moço, que a cortejara sorrindo, ou do singelo galanteio de algum dos do mesmo officio de seu pae.

Nem por isso deixavam de querel-a, que nas rodas divertidas dos alpendres, em quanto dansavam e riam cantando a *Tarantella*, ao som das gaitas de folles, Rosalina não era esquecida, e até muito de coração lamentavam a mania do velho Maffei de não consentir que a pequena fosse aos domingos bailar e brincar nos seus folguedos.

II

Principiava de declinar o mez de outubro, e já o inverno abria cedo os portões da noute.

O ceu betumado por igual de um cinzento chumbado e sujo, peneirava de vez em quando uma poeira

d'agoa, que se precipitava na lamina polida do mar, como si milhões de flechasinhas microscopicas crivassem o escudo enorme do fabuloso gigante marinho.

Das agoas, mortas e sombreadas pelo azul escuro da noute, levantava-se o torrão vulcanico da ilha, de-senhando phantasticamente no fundo plumbeo do-ceu os contornos negros das oliveiras.

As duas vidraças illuminadas da casa de Maffei fi-tavam da treva as ilbas visinhas.

Do lado opposto da ilha, os pescadores lançavam cantando as redes ao mar, e o som monotono de suas cantigas chegava esphacelado e tremulo, como o reflexo de sens archotes nas vagas.

III

Ia adiantada a noute.

A serenidade apparente da casinha branca contrastava com a agitação interior. Extraordinario de-veria de ser o facto que tinha, tão descostumada-mente, despertos até tarde seus pacificos moradores. Entretanto o bulicio crescia lá dentro: iam e viuham de um para outro lado, procurando, influenciados pelo silencio, que a noute só por si impõe, abafar o som dos passos e das vozes, como se tivessem visi-nhos ou podessem incommodar alguém.

Em tudo respirava uma impaciencia surda; as an-dorinhas pouco habituadas com o rumor, espreita-

vam curiosas e assustadas por entre as ripas com as suas cabecinhas pretas.

Apezar de velha e magra, Angela era forte e sadia: atarefada emmalava ferramentas e movia fardos com facilidade; Rosalina, por outro lado, dobrava e empacotava roupas e afivelava malas promptas.

Tratava-se sem duvida de alguma viagem.

Maffei era o unico que não parecia preoccupado com o que se passava; de natural sombrio e reservado não transluzia indicios de inquietação: imovel, em uma cadeira de páo, com o dedo grosseiro entre os dentes, dividia e sommava mentalmente umas parcelas imaginarias.

Sahiam-lhe inarticulados da bocca sons aproveitaveis só para elle; ao resolver qualquer questão deixava cabir sobre a meza de nogueira o punho cerrado, e com o ruido as duas mulheres voltavam rapidamente a cabeça; a immobilidade do pescador as tranquillisava e elle continuava entregue inteiramente ao seu cogitar.

Effectivamente preparava-se uma viagem.

Maffei partia no dia seguinte para Napoles, empregado em uma companhia, que se propunha continuar em Rezina a exploração das famosas ruinas de Herculano.

Decorria então 1838, e nessa epoca as ambições voltavam-se abertamente para Rezina, onde centenas de operarios e trabalhadores, lutando dia e noite, ou eram victimas de sua cubiça ou triumphavam ricos e victoriosos da luta desigual, travada por el-

les, com as lavas, que vomitara um dia o Vesuvio e setecentos annos petrificaram.

Seduzido pela fortuna ia o pescador deixar a filha; o genio aventureiro e especulador não lhe permittia avaliar o alcance da empreza. Bem conheciam as boas mulheres o character de Maffei, por isso mesmo que não arriscavam uma unica palavra para o dissuadir.

Para elle nunca as cousas estavam bem no pé em que se achavam. Era sempre preciso melhorar. Tinha a impaciencia do mar e a firmeza do ferro; quando qualquer idéa se apoderava delle era como a ferrugem, que avulta, domina, até corromper de todo.

IV

Mal raiara a aurora triste e descorada do dia da viagem, já de pé dispunha-se a familia para descer ao porto do embarque.

Ahi chegados, o pae apertou nos braços a filha; duas lagrimas grossas e varonis, como verdadeiros interpretes da linguagem muda e sincera do amor, abriam-lhe caminho pelas faces tostadas.

E, em quanto Rozalina esfregava os chorosos olhos com as costas da mão esquerda, Angela, meio afastada, resmoneava a oração favorita, a cobrir de bençãos o querido aventureiro.

Não tinha ainda o sol enxuto da humidade os rochedos, que durante a noute receberam chuva con-

tinua e carregada, já uma vela minguava ao longe da bahia, se confundindo com o claro-escuro das agoas.

V

Cinco mezes depois da partida do pescador, o tempo atirou aos habitantes da ilha um domingo, que se podia chamar a obra-prima de Março.

Só pode ser verdadeiramente apreciado o domingo por um artista, um operario, um estudante ou outro qualquer filho legitimo do trabalho e que a este dedique toda a semana. Os amados da fortuna e bastardos do suor, que vivem paulatinamente de seus calados rendimentos, têm sete domingos na semana e não logram conseguintemente o melhor e o mais legitimo dos prazêres—o descanso—. Para poder descansar é preciso principalmente uma cousa—can-sar—. Do que se conclue que o domingo existe e pertence exclusivamente a quem ocupe utilmente os outros dias.

A ilha apresentava um aspecto realmente encantador!

Por toda parte dansavam e cantavam grupos alegres de homens sadios e mulheres bonitas ao som da guitarra e do pandeiro.

A' missa da manhã não faltou habitante de Lipari, que prezasse seu caracter tradicionalmente religioso. Encontravam-se os namorados, trocavam-se meias palavrinhas de resentimento e ciuime, quando não de

amor; e, lá muito a furto, o noivo roubava ás faces morenas e coradas de sua conversada um suspirado beijo.

Os sinos da egreja de S. Thiago repicavam o termo da missa.

Era muito de ver os moços, com suas roupas domingueiras, perfilados á porta da egreja, aguardando a sahida de suas predilectas namoradas; e para logo surgir, ao calor metalico do bronze, uma onda sanguinea de mulheres frescas e fortalecidas, procurando, com os olhos inquietos e enfeitiçados, os daquelles, que as esperavam.

Assim appareceu Rozalina, cujos amarrotados da saia denunciavam o muito que estivera de joelhos.

Vinha um tanto aborrecida e fatigada: os olhos pareciam mais humidos que de ordinario e os movimentos mais demorados; as faces enrubescidas pelo calor da egreja, a ligeira transpiração, que lhe burrifava o labio superior e o nariz, davam ao moreno avelludado de sua tez os tons leves e palpitantes, cujo segredo só possuiu Murillo, quando, pintando a cabeça da virgem, reproduzia a belleza angelica de sua filha.

Trazia saia curta de panno escuro e grosseiro, deixando ver o começo de umas pernas bem feitas e terminadas por dous sapatinhos pretos de fivela e laço. O seio arfava-lhe sob a pressão do tecido rijo de barbatanas de bateia, que armavam um corpete de lã vermelho, muito justo e melhor talhado. Os cabellos, de tal negrura, que levantariam ao sol re-

flexos de azul ferrete, destacavam-se do quadrado de linho branco, que lhe toucava cuidadosamente a frente, e reapareciam mais abundantes no pescoço em forma de duas reforçadas tranças.

Estava cansada.—Que a deixassem ! Queria desafrontar-se daquellas roupas; e, passeiando os olhos pelos grupos multicores dos rapazes no vestibulo, parecia procurar alguém com certa impaciencia.

Mal dera alguns passos sorrira Os labios sempre annunciam rindo, quando os olhos acham quem o coração procura.

Com effeito, um moço sahindo da multidão acercou-se della.

Era um bello rapaz. Esbelto e destro, olhar sombrio e ardente, agradável expressão de amargura na physionomia, e summa confiança desamparada nos movimentos. Tinha uma cabeça esculptural, modelada pelo typo quasi extincto da raça Etrusco—Pelagia.

Como os mais vestia um jaquetão de velludo com mangas compridas e abotoadas, calções justos e claros, enfeitados de fitas na junção com a meia listrada, camisa de lã, aberta no pescoço.

Chamava-se Miguel Rizio. Filho de um musico romano, dedicara-se á arte do pae com algum successo até os doze annos. De repente vio-se orphão e sem apoio, ficando-lhe, como derradeira consolação, sua querida rabeça, unica que no viver miseravel de *lazaroni*, a que o condemnara a miseria, não o desamparou jamais. Dormiam abraçados, muita vez, pelos alpendres, quando lhes fallecia o tecto e a cama.

Um bello dia conseguiu fugir-se para Roma e lá melhorando a arte melhorou também os meios de subsistencia.

De volta á ilha, sua patria, encontrava-se aos domingos com Rosalina, e desde então, apezar da meninice da pequena, amou-a elle, quasi tanto, quanto a sua rabeça.

E ella? Valha-a Deus! Por esse tempo nem se lhe dava dos amores do musico.

Quem se deu foi o pescador—De uma feita, desconfiou dos olhos ardentes de Miguel, e, cravando nelles os seus, não menos ardentes e mais ferozes, fel-o desde ahí experimentar, a despeito da precoce energia de seus desenove annos, um não sei que desagradavel, que o obrigava a evitar sempre o pae de Rosalina.

Agora, ausente este, o moço sentia-se livre e feliz, e nestas circumstancias deu com franqueza o braço a Rosalina, tomando alegremente o caminho de casa, que não ficava longe.

A bôa Angela protegia os innocentes amores da pupilla, amores novos e superficiaes para ambas, que apenas ha dous mezes o sabiam; enraizados, porem, e velhos para Miguel, que de ha muito consumia noutes e esperanças a scismar na filha de seu gratuito e maior inimigo.

Caracteres angelicos como o do artista sabem e podem amar; não com esse amor sensual e grosseiro, cheio de desejos, que estiolam o coração e os sentidos dos filhos das grandes capitaes, mas com

essa fragancia singela, comparavel ao perfume da violeta e que se pode chamar affecto, religião ou mesmo fanatismo. Não a amava elle porque a desejasse, senão porque a sentisse em toda a sua individualidade; nelle tudo se poderia extinguir, menos esse sentimento, que o acompanhava como uma qualidade inherente á sua materia. Quanto mais procuravam evital-o, quantos mais obstaculos levantavam á sua passagem, quanto mais faziam por pizal-o; mais forte rescendia esse affecto, semelhante ás plantas do Oriente, que tanto mais perfume exhalam, quanto mais grosseira fôr a mão que as triture.

Supersticioso como era, tinha para si, que nem a morte seria capaz de destruir essa paixão.

—Quando eu morrer—pensava elle—ha de ficar nesta ilha o meu amor, triste, invisivel e inconsolavel, como um espirito penado, e irá todas as noutes deitar-se á soleira de tua casinha branca, minha Rosalina. Vês um frasco de perfume que se quebra e derrama o liquido perfumoso? Pois bem; os pedaços desaparecem, a humidade do chão, que o liquido ensopara, bebe-a o calor da athmosphera, mas o perfume fica e ficará por muito tempo!

Assim é que eu te amo, minha amiga!

No emtanto Rosalina estava longe de alcançar a grandiosidade deste sentimento, suppunha-o vulgar e reles, como sóe acontecer com as raparigas, que não conhecem o coração do homem.

VI

Ha dous annos estava Maffei em Rezina.

Ha dous annos cartas impregnadas de certo cheiro de prosperidade vinham alegrar a familia do pescador e sobresaltar o animo do pobre Miguel. Comtudo a casinha branca continuava naquella ignorada e encantadora solidão; agora, porem, as oliveiras deixavam apodrecer o fructo nos galhos, o lagar dormia ocioso e as redes da pesca não viam agua salgada desde muito tempo.

Fazia uma noute deliciosa. Uma dessas noutes sem lua, em que a frouxa claridade das estrellas povôa o campo de poesia e amor.

O relógio de S. Thiago badalejava, pausada e religiosamente, o toque do crepusculo, quando Miguel, com sua rabeca debaixo do braço, seguia abstrahido pela orla do caminho, que ia dar á casinha branca.

Em breve atravessava o patamar de pedra da casa do pescador, e descansava vagarosamente sobre a mesa a rabeca e o chapêo de feltro de copa alta.

Angela e Rosalina correram ao encontro do recém-chegado.

—Boa noute Rosalina ! Como passou, mãe Angela?

As duas responderam familiarmente a este cumprimento.

—Senta-te aqui, Miguel, disse Rosalina, arrastando uma cadeira de páo, em quanto do fundo da casa, um cão, uivando amigavelmente, veio cheirar os pés e as mãos do artista.

Fica visto por esta recepção que aquella visita não era novidade para nenhum dos trez.

Miguel assentou-se, sem cerimonia, ao lado de Rosalina; Castor, o cão, veio deitar-se-lhe aos pés, encostando-lhe humildemente a cabeça nas pernas.

Depois de algum silencio entabolou se entre os dous moços uma dessas conversações futeis e agradaveis, cujo segredo só possuem os namorados. Fallavam baixo, descansados e despercebidos de tudo, fallavam nimiamente por se ouvir um ao outro, com o egoismo dos amantes, porem sem affectação nem constrangimento.

Qualquer cousa que dizia Miguel, tinha muita graça para Rosalina. O menor gracejo do artista fazia-a mostrar os dentes claros e a lingua vermelha em uma de suas francas e sadias gargalhadas.

—Tocas-me hoje o teu *sonho*? perguntou ella, em seguimento da conversa.

—Tocarei, depois da leitura, mas trago-te uma musica nova.

—Feita agora?

—Concluida hoje; já estava principiada ha mais tempo.

—A quem é dedicada?

—Que pergunta! A quem poderia ser?

—A mim! disse Rosalina feliz.

—E sabes como ella se chama? perguntou Miguel.

—Como é?

—*Teu nome!*

—Rosalina?

—Não! *Teu nome!*

—Ah! fez rindo a moça.—Já sei! o nome é—*Teu nome!*

—Exactamente!

—Ora! o que se chama—*Teu nome*—por bem dizer não tem nome.

—Tolinha!... Queres que o mude?

—Não!. disse meigamente sorrindo Rosalina.

—Então! senhor Miguel! não temos hoje leitura? perguntou Angela, collocando a mão aberta sobre os olhos para poder enxergar o interrogado.

Este respondeu levantando-se e indo tomar um livro de um almario de páo, pregado na parede; depois assentou-se defronte da velha, que, junto á meza, cozia ao clarão da luz do azeite.

Rosalina foi-se reunir ao grupo.

Reinava o mais absoluto silencio.

Miguel abriu com pachorra o livro, no logar marcado por uma tira bordada, trabalho delicado de Rosalina, esfregou carinhosamente as palmas da mão nas folhas do livro, aberto de par em par; cruzou as pernas, enterrando os pés para baixo da cadeira, em que estava assentado; espivitou o pavio da candeia, e, depois de fitar abstractamente a cabeça branca de Angela, principiou, com a voz sonora e desembara-

çada, a leitura de uns contos phantasticos, que faziam o enlevo da velha e de Rosalina.

A isto succedeu completa tranquillidade.

Com o interesse do romance Angela parara machinalmente o trabalho e, firmando os cotovellos descarnados na madeira da meza, ficava automaticamente a fitar, com o rosto apoiado nas mãos compridas e ossudas, o movimento regular dos labios do leitor.

Dominada como estava pela magica influencia do livro, ligava indistinctamente não sei que relação entre a physionomia expressiva de Miguel e o assumpto da novella; parecia-lhe que aquillo eram palavras e pensamentos delle, ditos e pensados ali, naquelle instante; ás vezes sentia vontade de abraçal-o, quando a passagem agradava-a, e ao contrario, revoltava-se interiormente, por amor das transcendentales maldades dos tyrannos do romance.

Choravam e riam silenciosamente as duas, conforme a situação. Tudo era interesse; até o proprio Castor parecia tomar parte na leitura, soffrendo resignado a vontade de ladrar contra as ruidosas lufadas do vento; ficava o pobre animal com a cabeça estendida e o olhar molle e sensual, a bater com a cauda de um para outro lado, com a uniforme oscillação de umia pendula.

No meio deste silencio a voz grave e compassada de Miguel, echoava monotonamente nas quatro paredes de betume cinzento.

Terminada a leitura, conversavam os tres sobre o enredo e character dos personagens, que figuravam

no romance, cujo desfecho Angela com muito empenho prophetisava.

Em seguida, Rosalina foi buscar a rabeça e Miguel executou expressivamente varias musicas de sua imaginação, não se esquecendo da ultima—*Teu nome*, que muito arrebatou e commoveu aquella a quem foi offerecida.

Com effeito desvanecia-se a rapariga com ser a inspiradora de tão bellas concepções, e ficava enlevada, como a sonhar, bebendo pelo coração as melancolicas harmonias, que manavam do instrumento apaixonado.

Assim fugiam as horas tranquillias e esquecidas da visita, até que os sinos de S. Thiago tocavam a silencio; então descontinuava-se o recreio: Miguel despedia-se, beijando a mão da velha e a fronte da moça, e, depois de tomar o chapéo e a rabeça, partia cabisbáixo.

Ao sahir o musico, fechavam logo a porta; a luz desaparecia da sala e as duas mulheres recolhiam-se para o mesmo quarto, onde resavam e dormiam juntas; tudo isto era feito com cuidado e devagariño, como se tivessem medo de acordar com o barulho a felicidade que se lhes agasalhara em casa.

Nas noutes em que Miguel se demorava ou não ia como de costume, sentiam-se as duas mal e impacientes, e Rosalina encostava-se então cantarolando ás hobreiras da porta, e derramava, de vez em quando, um olhar de tristeza pela brancura do caminho. Emfim, o rapaz era já como um membro

da familia, ou pelo menos uma necessidade para ambas.

Aos domingos de primavera, o sol ao levantar-se ás cinco horas já os via de pé e em caminho para a missa, então sempre apparecia um pretexto para se demorar o passeio, que os levava em geral pelas casas das amigas de Rosalina, onde Miguel era já conhecido e estimado.

O que posso asseverar é que o lenço, com que Rosalina assistio a ultima missa, era presente de Miguel; e a gravata com que este no ultimo domingo se enfeitara, era feitura das delicadas mãos de sua presenteada.

Era tudo harmonia e amor naquella casinha branca!

VII

Chegara finalmente o verão com seu cortejo de luz e de alegria; Agosto surgira enfeitado e casquilho como um noivo campezino a cobrir de beijos e mimos a formosa ilha, sua noiva. Vinha alegre.

O ceu, todo iriado, reflectia no mar seus mais bellos cambiantes; as arvores, então bem cobertas e reverdecidas, derramavam no chão uma alfombra azulada, cheia de languidez e perfumes que encantavam; a brisa sussurrava morna e maliciosa um segredo de namorados; golpeadas de luz quente, as rochas erguiam-se do mar como uns bellos mônstros, enfeitados de diamantes.

Quanta actividade na terra!

Quanta doçura no ceu !

O canto saía expontaneo das gargantas e os sorrisos dos labios, e de tal sorte se casavam no ar, que o canto parecia riso e o riso parecia canto ! A luz enorme do sol cahia filtrada dentro do coração, para ahi abrir uma aurora de mocidade e saude; a bondade vinha á superficie dos olhos como a agoa vem á superficie da terra; propagava-se como um som a alegria, e a gargalhada detonava como o echo desse som.

Pousavam nos colmos os passarinhos ou embalam-se chilreando nas hastes flexiveis das videiras. Como uma boa noticia, as andorinhas cortavam a ilha em todos os sentidos; inquietas como a fortuna, ligeiras como a curiosidade, ora roçavam-se na terra para lhe dizer um segredo, ora molhavam na bahia a pontinha negra da aza ou se desvaneciam no azul illimitado do espaço.

No inar o quadro correspondia em movimento e belleza de colorido ao da terra:

O oceano vestira uma domingueira camisa de rendas espumosas.

Por todos e de todos os lados singravam as listras multicores dos barcos pintados de novo; a espicha vergava com a vela reverberante e cheia. Os pescadores, satisfeitos com a pesca da noute, cantavam annunciando o peixe; outros, já desembarcados na praia, estendiam as redes ao sol, arrastavam o barco, e depois punham-se a subir as granitosas ladeiras, suando, vergados sob o pezo do resultado abundante

de suas pescarias. O filhinho, mesmo pequeno, já ajudava o pae: mettia-se de pernas arregaçadas no mar, para colher o cabo do bote e as redes; não o amedrontava a imponencia do leão marinho. Nas cabanas as velhas concertavam o peixe e punham a meza.

Era para ver o riso! O appetite! A felicidade emfim!

De repente divisou-se ao longe um barco estranho.

Diferente e maior do que os mais, tinha um ar sombriamente soberbo, que contrastava com a alegre singeleza dos outros.

Vinha como uma bala á queima roupa!

Dir-se-hia um insulto alcatroado. A vela opada, amarellenta e inchada como o sacco de couro de uma gaita de folles, lembrava ao mesmo tempo o ventre enorime de um cadaver, que vae apodrecer:

Os pescadores olhavam-no offendidos como para um intruso; indignavam-se com o vento e com o mar porque tanto o favoreciam. Tinham ciumes, os bons pescadores, das suas agoas e dos sopros de suas brizas.

Todavia o barco não diminuia de carreira. Chegou rapido ao porto, desceu a vela e atracou.

Um homem robusto e carrancudo, seguido de marinheiros e homens acarretados de malas, appareceu na praia e subio com pé firme á cidade.

Os camponezes e pescadores olhavam-no com aterrada desconfiança; dentre elles alguns davam mos-

tras de conhecê-lo, chegando-lhe até a fallar. A tudo respondia seccamente o recém-chegado.

Fez especie nas rodas.

Instantaneo e curioso silencio apoderava-se dos que o viam; não o largavam de vista; o—sujeito—era observado com respeito e reserva.

Os pescadores arriscavam com cuidado a palavra a respeito delle, murmuravam medrosos, mesmo quando já não podiam ser ouvidos pelo—máo homem—e em segredo diziam: era um *jetatura*, que os livrasse a Madona do máo olhado.

No emtanto o—do máo olhado—seguia indifferente o caminho da casinha branca e d'ahi a meia hora Rosalina abraçava o pae.

Maffei tinha chegado.

Foi um alvoroço em casa. Angela soltou uma exclamação religiosa e levantou os braços para o ceu.

E' sempre enternecedora a volta de um pae ao seio da familia.

Seja elle uma fêra, nessa occasião lia-de ser pae.

As palavras começadas, que não se acabam; o pranto, que assiste como um amigo da familia; o cão, que fareja alvoroçado; tudo! tudo é enternecedor e santo!

Só Maffei não chorou nessa occasião.

Acariciava, beijando a filha, porem sempre aspero e inalteravel.

Disse depois que estava cansado e que lhe dessem uma cama.

Em quanto dormia o aventureiro, Angela agradecia a Deus o seu regresso feliz.

Rosalina, com os olhos ainda humidos, remexia e examinava os objectos, que lhe trouxera o pae.

VIII

Foi se passando o tempo e o recém-chegado sem explicar a melhora da situação.

Tambem as mulheres não se animavam a perguntal-o, comprehendeu a boa gente que tinha melhorado de sorte, e a Madona por isso recebeu nessa noute uma grinalda nova toda perfumada.

Com effeito Maffei tinha enriquecido.

Em principio encontrou em Rezina a sorte adversa, porem, com energia e ambição soubera poupar e avultar um peculio, que, emprestado a juros e especulações mais altas, em pouco tempo se multiplicara. A economia rigorosa concluiu a obra, crescendo na razão directa do engrandecimento de seu capital.

Outros attribuiam a um principio illicito essa riqueza; aqui diziam que Maffei roubara; ali, que a fortuna o protegera, fazendo-lhe achar dinheiro nas escavações.

Sabemos que em Herculano não appareceu muito em dinheiro, porque a população tivera tempo de fugir, quando a cidade foi submergida; tambem sabemos que em Napoles ninguem se queixava de Maffei como ladrão, porem o que era patente e real é que

o pae de Rosalina voltava rico, mais ambicioso e necessariamente peor de coração.

Luzia-lhe agora com mais intensidade no olhar a cubiça vermelha e sinistra, como um pharol no meio da tempestade.

E não havia por ventura uma tempestade naquella cabeça?!

Sim! porem toda interior.

Não se ouviam os trovões nem os vendavaes, a revolução ia-lhe por dentro e só chegava á superficie da physionomia desfeita em espuma biliosa nos cantos arqueados da bocca e em sangue máo no vitreo dos olhos.

Isso era nos momentos de colera!

A' monotonia bondosa da casinha branca succedeu a tristeza, especie de pavor, que cerca o homem de má catadura.

Contra elle principiavam já a murmurar na ilha, e, si até ali tinha tido poucos amigos, nenhum desses lhe restava agora. Em geral o malqueriam, davam-lhe a paternidade de cousas horribeis; crimes medonhos, maldades atrozes, tudo servia para explicar a sua imprevista fortuna

Todavia, se bem que contrariado e só, ia elle vivendo, fallava menos e com mais indelicadeza; durante o somno, balbuciava palavras singulares. Frenetico e aborrecido, agitava-o sempre a mesma impaciencia e o mesmo cogitar.

Quaes seriam suas intenções?...

Não o sabiam as mulheres, nem se animavam a perguntal-o.

Com todas estas cousas ia avultando a tristeza na casinha branca. Rosalina já não era a mesma coto-
via alegre e bolicosa, cantadora e risonha, si cantava
agora era triste e suspirando. E suas notas e suspi-
ros iam, repassados de muita saudade, em busca de
Miguel, que, ao chegar o seu velho inimigo, arran-
cara-se dali, como o galho despartido, que o furacão
arremessa com estrondo ao longe.

Angela, cada vez mais devota, passava agora a
maior parte do tempo a rezar.

Desconsolado se tornara esse lar, que já em algum
tempo fôra vivo quadro de paz e felicidade.

Agora o quadro era sombrio.

Tres unicas figuras formavam o primeiro plano—
Um velho aspero, que scisma—uma devota, que re-
za—uma filha, que suspira; e lá, no ultimo plano,
meio escondido nas nevoas do poente, se divisava
um vulto esbatido nas meias tintas do horisonte—
um homem, que chorava abraçado a uma rabeca.
Ah! ainda havia no quadro uma forma negra, pare-
cia mais um borrão do que uma figura—era o cão.

Tambem vivia triste e chorava o animal, que o vi-
nas noutes de luar soltando uns uivos tão arrastados
e queixosos, que enterneciam o coração da gente.

IX

Assim decorreram duas estações, impregnadas, com
a vinda de Maffei, de aborrecimento e marasmo.

Uma noute estavam todos reunidos em volta da

meza; era a hora da ceia. Rosalina servia, preocupada, um prato de peixe com lentilhas; reverberava-lhe nessa occasião uma esperança n'alma, tinha de todo resolvido fallar ao pae a respeito de Miguel.

Angela conhecia os planos da pupilla e prestava-se, si fosse necessario, a ajudal-a.

A refeição passou-se silenciosa; ao terminarem-na, quedaram-se por meia hora, immoveis nos seus logares, mudos.

Ouvia-se o bater fóra do vento nas oliveiras e as cantigas longinquas dos pescadores nas praias opostas.

Rosalina, com as mãos frias, trouxe a Maffei o cachimbo.

O velho poz-se a fumar voltado para o lado da rua e a seguir com a vista o caminho, que lhe nascia á porta. Estava sombrio como nunca.

Faltava a Rosalina animo de fallar ao pae; finalmente, tomando uma resolução extrema foi-se-lhe encostar ao grosseiro espaldar da cadeira.

O homem de tão preocupado não se apercebera disso; um beijo da filha despertou-o, porem não o commoveu. Antipathico á ternura, continuava seccamente a fumar.

Rosalina, cujo coração pulsava cada vez mais impetuosamente, passou-lhe um braço em volta do pescoço, e, com a mão livre messando-lhe os cabellos; entre o receio e o desejo, mais medrosa do que terna:

— Estava triste !.

—Porque? interrogou indifferentemente o pescador.

Angela ouvia com interesse este dialogo.

—Tinha medo de pedir-lhe uma couza...

—E porque tinha medo? insistia o velho, sempre a fitar machinalmente a estrada.

—Porque o pae ia ralhar com ella.

—Então queres me pedir alguma tolice?.

—Não senhor!

—Então pede..

—Meu pae promette não se zangar?.

—Sim!

—E quando souber que tenho um namorado? disse abaixando os olhos Rosalina, porem agora mais terna do que medrosa.

Ao ouvir as ultimas palavras da filha, Maffei tirou vagarosamente o cachimbo da bocca e voltou-se, cravando nella os olhos vivos e interrogadores.

A rapariga estremeceu empallidecendo, sentia-se já arrependida do que houvera arriscado e com difficuldade conseguiu dizer vascillante—Não senhor! não tenho!

—Com que tens um namorado?! repisava entre dentes o pescador, ruminando a phrase.

Rosalina conservava o olhar baixo e, perturbada, alisava com a unha do pollegar da mão direita a costura de seu corpinho.

—Com que tens um namorado?!... repetira o velho.

—Porem—disse tremula e sem levantar os olhos

Rosalina—elle me quer tanto ! e eu estôu tão affeita a vel-o... e abaixando mais a voz, quasi a fallar comsigo, continuava—que era um bom moço, trabalhador, e que tudo era para bem, elle queria espozal-a, que.

— Quem é? interrompeu asperamente Maffei.

— E'... é... Miguel Rizio..

Um raio não produziria o effeito desta revelação. A phisionomia do velho alterou-se apopleticamente; firmado nas plantas, levantou-se, como impellido pelas molas da colera e descarregou com bruta excitação na meza, o punho cerrado e nervoso.

Foi um avermelhar d'olhos, um crispar de labios, um contorcer de nervos, mais rapidos que o relampago. Estava transformado.

— Miguel Rizio ! um miseravel !.

E ria-se ironicamente.

Rosalina, toda tremula, tinha a cabeça baixa e o olhar arrependido; apertava-se-lhe naquelle momento o coração, como se tivesse commettido um crime; dos labios, semi-abertos, fugia-lhe um vozear frouxo e tremulo, como um cardume de mariposas.

O vulto sombrio e preocupado do velho começou de passeiar authomaticamente de um para o outro lado da casa.

Tinha na phisionomia o sobresalto do marinheiro em perigo, nos movimentos umas ligeiras crispações, que lembravam o balanço do navio.

Era um capitão no seu tombadilho; as sombras do passado e do futuro, as vagas do grande oceano que o embalava; a confissão da filha, o vendaval.

E assim passeiava sem se dirigir para alguém, falava sem se voltar para Rosalina, parecia conversar com Deus, ou com o demonio! Saiam-lhe da bocca as palavras escandecidas e asperas como as pedras de um vulcão.

—E necessariamente elle vinha cá!... E en ignorava que a minha casa era frequentada por um Miguel Rizio!...

E voltando-se depois para a filha, como se fallasse a um marinheiro, exclamava em tom de ordem:

—Não te quero para casar com um maltrapilho daquella laia! Entendes?! Elle bem o sabe, que me evita, o miseravel!.. Tenho-te reservado—nome e posição!—Somente de ti depende a minha e a tua felicidade, pelo menos emquanto fôres bella! Nada tenho a receiar daquelle mendigo, porque partimos depois d'amanhã para Napoles! Veremos si o maldito *lazaroni* vae lá nos perseguir! E quanto a ti—bradou elle com mais força, apresentando a cara de frente da de Rosalina—Quero que não o tornes a ver!. Entendes?!

—Sim senhor—fez timidamente Rosalina.



Ir para Napoles!

Viver na grande capital com opulencia, belleza, mocidade, saude, alegria, admiradores; isto é, realisar o mais dourado dos sonhos, a mais sonhada das esperanças, o desejo mais querido e a mais brilhante

espectativa do coração de uma mulher bella e vaidosa.

Tal era o quadro que Maffei descortinava aos olhos fascinados da filha, tal era a cornucopia abundante, cuja fortuna suffocava de alegria o coração, ainda tenro, de Rosalina.

Do fundo de sua obscuridade, sentia a formosa filha do pescador as convulsões da perola nas profundezas do oceano.

Era a sede formidável de luz e de brilho! de admiração e de inveja! a febre de apparecer e offuscar! O direito da belleza e a impaciencia do ouro!

Vaidade! vaidade grosseira da carne! que suppõe desperdicio esquecer na ostra singella e honesta a joia digna de se corromper na cabeça de um rei!

Vae, criança sonhadora! E que te hajas tão ditosa que para ti Napoles seja somente o que o diadema de uma princeza é para uma perola.

Porem Miguel?! O querido namorado de Rosalina?!.

Oh! que imprudencia. lembrar uma lagrima, quando se trata de todo um futuro de prazeres e galas!

Quem se importa da petala de rosa, que o trem faustoso do rico, ao passar altivo, esmagou no caminho?!

Todavia Miguel era um ponto sensivel e doloroso no coração da moça ambiciosa. A despeito de tudo ella ainda o amava, e, no meio dos sonhos de grandeza, tinha para o pobre artista um suspiro de amor

e saudade, ainda o via, no fundo brilhante de seu quadro de irradiações e alegrias, sombrio, triste, meio espectro, meio homem, a chorar talvez, com certeza a soffrer. Via-o ella, esbelto e delicado, contra a luz de suas esperanças, e sentia projectar-se no disco iriado de seu coração a sombra negra desse vulto querido

Não ha felicidade, por mais completa, que se não resinta de uma mancha ao menos!

Todo e qualquer obstaculo, por mais mesquinho e miseravel quê seja, produz uma sombra relativa.

Subtraiam todos os mundos, todos! que o firmamento fique um *nada* infinito. Então deixem brilhar unicamente o sol, isolado e egoista. Só elle! e sua luz a perder-se pelo nada.

- Não se pode certamente julgar mais completa e inteira luz; pois bem, tragam depois um grão d'areia, só um! colloquem-no defronte do sol e será perturbada essa immensa pureza de luz! Um mesquinho grão de areia contra a enormidade da luz do sol! Todavia o grão d'areia será uma sombra!

Assim tambem grande e cheia era a taça de nectar, que Maffei entregara á filha, porem nessa taça havia uma gota de fel! Era o amor do artista.

A fortuna passara a cobrir Rosalina de beijos, porém nessa aluvião de caricias foi de envolta uma aranhadura.

Pobre Rosalina!

E neste vacillar, entre a felicidade e a dor, entre o bem e o mal, escrevera a Miguel uma carta, con-

tando-lhe, com honesta franqueza, o que se passara, e promettendo-lhe uma entre-vista, ás occultas do pae.

O rapaz ficou fulminado ao receber a noticia; emtanto, soffreu todas estas cousas affectando a mais indifferente tranquillidade. Exteriormente parecia no seu estado normal de tristeza e intelligencia, e comtudo não conseguiria, si tentasse, ligar duas idéas.

Tinha a lucidez no olhar, porem as trevas no cerebro!

De queixas, nem vestigios!

De resignação—todos os symptomas!

Depois da chegada do pescador, o musico nem cuidava de si, esquecera obrigações e talento!

Coitado! Sem familia, sem um amigo ao menos, por ventura companheiro com quem dividisse fraternalmente seu infortunio, soffria, o desgraçado, essa dor ignorada, que só tem uma expressão—a lagrima; só sabe um caminho—o do tumulto!

XXI

A casinha branca ficava situada em um dos extremos da ilha, para as bandas do nascente.

Era um ponto magnifico!

A modesta e sympathica vivenda olhava de frente, podemos dizer, sorrindo, para a estrada, que conduzia ao centro povoado da ilha; do fundo saia-lhe cor-

rendo em distancia de seiscentos passos a nossa já conhecida alameda de oliveiras, cujo solo formava um declive suave e fertil, plantado de ambos os lados, com variedade e gosto, até onde o terreno ia pouco e pouco se tornando mais ingreme e esteril com a visinhança do mar.

Então principiava uma ladeira pedregosa, que ia acabar, em grande distancia, n'uma ampla e formosa praia, de areias claras e batidas livremente pelos ventos.

Do lado direito, avisinhava-se o mar, entre o qual e a casa, interpunha-se somente uma clareira, onde Rosalina costumava assentar-se a tarde, e uma mouta de espinheiros, especie de cerca natural, que ali entrancara a natureza, para servir de ameias, que resguardassem as bordas perigosissimas desse lado.

Do esquerdo, o espaço entre o mar e a casa era desproporcionalmente maior, porem menos cultivado e coberto de uma vegetação enfezada e má. Por entre esse mato nascia uma picada, tão irregular e confusa, e tão difficultada pelos abrolhos e sarças, que quasi se não a percebia; e tanto mais ingrato era o solo, quanto mais se afastava da casa.

Perto desta era a terra cultivavel e solta, mas ia gradualmente se tornando calcarifera até chegar ao estado de pedra, a proporção que se aproximava das bordas da ilha, terminando por uma alcantilada, inteiramente lisa e escorregadia, pelo salpicar constante do pó humido das vagas, que se despedaçavam contra ella.

A rocha ficava a pique sobre o mar, o que a fazia um precipicio medonho !

Nas noites claras do estio, alguém que se trepasse pela penedia até galgar os alcantis aprumados e reluzentes, haveria de abranger, só com um abraço de olhos, a immensidade dos horisontes celestes e marinhos; e si, chegado á borda do abysmo, se debruçasse um pouco sobre a ingremidade da rocha, haveria de julgar-se solto no espaço, sem ligação alguma com este mundo e só prezo a Deus pelo espirito.

Então haveria de sentir debaixo dos pés os soluços espumosos das ondas, e sobre a cabeça a linguagem energica do nordeste, revelando á natureza adormecida, os mysterios da criação dos mundos.

E o mugir dos ventos e o rugido colerico do mar haver-lhe-iam de parecer, nesse instante de transporte, o resumo supremo de todas as forças, de todas as paixões, de todas as virtudes, de todos os vicios, de todas as tempestades dos homens e de todas as tempestades dos elementos, haver-lhe-iam de chegar ao coração como o index fabuloso do universo.

Assim, medonho e bello, era o lado esquerdo da casinha branca, o que o tornava desprezado e quasi ignorado, a não ser pelas gaivotas e outras aves aquaticas, que lá subiam nesses cumes, a procura do pouso e da solidão.

Tinha começado o inverno e, apesar disso, a noite marcada para a entrevista dos dous amantes, era tão serena, que faria chorar de inveja a vaidosa primavera.

Nem uma nuvem perturbava o aspecto ingenuo e puro do ceu.

As oliveiras solitarias e esguias, como toda a vegetação de Lipari, em virtude da leveza da athmosfera, beijavam-se voluptuosamente impellidas pela brisa fresca do mar, e projectavam no chão, contra a luz da lua, uma sombra de triplicado comprimento.

O vento estorcia-se, uivando como um doudo de azas e redemoinhava em torno das oliveiras, cujas sombras desenhavam na aspereza do solo phanstasmas singulares e monstros extravagantemente disformes.

As vezes o doudo mudava de rumo e quebrava no ar o murmurio das cantigas dos pescadores, que estendiam a rede do lado do poente.

E assim vagavam, soltas e desarticuladas no espaço, vozes confusas e dispartadas.

O mais dormia silenciosamente.

A casinha branca parecia, ao luar, embrulhada com frio, em um lençol de linho alvo.

A lua aborrecia-se, coitada! no seu eterno isolamento!

XIII

Por volta das dez horas da noite um barco costeava a ilha pelo lado da praia.

De vez em quando o vento, caprichoso e vadio, trazia de rastros alguns fragmentos de uma bella barcarola, que necessariamente vinha do barco. Eram as notas de uma chorosa rabeca; especie de harmonia chorada, ou melhor, de pranto harmonioso. O certo é que, musica ou pranto, doia á gente ouvir soluçar d'aquelle modo. Si fosse possivel fazer do coração um instrumento e tangel-o, com certeza havia o som de ser o mesmo que então se ouvia.

O barco vinha lentamente se aproximando da praia, e lentamente ia se calando o instrumento; d'ahi a pouco paravam ambos, e um vulto de homem, com ares de pescador, soltando o ferro, pojava na areia.

O barqueiro depositou a rabeca sobre um dos bancos de seu barco, conchegou melhor o capote de pescador e, dando alguns passos pela praia, encarou a silenciosa ladeira, frouxamente clareada pelo luar.

Miguel não faltara á entre-vista, porem, temendo vir pela estrada e ter de passar pela porta de Maffei, resolvera entrar pelo fundo, disfarçado em pescador; precauções necessarias para não ser descoberto pelo pae de Rosalina. O mar sempre era mais seguro.

Posto em terra; atravessou o espaço, comprehen-

dido entre a agoa e a ladeira e deitou a subir cautelosamente.

Subiu sempre até encontrar a primeira arvore, ahi parou e ficou a escutar.

Era tudo absolutamente silencioso.

Miguel encostou-se ao tronco da arvore e esperou.

Sentia-se mal, o pobre moço ! Desde que recebera o bilhete de Rosalina, meditava um meio de salvar a situação, e, por mais que dava voltas á cabeça, nada descobria.

Agora, prestes a vel-a, encostado á oliveira, com o cotovelo direito na mão esquerda e com a outra escondendo o rosto, fazia castellos magnificos e desfazia-os, com a mesma facilidade. Imaginava as cousas mais absurdas, os projectos mais irrealisaveis.

Lembrava-se de raptar Rosalina, fugir com ella para qualquer parte; ou empregar-se em Rezina; como operario, e especular, como fizera Maffei; ou deixar-se morrer; ou matal-a.

Emfim, mil outras idéas deste genero encontravam-se, debatiam-se, a morderem-se sangrentas, no cerebro molesto do pobre rapaz, como, na mesma patria, irmãos se devoram e matam em tempo de guerra intestina.

Assim permanecia elle estático, com o rosto escondido na mão esquerda, invejando interiormente a tranquillidade feliz da natureza, que parecia adormecida a sonhar amores.

—A terra, essa boa mãe—pensava elle—tambem tem um coração: As vezes parece soffrer, porque ge-

me; sentir alegrias, porque ri; amar, porque soluça; emfim não podia deixar de ter um coração, porque é mãe.

XIV

Em quanto Miguel, encostado a arvore, era todo meditação e scismar, do alto indeciso da ladeira alvejava um vulto tremulo, cujas roupagens fluctuantes se desvaneciam nas sombras transparentes da noute.

O coração do moço estremeceu, como o ferro quando se avisinha o iman: era Rosalina que se aproximava.

Com aquella cega e santa confiança, que as singellas camponezas tem em si, com o desamparo dos corações que não se arreceiam das trevas nem da luz, descia a ladeira, descuidosa, a filha do pescador, procurando descobrir nas sombras o vulto querido de seu amante.

Assim que o devisou, deitou a correr francamente para elle com os braços abertos.

Mais parecia descer voando, que correndo; Miguel com os olhos do coração via-lhe as azas, que a amparavam no vôo.

O vento, repuxando-lhe para traz as saias e os cabellos, contornava-lhe a redondeza correctá da cabeça e as curvas voluptuosas e macias do corpo; era como si a mão invisivel de um gigante a tivesse segura por traz, e pouco e pouco a viesse aproximando dos labios de Miguel.

Nessa occasião para elle Rosalina mais que nunca parecia um anjo; para os amantes—vir de cima—é sempre baixar do ceu quando se trata do objecto amado.

Era aquillo um descer vertiginoso e quasi phantastico: as pedrinhas do chão desprendiam-se e rolavam com ruido até a praia; os bellos e adestrados pés de Rosalina corriam pelo solo conhecido, com a facilidade com que deslizam pelo teclado os dedos de um mestre de piano. Atravessando a alameda, ora recebia em cheio o luar pelos claros da folhagem e pelos espaços de entre as arvores, ora se cobria rapidamente de sombra para reaparecer logo na luz. Miguel correu ao encontro de Rosalina, recebendo-a em cheio nos braços.

Vinha offegante de cansaço, e nesse estado se abandonava de si, para de todo se entregar negligentemente aos braços do amante.

Assim ficaram por algum tempo silenciosamente abraçados; ella a respirar sofregamente e elle a faltar-se de vel-a, queimando-a com esse olhar, que parece o reflexo vermelho do incendio que vae pelo coração.

Desabraçaram-se para segurar as mãos um do outro; os amantes, quando sós, nunca tem as mãos ociosas.

—Oh! como estão frias! disse Rosalina, tomando entre as suas as de Miguel.

—Tenho-as frias como tenho despedaçado o coração, nunca ha calor nas ruinas!—volveu tristemente

Miguel e recolheu-se a scismar; porem, pouco depois, tomado de agitação subita, ergueu com força a cabeça e rompeu a fallar desordenadamente, como si a dor que desde a vespera prendera em ferros, rebentasse á vista de Rosalina medonha e troadora, rompendo cadeias, violando reprezas.

—Ouve, Rosalina! Eu tinha uma fortuna! uma esperança! uma alegria, uma unica felicidade! desde o principio de minha vida, isto é, desde que te conheço, meu amor! Teu pae entendeu para si de transformar em uma chaga sempre aberta, isso que era meu unico sorriso. Vaes partir para Napoles e vaes rica; eu conheço bem os costumes dessa cidade, são mãos e perigosos, principalmente para os ricos! serás porventura a mesma quando lá te vires, cercada de opulencia e de aduladores?... Essa duvida é o que me mata!

E soluçou.

—Miguel!...

—Tenho medo, minha Rosalina; pode muito a ausencia! tenho medo de que te esqueças por uma vez do pobre artista! E o que seria de mim si tu me deixasses de amar? Desapparece e nada mais aqui fica que me aproveite: Apaga a luzinha que conduzia o viajante, e vel-o-has perdido; toma o cajado ao cego, e vel-o-has cahir; priva do sol a planta, e vel-a-has murchar; arranca do desgraçado a crença em Deos, e vel-o-has succumbir. Pois bem! Tu és a estrella que me guia ao futuro, o cajado que me ampara na vida, a luz que me dá crenças e a crença

que me dá forças. Desapparece e eu cahirei nas trevas e morrerei sem crenças! Repito, Rosalina!— disse Miguel commovido e enxugando as lagrimas— Repito! tenho medo que te esqueças para sempre de mim!

—Não, meu amigo, não me é mais possível esquecer-te—volveu a moça, conchegando para si o amante e passando-lhe os braços em volta do pescoço—O amor que te tenho, meu amigo, não entrou neste coração já feito e desenvolvido, não! elle aqui nasceu, fecundado por ti, foi pequenino e hoje está crescido; eduquei-o pouco a pouco, como se educa um filho querido, que sae de nossas entranhas; amamenteei-o com minha primeira esperança; alimentei-o depois com tua dedicação; santifiquei-o ao calor religioso de teus sacrificios e finalmente robusteci-o ao clarão vivificante de teu talento. Amei-te, porque és nobre, forte e dedicado! Hoje o nosso filho querido, o nosso amor é o dono absoluto de mim; o coração, com a fraqueza de mãe, habituado a fazer-lhe todos os caprichosinhos, já não reage. E parece-te que eu seria capaz, que poderia, ainda se quizesse, enxotal-o de casa? Não sabes que depois da recusa de meu pae mais e mais eu te quero? Oh! mas elle consentirá em tudo! meu pae é bom e ainda não te conhece bem; logo que assim aconteça gostará necessariamente de ti! E muito mais sabendo que eu te amo tanto e tanto! E dizendo isto, Rosalina cada vez mais estreitava o amante com carinho.

E elle com os labios juntos aos della, sentia cahi-

rem-lhe dentro aquellas palavras como beijos incendiados.

Todas as trevas de seu passado dispersaram-se espavoridas como um bando de aves negras ao contacto da luz d'aquelles beijos. Sentia-se novamente feliz.

Dessa felicidade ou talvez dessa vaidade que enche os corações ainda moços e enamorados, quando embevecidos recebem dos labios da mulher amada a confirmação da propria fortuna. E assim foi que Miguel, possuido do inesperado contentamento, rindo e chorando, murmurou em segredo e desordem junto aos ouvidos de Rosalina:

—Falla! falla! meu amor! Continua a dizer dessas cousas! Enlouqueço de te ouvir dizer assim nossa felicidade! Dize! Dize que me amas muito e que me amarás sem fim!

E o roçar dos labios dos amantes desprende um beijo, semelhante a chispa, que o attrito do ferro levanta da pedra.

Uma faisca é sempre perigosa: pode fazer explosão!

Subito! um jacto de luz vermelha inundou rapido o grupo abraçado dos dous amantes.

Si Satanaz existe, deve ser dessa cor a sua aureola.

Rosalina soltou um grito horrorizada, grito igual ao da cotovia ao sentir a bala do caçador, e cahio sem sentidos nos braços de Miguel, que, immovel, hirto, chumbado á terra, parecia uma estatua de bronze, tendo nos braços uma mulher bella e pallida, como o antigo marmore de Carrara.

Continuava o sopro brando e sussurrante da brisa do mar.

Rosalina tinha a cabeça pendente para a terra e seus cabellos indifferentes, brincavam ao soprar travesso da brisa com as pedrinhas soltas na ladeira.

O silencio principiava a coalhar.

A cinco passos de distancia, de pé, com uma lanterna furta-luz na mão esquerda, e com a direita sustentando uma machadinha de abordagem, estava do alto Maffei, pallido de raiva, com a bocca cerrada a salivar biles.

Luzia-lhe o olhar com a mesma vermelhidão da lanterna; os cabellos empastados de suor, cahiam-lhe humidos pela testa. Estava medonho.

Era um quadro sombrio e lugubre:

A figura austera do velho, mergulhada na penumbra, contrastava com o grupo illuminado do primeiro plano. A atmosphera começava de se fazer carregada e pouco e pouco escondera a lua.

O foco da lanterna augmentava a densidade das sombras, onde os olhos de Maffei brilhavam como os de um gato bravo. Esse olhar tinha as phophorecencias da pupilla do tigre.

O desgraçado Miguel sentia mais que nunca a in-

fluencia magnetica d'aquelles olhos que o fitavam da escuridão; afiguravam-se-lhe a propria sombra a es-pial-o.

Nessa occasião a lanterna tinha um que de humana e atrevida: parecia uma cara risonha e ironica a se contrahir no vidro sujo de pó e a deitar para fóra a lingua comprida e ensanguentada, lingua de luz, cuja claridade doia como um insulto.

Quando essa claridade cahio em cheio no rosto de Miguel produzio-lhe o effeito de uma bofetada. Estremecem e corou de vergonha.

Felizmente voltara-lhe o sangue frio.

O velho, com um gesto imperioso e grosseiro, ordenou-lhe que o acompanhasse; Miguel machinalmente abaixou a cabeça, em quanto Maffei, sempre calmo, deu-lhe indifferente as costas e poz-se a subir a la-deira.

Rosalina permanecia sem sentidos nos braços do amante, que, com tranquilla delicadeza, segurou-a pelos joelhos com a mão direita e com a esquerda amparou-lhe a cabeça languinhenta, e, como uma mãe faria ao pequenino, deitou-a carinhosamente no collo; depois, segurando-lhe as costas com o braço, fel-a descançar com cuidado a cabeça em um dos seus hombros, e começou de seguir silenciosa e vagarosamente o velho.

A luz da lanterna ia gradualmente amortecendo se, a proporção que no ceu o negrume se desenvolvia.

No meio do silencio destacavam-se os passos ca-

denciados do velho e o ranger de galhos e folhas seccas, que o outomno arrojara ao chão.

Um ou outro passarinho, enganado pela claridade da lanterna ao passar Maffei, piava do seu esconderijo, cumprimentando o dia artificial.

Quando a gente sobe uma ladeira, qualquer pezo estafa logo e parece avultar extraordinariamente.

Depois de cincoenta passos Miguel sentio-se exhausto. A proporção que ia subindo, mais ingreme, mais pedregosa e mais difficil era a ladeira; firmava o pé, e a pedra em que o firmava desprendia-se a rolar ruidosamente até a praia; então o equilibrio e a agilidade substituíam as forças, que aliás lhe mingavam.

Para se animar apertava de vez em quando o corpo de Rosalina, ao que a desfallecida respondia com um suspiro tranquillo e duvidoso, como o resonar de uma criança adormecida.

Porem pouco e pouco foram desaparecendo os ultimos recursos e reproduzindo-se as difficuldades: o suor jorrava em bagas da frente do moço; as pernas tremiam-lhe; a vista perturbava-se; a lingua secca; o coração doudo; a cabeça perdida; a respiração cada vez mais demorada e mais forte. O corpo de Rosalina parecia de chumbo; o cansaço fizera delle um corpo de gigante. Ora desanimava, ora reagia: as forças iam e vinham. Era um vai-vem de agonias.

E nesta vertigem acompanhava elle com a vista esgasiada a luz vermelha da lanterna, que gradualmente ia se afastando, sempre a diminuir.

Sem saber porque, ligava certa correspondencia entre as proprias forças e o bruxolear tremulo da flamma; parecia-lhe que, extincta aquella luz, faltarlhe-ia o animo para o resto do caminho; pedia mentalmente á Deus a vida para ella, com o mesmo fervoroso interesse como o pediria para si.

Comtudo, a lanterna estava já nos seus ultimos arrancos.

O velho tinha com vantagens de forças augmentado o espaço entre si e Miguel; mais dez passos, oito! cinco passos! dous... e chegou!

A lanterna escondeu-se, a luz desapareceu para Miguel. O rapaz vacillou, ia cahir! Equilibrou-se!..

Um vozear confuso e penetrante parecia-lhe dizer aos ouvidos—Animo!

Um esforço mais! Um ultimo arranco!

O moço reunio os destroços de suas forças; beijou com os labios cobertos de suor o rosto gelado de Rosalina, e cortou de carreira os ultimos trinta passos que lhe faltavam.

A lanterna crepitara o seu ultimo clarão, podemos dizer, o seu ultimo suspiro, brilhou mais forte e morreu!..

Nisto Miguel acabava de atravessar a porta do fundo da casinha branca e cahia desamparadamente no chão, com Rosalina a seu lado.

Desabou, quasi morto.

O suor corria-lhe de todo o corpo; a caixa dos pulmões erguia-se e abaixava-se com a sofreguidão de um folles enorme, fazendo grande rumor á respi-

ração ao sahir; a voz desaparecera: as palpebras fecharam-se; o suor convertera-se em humidade pegajosa e doentia, como a ultima transpiração de um tísico.

Sentia vertigens e vontade de vomitar. Era um incommodo comparavel ao enjôo do mar.

XXVI

O pescador foi ao interior da casa e pouco depois voltou.

Com a presença do velho, Miguel ergueu-se de um pulo—era outra vez um homem.

Em um dos angulos sombrios de um quarto, Angela, ao clarão minguado da luz do azeite, orava á Madona; a claridade mortiça do nicho escorria até á varanda e batia em cheio na pallidez nublada do rosto de Rosalina. Estava sinistramente encantadora!

Maffei aproximou-se della, arrastou-a até o leito e voltou.

Um gemido da desfallecida attrahio para ahi no mesmo instante Angela; para os corações extremosos, um gemido é sempre um appello urgentissimo.

Voltava o velho com as mãos vazias e o olhar tranquillamente feroz; Miguel não era covarde, esperou-o sereno, de braços crusados.

—Precisamos nos entender, disse Maffei com aspereza. Venha! E tomou o lado dos abrolhos, á esquerda da casa.

Miguel seguio-o silenciosamente.

Entranharam-se na picada e desapareceram.

O caminho não era frequentado, com que se tornava mais difficil e em parte quasi intransitavel.

Miguel si quer o conhecia, o velho porem, apesar dos obstaculos e do negrume da noute, que se tornara sombria, caminhava desembaraçadamente e até com pressa; o outro seguia-o, perdendo-o as vezes de vista, cortando com difficuldade a vegetação enfezada, que lhe obstava a passagem; os galhos chicoteavam-lhe as pernas e o rosto; diversas partes do corpo sangravam com os espinhos, duas gotas de sangue, que lhe corriam pela face, lembravam duas lagrimas vermelhas.

Depois de vencerem duzentos difficultosos passos, deram subitamente com a rocha, achavam-se de frente do mar.

As lufadas fortes do vento annunciavam proxima tempestade.

O tempo parecia colerico e os dous homens calmos e sombrios.

O velho assentou-se tranquillamente na unica pedra solta que havia e com um gesto convidou o companheiro a fazer o mesmo.

Miguel acceitou o convite e ficaram juntos.

A pedra era pequena, o que os obrigava a ficarem encostados, unidos, sós, como dous bons amigos de infancia.

Depois de algum silencio, Maffei abriu a fallar, porem era como se o fizesse por mera formalidade,

fallava como se estivesse lendo, era como se proferrisse as phrases convencionaes de um juramento perante um tribunal. Aquellas palavras methodicas e sem expressão verdadeira lembravam a missa. O velho fallava como um padre.

—Theodoro Rizio, principiou elle, viuen para vergonha sua e da familia. — Era devasso e encontrado constantemente bebado pelos alpendres; foi accusado de assassino e morreu prêzo em uma prisão de Leorne. Sua desgraçada mulher não o sobreviveu por muito tempo, morrendo pouco depois, de tísica, dizem uns, de miseria, dizem outros; de vergonha, digo eu.

—De desgosto!.. emendou Miguel, deveras chocado com as palavras grosseiras do pescador, que lhe cahiam na cabeça. pezadas e inteiriças, como parallelepipedos de pedra.

—Não é isso verdade?!.. perguntou Maffei.

—E', fez seccamente o moço.

O velho continuou sacudindo os hombros, cada vez mais authomaticamente.

—Ficou desses desgraçados um filho; não sei si herdou do pae todos os vicios, porem é certo ter herdado toda miseria, que o fez perigrinar pelas ruas de Roma, sem pão, sem lar e sem familia. E' isto ou não verdade?

—Meu pae, disse humildemente o filho de Theodoro, não me deixou miseravel, deu-me uma rabeca e ensinou-me a tirar della o pão para a bocca.

—Mas foste um vagabundo?!

—Fui.

—Bem, continuou o velho. Eu tambem fui pobre, eu tambem tenho familia, emtanto nunca fui desgraçado!

—Porque foi sempre feliz, disse indifferente o moço.

—Mas sou muito ambicioso! muito! Entendes?! disse o velho arregalando os olhos e batendo convulsivamente na perna de Miguel.

—Já o sabia, respondeu este com calma.

O velho continuou como se fallasse para si:

—Fui pobre! é verdade! mas trabalhei e trabalhei muito e por muito tempo, para ajuntar alguma coisa; poupei, especulei e consegui enthesourar ainda mais! Hoje sou rico! bastante rico! Entendes? Porém, mais do que nunca ambicioso. Preciso de minha filha para subir, talvez venha a ser nobre, e não para dar-t'a a ti ou a outro qualquer bohemio.

O moço resmungou alguns sons inintelligiveis.

—Bem sei, proseguio mais brando o velho, de tudo quanto se tem passado; Rosalina soffrerá, por isso que o ama, mas espero que em breve esteja tudo acabado. O senhor fica aqui e nós partimos. Por ora accete isto para se arranjar.

E assim dizendo procurou metter na mão de Miguel uma bolça com dinheiro, que tirara da algibeira.

—Guardo-o! disse este com altivez. Não preciso de esmolos!

—Não quer então accetar? insistio Maffei.

—Não ! disse resolutamente Miguel, levantando-se.

—Comtudo creio que não nos apparecerá em Napoles. . .

—É impossivel ! . .

—Impossivel?! . . . Perguntou Maffei, cuja colera principiava a transpirar. E o que vae lá fazer ? Sim ! o que vae buscar?! . . .

—Ver Rosalina. . . disse naturalmente Miguel, procural-a, dizer-lhe que a amo e amarei sempre!

—É essa a sua resolução ?

—Até a morte.

A resoluta calma do artista incendiou o animo do velho, e, transformando-o rapido como um raio, assistio-lhe sangrenta a raiva por todos os poros, como se dentro lhe rebentasse uma aneurisma de colera.

Rangiam-lhe os queixaes; roncava-lhe a respiração; partiam-lhe chispas diabolicas dos olhos; as unhas, de tão cerradas, sangravam-lhe as palmas. E medonho e insolentemente nervoso, levantou-se cambaleando.

Cravou por algum tempo no moço o olhar esfogueado e com uma voz, que seria a do tigre si o tigre fallasse, bradou.

—Preferes antes morrer ! desgraçado ! a deixar de vel-a ? Não é isso?! falla !

O velho roncava estas palavras na posição da fera que arma o pulo. Firmado nas plantas, com as mãos abertas como duas garras, encarava feroz Miguel, como suspenso a espera da resposta suprema.

O amante de Rosalina, depois de breve perturbação, meneou a cabeça affirmativamente.

Este gesto foi o grito de guerra:

Um bramido selvagem ecoou nas cavernas do peito do velho! E a panthera aremetteu contra a victima!

Abalroaram-se!

XXVII

Entretanto as nuvens negras cresciam no ceu, como os phantasmas crescem na sombra, como o remorso cresce no coração, como a ferrugem cresce no ferro e como a ulcera cresce nos pulmões.

Em pouco o ceu se convertera em trevas.

O mar, cada vez mais encarapinhado, quebrava-se de encontro á rocha, salpicando-a de cuspalhadas espumosas e grossas, como as de um ebrio.

Com este salivar a pedra se tornava mais e mais escorregadia. Já o pé não encontrava resistencia.

Peito a peito, braço a braço, lutavam os dous homens; ora escorregava um e se firmava no adversario; ora cambaleava o outro e restabeleciam o equilibrio.

A luta continuava.

Abraçaram-se mais. Estreitaram-se com o frenezi de dous amantes moços que se encontram depois de longa ausencia.

E lutaram!

De repente deslocou-se o ar com a detonação da queda de um só corpo.

Foi uma queda para dous; rolavam formando um só vulto.

Lembrava aquillo uma besta informe nas agonias da morte: os dous formavam uma fera.

Era a mocidade fundida na colera de um velho. A força dos vinte annos e a colera dos cincoenta eram o motor doudo do bruto negro, que engatinhava, rolava e se torcia na lisura da pedra, um monstro marinho, fóra d'agua.

A' claridade phosforica do mar a besta movia-se em todos os sentidos e tomava novas proporções; parecia phantasticamente ora crescer, ora diminuir.

A bocca espumosa do velho esfregava-se pala cara do moço, segredando-lhe em tom terrivel e quebrado pelo cansaço estas palavras:

—Pois morrerás! Miseravel!..

E mordiam-se.

—Pois morrerás!

E procuravam matar um ao outro.

Lutavam!

E a rocha cada vez mais escorregadia, o ceu mais negro e o mar mais bravo.

A luta tendia a enfraquecer: a fera ia socegando; a massa bruta dilatava-se: a mole negra parecia diluir-se.

Era ó cansaço!

Disfaziam-se como uma nuvem negra no horisonte.

Como um urso enorme e velho, arrastavam-se^e surda e vagarosamente para a borda do precipicio.

Miguel se apercebera disso e reagio: com um es-

forço supremo lograra tomar sob si o velho, ficando de gatinhas sobre elle. Tinha um aspecto feroz! o sangue escorria-lhe por entre os dentes e pelas ventas; a posição, como o olhar, eram irracionaes. Nesta attitude ia atirar-se á garganta do adversario, quando este, concentrando o resto das forças, reagio por sua vez: com um empurrão expellio de si o moço.

Miguel rolou pela pedra até segurar-se nas asperzas das bordas do precipicio.

Maffei não lhe dera tempo para mais, de um salto deitou-se ao comprido no chão, e, engatinhando com ligeireza de tigre, agarrou-o pelas costas.

Cincoenta pés os separavam do mar, e nesse ponto a pedra era inteiramente ingreme, quasi cavada.

Miguel torcia-se todo nas mãos do velho.

De repente um grito agudo e rapido, succedeu a uma gargalhada surda, estalada pelo cansaço. Gargalhada como só sabem dar um velho máo ou uma mãe douda.

Maffei de bruços sobre a rocha, via tranquillamente rolar pelo precipicio o corpo ensanguentado de Miguel. Um sorriso cansado e triumphante encrespou-lhe os labios esfolados, ao ouvir o ruido cavo de um corpo que cae n'agua.

A tempestade, que se preparava ameaçadora, horrenda, desabou, encerrando o spectaculo; e o mar, contente de sua preza, gargalhou com seu rir de espumas.

Começou de chover copiosamente.

SEGUNDA PARTE.

I

Na celebre rua de Toledo em Napoles, por ventura mais bella hoje do que no anno de 1843, epocha em que succederam-se os factos que vamos narrando, figurava uma casa cinzenta com cimalthas de marmore cor de rosa.

O edificio tinha trinta metros de altura sobre sessenta de comprimento, e, a julgar da collocação e feitio de portas e janellas, e attentando para as folhas de acantho que ornavam o abaco das columnas de dez diametros de altura e pertencentes sem duvida á rica e variada ordem Corinthia, era talhado pela eschola antiga.

A face dianteira, posto que um tanto chata, era bem architectada, podendo ser dividida em tres partes distinctas.—A central, com cinco janellas de honra e tres portas de entrada geral, sendo a do centro mais larga e mais guarnecida—e as duas partes lateraes, inteiramente iguaes entre si, com tres

janellas cada uma e fechando em graciosa curva as extremidades do frontespicio.

Destas extremidades partiam duas alas de columnas, que, sustentando um espherico avarandado de balaustres do mesmo marmore das cimalthas, ladeavam elegante e circularmente o edificio.

O portão central com pilares de marmore tambem cor de rosa, abria para um atrio, especie de corredor quadrado, cujas paredes betumadas com terracosa, apresentavam em alto relevo, assumptos mythologicos, notando-se alguma monotonia na disposição symetrica das figuras meio humanas e meio irrationaes, sendo na maior parte fabulosas.

O chão desse corredor, ladrilhado de pedra de diversas cores, terminava por uma ampla escadaria de pedra calcarea, dividida em dous lances, que se encontravam na extremidade superior. Ahi uma varanda gradejada com vista para o corredor dava passagem para o interior da casa por uma larga e bonita porta, que communicava immediatamente com a sala de espera, na qual uma infinidade de estatuetas, vasos de prophiro e outros muitos variadissimos objectos d'arte distrahiam a attenção de quem lá se achasse.

Seguia-se a sala de visitas, preparada e guarnecida com gosto e rigor, sobresahindo do roxo escuro das paredes a brancura opaca dos bustos e estatuetas de jaspe, collocadas de espaço a espaço sobre trabalhadas pianhas de basalto; magnificas mezas de sycomor, caprichosamente talhadas refletiam-se pe-

jadas de delicadas teteias, nos espelhos oitavados com moldura de metal dourado embutido no ebano; o chão de madeira burnida (systema d'aquelle luxuoso-tempo) luzia como uma lamina de aço polido, reflectindo o fundo artisticamente talhado das cadeiras e das mezas.

Atravessavam-se ainda algumas casas, destinadas a salões de baile, alcovas particulares e camaras de recreio, taes como bibliotheca, sala de fumo, quarto d'armas, etc. etc., até se chegar a uma enorme varanda que costeava em semi-circulo de um lado a outro toda casa.

Effectivamente dessa varanda gosava-se de uma vista esplendida e variadissima: das janellas da frente devassava se a *Chiaja*, *Villa Realle* e lados de *Capo di monte*; quem ahi estivesse veria o formigar constante e geral da população e sentiria o confuso motim dos cafés, restaurantes, ourivesarias e casas de modas, de que já então abundava a rua de Toledo; d'ahi envolveria agradavelmente com a vista o soberbo *Palacio Real* com seu competente jardim á beira do golpho, e seus grupos de bronze no começo do jardim.

Do fundo davam as vistas sobre uma magnifica chacara, pertencente á casa, bem plantada e guarnecida, tendo no centro um bello chafariz de marmore rajado. Galgavam depois os olhos os grupos amontoados de casas e quintaes, e alcançavam finalmente os pitorescos arrabaldes, annunciados pela copa de arvores seculares.

Nada ha tão desastrado e perigoso como mudar repentinamente de posição.

Modificam-se os caracteres mais firmes e delicados e confrangem-se as crenças mais arraigadas; é um desmoronar doloroso, é um desesperar de naufrago: illusões desfeitas, convicções profanadas, affectos destruidos, tranquillidade nulla, amor proscripto—taes são os effeitos da luta desigual dos habitos de toda vida com o capricho vaidoso de um dia; taes são os restos que, apoz a tormenta, sobrenadam á flor do oceano revolto da alma, como restos de um coração que naufragou.

Grosseira e estúpida ambição é a que leva o homem a trocar a paz segura do lar pela supposta fortuna.

Foi isso que succedeu á família do pescador—enriqueceram.

Para alguns enriquecer é naufragar, não em alto mar, porem em alta sociedade.

O vicio é a fome desse naufragio.

Maffei enfronhara-se na opulencia como em uma casaca alheia: sentia-se mal; incommodavam-lhe as mangas compridas de mais, porem a tudo fechava os olhos, com tanto que desses sacrificios resultasse para elle dignidades e considerações.

Era o seu sonho dourado.

E com essas honras e com esses suppostos titulos acharia elle a felicidade ?

Não, de certo, porque a verdadeira felicidade é incompativel com o ruido e com o fulgor. Não ! porque ella é tranquilla, singela, economica e alheia a tudo que é brilhante e espectacularo.

A felicidade, como o mais neste mundo, é relativo e só pode subsistir dentro de seus competentes limites.

Maffei, cego pela ambição, buscava uma felicidade alheia. Desgraçado !... fatalmente seria victima de sua cegueira, tanto quanto uma ave que tentasse mergulhar ou um peixe que quizesse voar.

A casa cinzenta da rua de Toledo era propriedade do antigo pescador.

Com algum geito, conseguiu introduzir nella o jogo elegante; receber todos os sabbados e gastar todos os dias.

O ouro é para o parasita o que o iman é para o ferro: em pouco tempo encheram-se os salões de Maffei. E no meio daquella gente que o adulava, o rico burguez sentia-se grande, invejado e respeitavel.

Entretanto aquella roda se desenvolvia e multiplicava com a prodigiosa fecundidade da larva.

Mas donde lhe vinha essa gente ?

Não sei !... A podridão que responde donde lhe vem os vermes.

Tudo neste mundo tem a sua consequencia, o seu sequito proprio de miserias, o seu acompanhamento

natural e espontâneo—a gloria tem a inveja; o corpo tem a sombra; a belleza tem a vaidade; o amor o egoismo e a podridão o verme. É a lei fatal dos contrastes e dos extremos tocados: não ha sentimento que não tenha uma extremidade na terra e outra no ceu, um pé no berço e outro no tumulo, um olho na luz e outro na treva.

Foi por isso que, ao cabo de tres annos, Maffei tinha com heroicos esforços, cevado, relacionado e habituado aos costumes de sua casa uma roda de *homens elegantes*, que fumavam, bebiam e jogavam a custa delle.

Houve quem lhe proporcionasse occasião de especular com seus bens: triplicou-os.

Já era poderoso e ridiculo, antipathico e adulado; é justo que viesse a ser rico e desgraçado.

E com effeito: passava os dias entregue sempre a esse cogitar aborrecido, que produz a preocupação doentia dos homens excessivamente ambiciosos, nada desfructava, nada o distrahia, nada vencia arrancal-o das profundezas de suas preocupações; vivia a mergulhar no fundo dessa scisma constante e esteril, que faz de um homem um bicho insupportavel.

Maffei seria insupportavel, si não fosse rico.

Mesmo durante o somno, o pobre diabo não vivia menos apoquentado; nessa segunda existencia aturava cousas horriveis: Ás vezes, em uma especulação, perdia todos os bens e via-se a esmolar inteiramente pobre com a filha; outras vezes, dava para roubar e era prezo como ladrão, condemnado ás galés e co-

berto de grilhões e pancadas; em outras occasiões era Miguel que lhe apparecia formidavel, sahindo do mar, cheio de sangue, de limo e de colera, a exprobal-o de suas torpezas, a cuspir-lhe na cara e a espancal-o, como se espancasse um cão; e, cousa mais singular, Maffei, que acordado só se lembrava de Miguel com indifferença e desprezo, durante o sonho temia-o covardemente, e deixava-se bater por elle, tremulo e supplicante a seus pés, confessando as proprias culpas e reconhecendo a razão da parte do adversario. Um dia Rosalina afigurou-se-lhe descomposta e sem pudor a injurial-o; um outro foi enforcado e seu carrasco era Christo, que do alto do cadafalso, poetico, louro, cheio de bondade, sorria-se piedosamente para elle; commettia ás vezes sacrilegios e então acordava em gritos e prantos; emfim, Maffei durante o somno soffria horrivelmente, dominado e combatido por um inimigo tremendo e máo, que o fustigava e repellia apesar de sahir delle proprio.

Queremos-nos referir a esse—eu, que durante o somno sae de nós e áparte constitue livremente sua individualidade, pensando, praticando e resolvendo muito a seu bel prazer, sem nos ouvir, sem nos consultar.

Veze ha que durante o sonho, a despeito de nossa honra, roubamos, a despeito de nossa coragem, choramos aos pés de um inimigo, e a despeito de nosso amor, matamos o proprio pae ou irmão. E o—eu— independente e arbitrario dos sonhos faz-nos capri-

chosamente assassinos, ladrões e covardes, sem por isso ter alguma responsabilidade ou castigo.

Por outro lado Rosalina transformava-se de dia para dia. Já não dava a mais pallida idéa da antiga camponeza, formosa e louçã, cheia de singella ternura, amante e amada, mulher na idade, criança na innocencia. Alem da belleza nada mais restava desse ente encantador, mais divino que humano, mais anjo que mulher, desse ente que outr'ora com a sua garganta e o seu coração incensava de poesia e cantos matutinos a melancolica casinha branca.

Fizera-se elegante e não sem trabalho !

Teve de vencer certos obstaculos renitentes como a linguagem, a principio, depois os movimentos, a voz, o olhar, o sorriso, tudo, toda essa belleza fôra necessario desmoronar, e com que difficuldade ! para sobre as ruinas della se construir uma outra belleza, mais falsa, mais cara e menos rara—a elegancia. A elegancia começa sempre onde a natureza acaba, é uma viciosa continuação feita pelo homem.

As regras do canto, os passos da danza, a musica, os preceitos de civilidade, a distincção affectada, a grammatica, são cousinhas faceis de aprender na meninice, porem obstaculos assustadores na idade em que já se não tem respeito aos mestres.

Todavia Rosalina venceu todas as difficuldades.

Agora não a incommodavam mais os vestidos justos, decotados e de enorme cauda, affizera-se aos sapatinhos á moda franceza, e o triumpho seria completo si, de vez em quando, sob os involucros de

seda e de rendas bordadas, não quizessem as desenvoltas carnes da outr'ora camponeza, proclamar a sua independencia, violando colchetes e estalando alguns pontos mais delicados do vestido.

O quanto não custou habituar aquellas bellas mãos tão morenas e tão gordinhas ás luvas apertadas?

Os dedos repelliam os aneis, o pescoço o collar, os braços, a pulseira!

Como não suspiravam os delgados pés pelos sapatos fronxos com que d'antes corriam?

E os cabellos? os bellos cabellos pretos de Rosalina, que d'antes tão vaidosamente se ostentavam ao sol com seus reflexos de azul ferrete? Coitados! Choravam agora escondidos e prezos nos caprichosos penteados cheios de flores artificiaes e pedrarias, mas na sua raiva tinham razão os cabellos, que tão bonitos como aquelles, compravam-se falsos penteados, porem tão bellos cabellos como d'antes mostrara Rosalina, só os püdera ostentar quem os possuísse naturaes.

Em summa, Rosalina já não era uma rapariga, era uma senhora.

Conhecia todos os segredinhos das salas, já sabia sustentar com um sorriso fingido as visitas de cerimonia, aturava massadas sociaes com apparente alegria, ageitara a physionomia a sorrir e ficar triste, segundo a occasião, como impõe a sabia delicadesa, tinha amisades convencionaes, ares de protecção e tinha tambem sempre engatilhado nos labios um formidavel—Oh!—para todas as pessoas que lhe mereicam respeito e acatamento.

Estava completa a obra.

O ouro derreteria-se, delle levantaram-se as duas espiraes de fumo—Civilisação e Hypocrisia. Estas duas forças combinadas produzem um fluido capaz de transformar um anjo em mulher e uma mulher em demonio!

Rosalina respirou esse fluido e aprendeu a grande sciencia da vida—sabia esquecer, sabia odeiar e sabia mentir.

Quando a gente chega a conhecer tanta cousa, não pode mais, nem precisa aprender o que é—ser boa e honesta.

Maffei cada vez estava peor.

A despeito de sua tão prospera fortuna entristecia progressivamente como um velho urso de feira; vivia cada vez mais concentrado e sombrio, procurando o isolamento e a solidão.

-Affectava uns instantes de prazer quando se mettia na roda dos amigos; chegava mesmo com força de vontade a arranjar uma especie de sorriso artificial com que os obsequiava; consistia essa especie de sorriso em dilatar os labios, avincar as pelles franzidas do rosto que sustentavam-lhe as mandibulas e por entre os dentes soprar uns sons bestiaes, que se podiam classificar entre uma nota desafinada de um clarinete e o ronco gutural de um porco.

Estava no entanto civilizado—tinha cabelleireiro proprio, vestia-se com distincção, bebia licores que estragam o estomago e o cerebro, e jogava tão bem como qualquer fidalgo de alta linhagem.

O que lhe faltava pois ?

Simplemente duas cousas—esperar mais algum tempo e casar a filha com algum titular de pura nobreza e rheumatismo gottoso. Bella expectativa !

Da familia, foi Angela quem menos se modificou. Cada vez mais devota, encerrava-se no quarto, indignada contra tudo e contra todos.—Que não a procurassem ! Não se queria communicar com pessoa alguma. O que, digamos de passagem, sobre maneira satisfazia o ex-pescador, que pensava comsigo—ora que diabo vai fazer nas salas esta velha ridicula e burgueza, senão incommodar a mim e divertir os mais ? Antes trate ella de liquidar esse restinho de vida, que para pouco ou nada lhe poderá servir.

Comtudo ia a boa mãe Angela bocejando suas interminaveis orações e transformando insensivelmente a religiosidade em mania. Mais dous passos e despenhava com certeza aquella carga d'ossos no idiotismo.

A religião, como tudo que se propõe um fim legitimo e necessario, ao mesmo tempo que é manancial de innumeradas virtudes e felicidade commum, é a fonte sombria de molestias espirituaes e desregramentos da razão.

As grandes causas só produzem effeitos optimos e pessimos !

Fatal metamorphose!

Maffei e a filha rolavam pelos despenhadeiros da sociedade; dera-lhes o primeiro empurrão a cubiça, a posse o segundo, depois o orgulho e finalmente o vicio. No cahir vertiginoso tentavam, baldadas vezes, agarrar-se ás asperezas do precipicio e não conseguiam mais do que sujar as mãos, porque a lama es-correga e suja.

Afigurava-se-lhes entretanto estarem a voar para cima; tem destes effeitos singulares as grandes quedas.—Ás vezes suppomos subir quando evidentemente cahimos. Viam tudo luzir em torno delles, sem se lembrarem que a lama tambem tem seu brilho, em lhe batendo a luz... do ouro.

E cahiam! cahiam sempre, porque o mal é como a lua—cresce ou diminue, nunca estaciona.

Uma noute, seriam duas horas da madrugada, os salões da casa da rua de Toledo reverberavam ao clarão aristocratico das mangas multicores de cristal.

Era noute de baile.

O baile tem um que de morcego—só apparece á noute e rouba as côres ás raparigas.

Havia grande folgança na casa, porque muito se ria e dausava; a festa chegara ás plases do frenezi e da loucura.

Em uma das salas poreni, livido, monstruoso e fe-

roz, encerrado ali como uma fera na jaula, o jogo devorava, silenciosamente, terras, palacios, joias, dinheiro e reputação; era um tragar de gibovia—engulhia sem mastigar.

O silencio indicava que o monstro fazia a digestão surda e pezada, porem fortissima—desgasta o ouro e o diamante com a imperturbabilidade e pachorra de um conego velho e gastronomo, que ruminava, com appetite e methodo, o fructo da caridade do povo

A consciencia sentia vertigens de olhar por muito tempo para aquelle grupo, especie de automato, movido pela cubiça e governado pela força abstracta do vicio.

No meio da meza, brilhava como um centro planetario, o *monte* de moedas de ouro, em torno do qual toda a força e attenção dos circumstantes gravitavam impacientes e desordenadas.

Era o centro de gravidade das almas daquelles miseraveis: para elle convergiam todos aquelles sentidos caridos e todos aquelles corações sujos—patria, familia, aspirações, gloria, tudo, tudo se resumia no punhado de moedas.

Não se ouvia uma palavra!

Como estatuas moveiças atiravam á bocca escancarada da fera os seus bens, os do filho, o futuro da propria familia e o da alheia.

E a fera, como uma valla de cemiterio, ia sorvendo em silencio tudo o que lhe lançavam, em quanto todos jaziam a meditar, que tambem a gente medita para fazer o mal.

Todavia, toda e qualquer consciencia tem horror ao jogo; a ninguém incommoda tanto o tapete verde como ao proprio jogador—em quanto lança à sorte o que possui, calca aos pés a pobre consciencia, que, ao lado das escarradeiras, dorme ebria e envergonhada debaixo da meza.

O salão principal do baile offerencia um espectáculo inteiramente opposto ao que acabamos de esboçar.

Não se ouvia aqui o resonar pezado do jogo, sentia-se a febre vertiginosa da dansa; aqui era tudo delirio e loucura. A athmosphera, morna, pezada, abafada e de um branco opaco, enervava a cabeça e dilatava os sentidos.

A athmosphera de um baile d'aquella ordem, no seu apogeu, affecta singularmente a economia animal dos moços—O coração como que se derrete ao calor dos galanteios, dos perfumes, das luzes, dos vinhos, dos vapores estimulantes que exhalam os corpos cansados das mulheres, e derrama-se por todo o corpo como um philtro diabolico e sensual, que percorre e excita os tecidos organicos, precipitando suas competentes funcções; o exercicio da walsa dá ao coração formas extravagantes e caprichosas—fal-o pular, estremecer e palpitar; e, conforme as impressões que recebe, informa-se, dilata-se, encolhe e chega a tomar formas obscenas.

A gente mais facilmente ama nessas occasiões, porque a athmosphera e o cansaço acceleram os phenomenos vitaes. Em taes circumstancias uma resis-

tencia é quasi impossivel—afinal o corpo descae e languesce voluptuosamente; percorre todos os membros uma mollesa gostosa e doentia; sentimos cocegas nos cantinhos da bocca e no interior das ventas; o rosto afogueia-se; desfallece a energia; o halito queima; os dedos criam uma sensibilidade igual á da lingua; o vitreo dos olhos raia-se de sangue e faz-nos ver tudo por um prisma vermelho e phantastico

O opio não produz effeitos tão deslumbrantes!

Quanto mais a gente dança; quanto mais se agitam os membros estafados, tanto mais se envenena o ar; as flores terminam a obra roubando o pouco oxygenio que resta na athmosphera. Resulta de tudo isto um ar viciadissimo e tão gasto e condensado que se pode comer em vez de respiral-o.

Quanto mais tempo dura o baile e com elle a aglomeração e o exercicio, tanto maior e mais vehemente é a necessidade de respirar, e então sorve-se com sofreguidão o ar e o pó já muito usados por todos.

Os pulmões aspiram e expellem sempre o mesmo ar e o mesmo pó.

O ar é como um pensamento e o pulmão é como um cerebro, acontece que o mesmo ar penetra, como uma idéa geral, todos os pulmões, e esse ar ou essa idéa unica corre toda a sala, entra por todos, domina quem a recebe e acaba por formar, identificando toda a sociedade—um só pulmão e uma só cabeça, isto é, uma só vontade e um só querer.

Eis ahi o que era um baile em casa de Maffei.

Simplesmente uma reunião de moços de ambos os sexos, mettidos em uma sala bem fechada, onde dançavam, pulavam, cansavam-se e apodreciam, como muitas maçãs em um cesto, onde é bastante haver uma podre para contaminar e corromper as outras.

Esse contacto infernal era uma logica consequencia do ar viciado e da sympathia.

E tanto é assim que em certas occasiões não queremos tomar parte n'um divertimento que nos parece máo, e uma vez entrados empenhamo-nos nelle tanto como os que lá estavam; veja-se de parte um baile e este se nos afigurará uma reunião de doudos. N'um combate se verifica a mesma cousa—travada a luta são todos bravos; nos carceres são todos máos; nos hospitaes são todos doentes; em um naufragio são todos religiosos e assim por diante.

O ar sempre transmite a quem o respira o caracter do logar em que se acha, como no leite a ama transmite á criança que amamenta, todos os seus males physicos e moraes.

Para se alcançar fazer um homem máo é bastante obrigar-o a respirar com os máos.

E ha quatro annos os pulmões da bella Rosalina enchiam-se com o mesmissimo ar que uma roda má e corrupta até ás pontinhas do cabello, sorvia e expellia por todos os poros.

Mas que *roda* era essa tão exquisita ?

Donde vinha semelhante gente, e para onde se destinava ?

—Vinha do nada e caminhava para o nada, pouco mais ou menos . . .

—De quem ou de que se compunha ?

—De restos.

Expliquemo-os:

Em todas as grandes capitães ha desse genero de Bohemios aristocraticos, que *Dumas Filho*, referindo-se aos de Paris, intitula—*Demi-Monde*, especie de ilha fluctuante, que boia á flor da sociedade universal.

Em Napoles essa sociedade de onropel florescia em 1846, com escandalosa acceitação, e, sustentando-se por necessidade, vae caminhando, podemos dizer, com regularidade, substituindo a nobresa pelo dinheiro e o dinheiro pela nobresa, e, na falta de algum destes agentes, soccorrendo-se á formosura e á mocidade, na ausencia dos quaes ainda lança mão, como ultimo recurso, do talento de *savoir vivre* e da arte de se metter em toda parte e de saber tirar partido de tudo.

Essa singularissima e perigosa prole principiou do seguinte modo: —Um fidalgo arruinado, depois de atirar pela janella do desperdicio o ultimo vintem e, não podendo abdicar para sempre dos seus invetera-

dos habitos de opulencia, procurou um burguez rico com o fim de, muito em segredo, nelle se arrimar; o burguez, por outro lado, tambem precisava do auxilio da nobresa, para ter importancia e subir; reunidos satisfaziã mutuamente o util e o agradavel. Fundiram-se!

Dessa combinação resultou—luz e movimento.—O paralytico prestou olhos ao cego, e o cego prestou pernas ao paralytico. E assim puderam ver e andar.

Ora, tudo aquillo que vê e anda, pode ir para diante e é susceptivel de progresso.

Foi o que succedeu—proseguiram!

Pelo caminho foram atrahindo com a luz de sua idéa os companheiros que andavam desnorteados e erradios á procura de um rumo.

A luz transformou-se em pharol—os naufragos sociaes engrossaram o grupo.

As mulheres, que se desacreditavam na alta sociedade, vinham, repellidas pelos competentes maridos e pelas competentes familias, refugiar-se nesta roda; os filhinhos, ou melhor as causas innocentes desta debandada, chegavam juntamente com as mães repellidas e com ellas se educavam no mesmo meio.

Estas mal fadadas crianças cresciam e, quando por fraqueza ou por falta de pundonor, não fugiam envergonhadas, formavam a parte moça da *Sociedade Fluctuante*. As vagas dos maridos eram rasoavelmente preenchidas pelos amantes e jamais os filhos conheciam os verdadeiros paes.

Era mais uma roda de engeitados do que uma roda social.

Compunha-se especialmente de destroços e de vergonhas—ali o que não era um resto era um embrião—ou tinha já deixado de ser ou ainda não era; ninguém tinha um lugar definitivo, porque logo que chegasse a alcançal-o desertava incontinenti.

Podia também aquillo ser considerado como um curso preparatorio—habilitavam-se ali para poder galgar um logar fora, e só na hypothese de nada encontrarem exteriormente, recorriam á *Sociedade Fluctuante*, como recurso extremo ou conio ultimo porto de salvação.

E em verdade é que, até certo ponto, achavam os fugitivos, na obscuridade dessa roda, abrigo seguro para suas vergonhas e pezares. Esses eram os desesperançados.

Conclue-se que aquillo podia ser ou um ventre ou um tumulto, de qualquer modo seria trevas, á similhaça do homem, cujos extremos são sempre sombras; podia ser um principio ou um fim, porem nunca um meio, isto é, uma posição social.

Em publico todos odeiavam essa sociedade; em particular muitos a procuravam e, ninguém, quer publica ou particularmente, queria por gosto ali ficar para sempre. Quem ahi permanecia era por não obter absolutamente outro recurso.

Desse feitio pensava Maffei, e tinha para si que o casamento de Rosalina com um fidalgo arruinado abriria na nobreza uma brecha assás larga para elle

evadir-se tambem.—Um fidalgo quando empobrece, continuava o burguez a pensar, em geral cae e com o choque abre na sua classe uma fenda por onde se vae introduzindo a burguezia.

Fragil e desgraçada cousa é a nobresa que precisa de dinheiro para não rachar.

Era com essa fenda que contava o antigo pescador. E contava muito bem, porque os homens, ao contrario dos gazes, quanto mais pezados mais sobem.

A *Sociedade Fluctuante* avultava de dia para dia, até ultimamente tornara-se bastante conhecida e um tanto censurada, e si bem que affectasse optima apparencia, a policia a tinha de olho.

Seus mais perigosos detractores eram justamente seus proprios adeptos—diziam mal uns dos outros e, a falta que este, com mil cuidados se esforcava por encobrir, aquelle devassava-lh'a pela surelfa.

Iam comtudo vivendo e aliás regularmente.

O maior desejo das raparigas que ahi cahiam era casar fóra dessa roda ou com alguem que ahi estivesse por mera curiosidade, como simplès amator. Si o logravam, sahiam sem sequer voltar para traz a cabeça—desappareciam por uma vez, e faziam bem.

Quem mais gostava da *Sociedade Fluctuante* eram os rapazes solteiros.—Os amores, como diz *Dumas*, são ahi mais faceis do que na alta sociedade e mais baratos do que na baixa.

Isto comprehende-se com os amadores, com os que a frequentavam por espirito de—*curiosidade*, especie de socios honorarios, porque com os outros,

isto é, para os socios legitimos e effectivos, não era essa sociedade mais do que um recurso soffrivel, em falta de outro melhor.

Estes eram os velhos ou parvos.

Si era um nobre que vinha arruinado e gasto da alta sociedade, chegava cansado e só queria que lhe dessem uma cadeira para descansar ou uma cama para morrer; e si o sujeito era nascido ahi e se tivesse deixado ficar, provaria com isso que era simplesmente parvo e então só desejava que o deixassem viver na lama em que tinha nascido.

Finalmente velho ou moço, nobre ou parvo, o certo é que para fazer parte da *Sociedade Fluctuante* eram necessarias duas cousas principalmente: a primeira—não ter juizo, a segunda—não ter brios.

Agora que fica conhecida a roda de Maffei, lembro que ha quatro annos vivia nella Rosalina.

Devia estar magnifica !



O baile continuava crepitante a devorar saude, dinheiro e reputação, como um incendio em que já ninguém se entende e cada um só cuida de si; com a differença porem—que no sinistro do fogo procura-se um meio de salvar e no do baile procurava-se um meio de perder.

O alcool, combustivel perigoso, augmentava progressivamente a densidade do incendio; as garrafas

vasias tinham já maioria sobre as cheias—symptoma infallivel de desordem.

Assustador era o aspecto do salão de dança—so-breerguia-se em espiraes alcoolisadas e insalubres um vozear confuso e bestial, que se podia chamar o fumo da incineração das consciencias.

Entretanto na outra sala o fogo, como uma pustula, ia apodrecendo surdamente o que alcançava.

A razão não tinha para onde fugir—de um lado o fogo e do outro a putrefacção.

Rosalina, bella, mas já dessa belleza satanica das bacchanæes—pendente a cabeça, requebrado o olhar e o collo nũ, walsava no salão principal com um rapaz de bigodes pretos, reclinada voluptuosamente sobre elle; entregues ambos ao desamparo feliz e inebriante do prazer e da fadiga. Elle, arquejando, segredava-lhe umas cousas grosseiras e apaixonadas, e ella, ella sorria com indulgente gosto ao som venenoso das palavras que saham truncadas e ardentes dos labios do mancebo.

Depois de um tremulo dialogo, imperceptivel para os outros, em que deliberavam mais os olhos que as palavras, ella abaixou com promettedora ternura as sobrancelhas como respondendo á fixidez interrogadora dos olhos abrasados do par, e elle, com reconhecido sorriso, recolheu esse abaixar de palpebras, que queria dizer—sim.

No mesmo instante separaram-se, e Rosalina, lançando sobre o moço um olhar significativo, desapareceu do salão, sem ser percebida.

Atravessou sosinha e ligeira duas salas, passou pela varanda, desceu a escada que conduzia ao primeiro andar, e, procurando abafar o som dos passos, apalpando cautelosamente as sombras dos corredores, chegou a uma porta, abriu-a e entrou.

Era a porta de seus aposentos particulares, silencioso e perfumado ninho, onde o ruído do incendio de cima chegava tremulo e desfeito, como o murmúrio de uma tempestade ao longe.

Rosalina ao entrar correu de todo o farto cortinado de damasco e atirou-se estenuada sobre um divan. Sentia-se preguiçosamente fraca e terna, tinha uns desejos vagos e incompletos, uma molleza voluptuosa e agradável que a obrigava a fechar involuntariamente as palpebras.

Pequena lamparina de agatha espalhava nos aposentos meia claridade macia, doce, morna e somnolenta, como o olhar oriental de um elephante.

Envolvida nesse nada cor de rosa, a moça meditava.

—E em que !.

Ó caprichos da imaginação !—Em Miguel. Desde que o esquecera era a primeira vez que o vulto sombrio do seu amante primitivo acudia-lhe á memoria, dantes acudia-lhe muitas vezes, porem ao coração. Sem saber porque, Rosalina com tal lembrança começou de sentir o principio de uma pontinha de remorso—timido e flexivel como o espinho ainda verde, mas já agudo. Estava em tempo de quebrar facilmente, porem já doia.

Quando de muda para Napoles, Rosalina, como unica resposta que obteve do pae a respeito de Miguel, ouviu estas duas syllabas—Morreu.

Naquelle momento esta palavra cahio-lhe inteiriça sobre o coração como uma pedra sobre um tumulo, e todavia a idéa de viver em Napoles com opulencia lhe sopeará as lagrimas que por ventura queriam rebentar; porem pouco tempo depois, as festas, o luxo, o amor dos homens, a inveja das mulheres e o ciume e desespero dos despresados, matisaram-lhe, como uma primavera cheia de luz e vida, por tal forma o coração, que as flores acabaram por esconder o grosseiro tumulo que ali jazia. E desde então Miguel fôra totalmente esquecido.

Agora, mysterios do coração! por entre as flores e por entre os risos lubrigava ella o funebre alvejar da pedra sepulchral; e o artista alevantava-se medonho da sepultura, como um espectro sombrio e ameaçador a fixal-a das sombras da eternidade.

Esta visão preoccupou ainda mais a bella scismadora que, suspirando, ergueu-se, passou as costas das mãos pelos olhos, e depois accendeu um lustre, como querendo afugentar com a luz o phantasma.

De repente alguma cousa prendeu-lhe a attenção.—Era um som longinquo e profundo, que vinha do jardim pelo lado opposto ás salas do baile; Rosalina reclinou vagarosamente a cabeça para o lado donde lhe parecia vir aquelle som, gemido ou voz, suspiro ou musica, e, caindo de novo no divan, quedou-se embevecida a escutal-o.

O som ora lembrava o mugido de uma criancinha, ora o ciciar da brisa; voz da natureza ou suspirar do homem, chegava-lhe ao coração essa musica como cousa estranha, impressiva e sobrenatural.

Havia nesse murmurar um não sei que de humano e um não sei que de celeste; mal se diria se eram notas gemebundas e plangentes que vinham do ceu ou se era uma harmonia de lagrimas, caindo gota a gota em uma taça de christal; emfim, participava tanto do ceu como da terra—poder-se-ia dizer que era o roçar das azas dos anjos pelo coração do homem.

Era uma rabeca que fallava a linguagem da inspiração—idioma divino só comprehendido pelas almas bem formadas.

Rosalina bem conhecia o metal daquella voz, conhecia a rabeca, o arco e conhecia a musica, porem sua alma em balde se esforçava por comprehendel-a ainda; produzia-lhe já o effeito de uma lingua estranha, digamos de uma lingua morta.

E comtudo a rabeca soluçava a ultima composição que Miguel lhe dedicara na casinha branca.

Empossou-se então de Rosalina um entorpecimento pesado e sombrio, um quasi sonambulismo; e, nesse estado que se pode chamar o crepusculo entre a vida real e o sonho, sentia e ouvia ella allucinada aquelles gemidos indecisos e plangentes, que pareciam sair das profundezas da eternidade para virem-na condemnar ali, no meio da fortuna e do vicio.

De quem poderia ser aquelle gemer? De homem

certamente que não, só uma alma penada saberia gemer assim.

Então assistia-lhe vontade de chorar.

—Chorar? porque? A consciencia negava-lhe a resposta, como os olhos negavam-lhe as lagrimas; e o pranto não passava do coração:

Infeliz d'aquelle a quem não é dado o chorar, que só o pranto afoga a dor que a vontade não vence destruir.

Lutando com semelhantes oppressões, Rosalina ergueu-se no intuito de respirar mais livremente o ar da noute; o terror porem não lh'o permittio e a fizera estacar defronte da janella, afigurando-se-lhe que, si a abrisse, iria despertar o espirito errante, que por ventura a chamava do jardim. E tomada destes sobrésaltos foi se quedando triste e scismadora a escutar a musica funerea.

Nisto dilatou-se a cortina de damasco, onde por acaso tinha Rosalina o olhar ferrado, e o moço dos bigodes pretos entrou risonho e sem cerimonia no aposento.

—Ah! fez Rosalina voltando a si, e sorrio.

O cavalheiro debruçou-se carinhosamente e com elegante desembaraço sobre ella e, travando-a da cintura, beijou-lhe a fronte.

Desappareceu a luz e a porta da alcôva fechou-se protectoramente sobre elles.

Entanto no jardim a rabeça continuava a soluçar com o desespero de um orphão pequenino.

VI

Dous dias decorreram depois da ultima noute do baile; e Rosalina, como vanios ver, chegou a descobrir a origem daquella musica exquisita e plangente, que nessa noute embalara poeticamente seus prosai-cos amores com o moço de bigodes pretos.

Antes, porem, de prosegnirmos, seja-nos permitido dar de passagem uma idéa ligeira do perfumoso ninho de Rosalina.

—Constavam os seus aposentos particulares simplesmente de uma sala vermelha e de uma alcôva côr de lirio, colligadas entre si por elegante portinha, em cujos ornatos entalhados dos olivares, florões polidos de encarnado carmezin sobressahiam, como espumas de sangue, da brancura natural da madeira. De uma unica janella existente na sala debruçava-se sobre o jardim pitoresca balaustrada de marmore rajado, feita e disposta ao antigo gosto veneziano. A sala era oitavada, guarnecendo-lhe as faces do octogno quadros do mesmo feitio, que molduravam em metal branco burnido formosas gravuras sobre aço; as cortinas da mesma côr das paredes, prendiam-se graciosas em cornijas tambem de metal branco, uniformisadas pelo brilho com as reluzentes peanhas dos angulos das paredes e com os trabalhados tamborettes igualmente de metal. Os pés de quem tivesse a fortuna de entrar neste paraiso elegante, desappareciam silenciosamente no tapete, cuja felpa abundante

e sedosa dava ao andar de quem o pizasse a suavidade voluptuosa dos passos macios do gato—parecia andar a gente descalça sobre algodão em rama. No centro desta luxuosa salinha, uma mesa redonda de pé de gallo, coberta por magnifica cazemira da China, sustentava um candieiro de alabastro, com listrões de ouro lavrado; em um dos angulos das paredes, mimosa escrivaninha mostrava o necessario para ler e escrever; em um outro, accommodava-se bello esquentador de pedra negra, guarnecido por um relogio de bronze e dous soberbos vasos de porcelana do Japão. O mais seriam cadeiras; divans estofados, christaes da Bohemia e uma infinidade de nadinhas do luxo, que dão a qualquer sala um aspecto embohecado e futil.

A alcôva côr de lirio apenas tinha, pouco mais ou menos, o lugar sufficiente para o toucador e para a cama, da qual á direita pelo lado inferior equilibrava-se suspenso um enorme espelho de Veneza, onde se reflectia todo o quarto e principalmente o leito; e do lado esquerdo, á cabeceira, encostava-se um bufete, onde se via uma garrafa de christal de rocha cheia de falerno, rodeiada de delicadissimos calices e doces christalisados e appetitosos; aos pés da cama, vasta tapeçaria representava com muito engenho o grupo sublime das tres graças de Canova.

O relogio marcava meia noute. Rosalina fitava-o, reclinada pensativa em um divan, acompanhando machinalmente o tique-taque da pendula com a pontinha do pé, dobrando e desdobrando um papel côr de rosa, que tinha entre os dedos.

La triste e silenciosa a noute—só se ouvia distintamente a pulsação monótona dos segundos. Impressiona sempre ouvir o pulsar de um relógio—afigura-se-nos sentir palpitar o eterno coração do tempo.

Rosalina, depois de longo e profundo scismar, brandio para traz os tenebrosos cabellos, e levantou-se, como se tivesse chegado intimamente a solução de qualquer duvida. E fazendo com a cabeça esse movimento sacudido que tão bem exprime a indiferença, disse, despregando de leve os labios com um quasi imperceptível estalar de lingua—Seja !

Depois, muito tranquilla de si, levantou-se espreguiçando-se despreoccupadissima e foi amarrar no marmoreo balcão da varanda, branquejada frouxamente pelo luar, seu claro lencinho de rendas francezas, como quem arvora um signal.

VII

Effetivamente o lenço de rendas francezas, que Rosalina amarrou no peitoril de sua janella, era um signal e, cousa mais de pasmar—Era um signal dirigido á Miguel.

O artista não morrera; e para claresa desta narrativa seja-nos licito voltar atraz.

No momento fatal em que Maffei precipitou dos rochedos de Lipari o inflexível amante da filha, perdeu este os sentidos, dando de encontro á pedra apurmada e foi rolando, rolando, até atufar-se de todo

nas espumas sendilhadas do mar. Com tanta fortuna se houve porem neste cair, que delle apenas lhe so-breveio um ferimento na cabeça.

O mar estava crescendo. Foi a salvação do moço, porque ao dar n'agua voltou a si com o choque, e, conhecendo quão perigosos são os rochedos de Lipari e quão selvaticas as ondas contra elles, tratou de nadar ao largo em vez de demandal-os; tempo este em que a tempestade queimava nos altos seus ultimos cartuxos.

Afinal serenou de todo o tempo. Miguel, apezar de ajudado pela correnteza, costeava difficultosamente a ilha em direcção da praia, similhando uma visão que fugia das trevas humidas da morte, seguida de um rastilho de sangue.

Cinco horas depois era regeitado na praia pelo mar.

Iam pouco e pouco se rarefazendo as nuvens e já em alguns pontos do ceu se percebia uma modesta claridade, precursora do bom tempo. A lua voltando do susto foi aos poucos sahindo do escondrijo, medrosa e timida de seu natural, por quanto quando ha qualquer desharmonia no ceu é ella quem primeiro se esconde.

Por este tempo já permanecia de bruços o naufrago na praia; a areia bebera-lha indifferente o sangue da ferida, que afinal estacara. Nesta postura ficou elle, fallecido em animo e forças, una hora, como se estivesse a dar um demorado beijo na face da mãe salvadora, a terra—pelo seu bom regresso.

Ao voltar de todo a si, voltou instintivamente o olhar pisado para o ceu, que, nesse momento desassombrado e azul, reflectia nas aguas os olhares prateados de sua argenteabella pupilla.

Quando se deixa ou volta á vida, o que primeiro procuram os olhos é o ceu.—Ha consolação e amparo na alma azul do infinito; o azul é a côr da salvação, como o negro é a do aniquillamento.

E porque confiamos tanto no azul do ceu, sem talvez o comprehender ao menos?

É que elle é a unica cousa verdadeiramente grande e immensamente bondosa.—O oceano é gigantesco; porem abysma; o nordeste imponente, porem destróe; a terra é mãe, porem devora; o sol é rei, porem abrasa; só o ceu é infinitamente bom: As estrellas brilham como uma aluvião de libras sterlinas e no entanto elle é humilde e modesto, sabe unicamente ser infinito, azul e consolador.

Jamais se queixou' alguém do mal que lhe fez o azul do ceu!

Por isso meditava Miguel, estendido na areia, a fitar o espaço em muda e reconhecida contemplação; finalmente tentou por-se de pé, levantou-se cambaleando e amarrou a ferida da cabeça com um lenço ensopado, que tirara da algibeira. Depois sacudio tranquillamente a areia molhada do fato e dos cabellos e poz-se a andar com difficuldade.

Encaminhava-se lenta e investigadoramente para o mar como a procura de alguma cousa, até reconhecer o mourão em que, si lhe não enganava a memoria

enfraquecida pela pancada e perda de sangue, tinha amarrado o barco.

De facto, mas deste só restavam dependurados da estaca, como reliquias de guerra, a corda e um fragmento da prôa.

E nada mais havia do barquinho—o nordeste despedaçara-o de encontro a praia, da mesma feição que a tempestade de nossos pensamentos despedaça contra as paredes do cerebro uma idéa fixa, que se agarra á imaginação; o remorso tambem pode atirar o homem preso contra as arestas do carcere; a dor opprime o coração contra o peito e quebra-o; o terror, emfim, mata o feto atirando-o contra as paredes do ventre materno.—É sempre a mesma lei eterna da luta entre a covardia da tempestade e a fragilidade do preso.

Miguel, acabando por si identificar com a situação e aceitando-a horrivel e esteril tal qual se offerecia, começou de passeiar pela praia, com essa calma inexplicavel do homem conscio de sua desgraça, que procura se recreiar amargamente com os destroços da passada ventura; ora topava um pedaço de madeira enterrado na areia; ora dava com alguns destroços do leme ou do casco, e, a proporção que os ia descobrindo, atirava-os á bocca aberta do mar, como um domador que, depois de dar de comer a fera, ajunta-lhe ainda as migalhas caidas por fora da jaula.

Continuando a exploração descobriu um fragmento de madeira amarella, que lhe prendeu mais o res- peito—era o braço de sua rabeça.

O artista ficou a olhá-lo amargamente com a magoa de uma mãe que contemplasse o cadáver do filhinho, depois n'um assomo de ternura frenética, levou-o repetidas vezes aos lábios, beijando-o apaixonadamente.

O incendio levantado por Maffei veio tirá-lo desse extasis.

Clarão vermelho e sinistro illuminava de um golpe toda a ladeira.

Miguel voltou-se para o lado do fogo, metteu cuidadosamente o pedaço de sua rabeca entre a blusa e a camisa, limpou com a manga uma lagrima que lhe pendia das pestanas e encarou firme as linguas de fogo, que singravam do tecto carbonisado da casa de Maffei.

—Mas o fogo é na casinha branca! pensou rapidamente o moço; e tentou correr para o logar do sinistro.

—E Maffei?! Bradou-lhe a consciencia. Esta observação interior fel-o parar e cruzar involuntariamente os braços.

—E Rosalina?! interrogou por sua vez o coração; e, antes que a razão intervisse para o dissuadir, deitou a correr, o melhor que pôde, pela ladeira.

Então é que o incendio principiava a assumir a cathgoria de uma monstruosidade.

Nas praias batidas, como aquella, por ventos contrarios; um incendio é sempre cousa facil e decidida no mesmo instante.

A idéa de Rosalina em perigo restituiu ao amante

nafragado as forças perdidas até ali, de sorte que em menos de um quarto de hora, correndo como um possesso, tinha elle vencido a ladeira: Com os fatos molhados de suor, de chuva, de mar e de sangue, atravessou rapidamente a porta do fundo da casa, entrou pelos quartos incendiados, pisou brasas, percorreu como uma sombra todos os cantos accessos, e, suando, vermelho, doudo, sublime, cheio de lama, gritando, gesticulando, sem chapéu, sem gravata, com as pestanas tostadas, a carne inchada com o calor, os cabellos queimados e cobertos de cinza, o corpo coberto de faiscas, ora desaparecia entre as chammas, ora tropeçava nas vigas abrasadas, cahia, se levantava e saltava, gritando como uma furia:

—Rosalina! Rosalina!

E o crepitar do fogo parecia rir-se dos seus apellos.

—Rosalina! Não ouves?! Ó meu Deus! Mãe Angela!

Nada.

O isolamento aterrava-o mais do que a imponencia do incendio e, sem dar fé que lhe chiavam as carnes assadas e que lhe escorria gordura derretida pelos membros, continuava a gritar:

—Rosalina! Rosalina! Estou aqui! onde estão vocês? respondam!

—Estariam todos mortos ou em tão pouco tempo teriam partido?

—Rosalina! minha Rosalina?!

E disforme, desesperado, febricitante, horrivel; atravessou soluçando a sala; topou um pente de tartaruga, abaixou-se, apanhou-o, beijou-o e guardou-o no seio em menos de um segundo e a correr sahio pela porta do fundo, como quem acabasse de atravessar o inferno, exclamando furioso:

—Ninguem! Partiram, bradou levantando o braço para o ceu ameaçadoramente. No momento, porem, em que apostrophava, sentio firmarem-se-lhe no estomago duas patas de cão.

—Castor! gritou o moço cahindo de joelhos.

—Oh! disse voltando para o ceu os olhos arrependidos—Ainda me resta um amigo! E abraçou-o soluçando.

VIII

—A caminho, meu amigo, disse Miguel á Castor e puzeram-se a andar com vontade pela estrada que ia dar ao povoado.

Castor ia na frente, sacudindo satisfeito a cauda, pelo compasso do andar cadenciado e ligeiro do cão quando leva destino; o artista atraz, triste, vergado, coberto de lama, sangrento, tiritando, mais se arrastava do que andava. Apesar do frio da madrugada que para o nascente alvorecia o horisonte, Miguel tinha a tomar-lhe a cabeça febre abrasadora; seguia com o pezo aterrador de quem acabava de assistir

nesse instante a transformação de sua ventura em um montão de ruínas.

O que o poderia esperar mais, além das neves do isolamento? Rosalina desaparecera, isto é, fecharam-se todas as portas, janellas e postigos de sua alma por onde podia entrar a luz. E o que seria das flores dessa pobre estufa, dessas flores tão cuidadosamente tratadas por elle entre os abrolhos de uma vida de necessidades e decepções, sem um unico raio do sol que até ali as sustentara? O que seria dellas com a ausencia absoluta de Rosalina?

O amor é para a alegria, a esperança, a honra e a gloria o que a luz é para as flores; em outras palavras o amor é o matiz, o perfume, o frescor e a vida de nossos sentimentos.

As flores não podem virar nas trevas.

Assim pensava Miguel quando chegou com o companheiro á casa.

O sol tinha se erguido de todo no levante; fazia um tempo magnifico.

O moço empurrou a porta e Castor se precipitou no interior do quarto, farejando os pobres trastes e o chão, em seguida, mordendo satisfeito a cauda e as patas, poz-se a ladrar para a rua.

Desde esse dia viveram os dous amigos em intima e completa harmonia—nunca se separavam, comiam juntos e dormiam perto um do outro.

Trez mezes depois do incendio Miguel teve noticia de uma familia que precisava de um professor de musica para quatro crianças; apresentou-se e foi acceito.

Feliz achado—De tal momento correu-lhe a vida mais facil. Em pouco tempo, Miguel, cujos modos singellos e honestos atrahiram incontinenti sobre elle a cega confiança e sympathia de seus protectores, passou de mestre de musica a servir de preceptor—acompanhava por gosto os pequenos nos seus passeios e afinal já lhes tinha amisade.

O bom rapaz se desvellava em dar aos discipulos mais instrucção do que lhe competia e até, digamos, mais do que podia—estudava durante a noute para instruil-os pela manhã, com tão feliz exito que, as vezes gravava-lhes inalteravelmente na memoria ainda fresca preceitos e formulas de Litteratūra e Bellas Artes, dos quaes se esquecia o proprio mestre, que os não decorava. E por este systema instruia com cabedaes alheios; era, por bem dizer, o instrumento dos bons livros, mas o facto é que os péquenos desenvolviam-se e tanto lhe bastava.

Os rapazes o adoravam.

Não ha como as crianças para tomar amisade a gente, e com esta cresce em geral a dos paes; os dos discipulos de Miguel estavam encantados com a boa acquisição que haviam feito—Um dia chamaram em particular o joven preceptor, e depois de manifestarem-lhe o quanto estavam penhorados pelos seus bons esforços e pelo seu bom carácter; o quanto desejavam que Miguel continuasse em companhia delles, declararam-lhe que haviam deliberado augmentar-lhe o ordenado e fazel-o morar em sua companhia e sob suas vistas e cuidados — que Miguel era

só e adoentado; que era preciso ter mais cuidado com a saúde e terminaram franqueando paternalmente ao professor um quarto commodo e decente.

No dia immediato Miguel e Castor estabeleciam-se em casa da familia L...

Tinha por conseguinte o artista todos os elementos de uma felicidade relativa—tecto, cuidados e estima, agora possuia por bem dizer uma familia; entanto, tristeza continua e carregada pezava-lhe deveras sobre o coração como a garra negra de um abutre. Em balde esforçava-se por esquecer de todo o preterito e viver só do presente, em balde tentava plantar novas flores no terreno resequido de seus affectos, que logo não rebentasse ahí, sangrentas e truncadas, as raizes de sua antiga fortuna, por ventura mais persistente e volumosa depois que se convertera em infortunio.

E neste definhar-se amargurado via elle cahir um apoz outro no passado, seus dias pallidos e saudosos, sem risos nem esperanças.

De todos se procurava informar sobre Rosalina e ninguem o esclarecia; da ilha haviam todos perdido de vista o pescador Maffei.—Entre o homem rude e o homem rico abrira o ouro largo espaço. De um lado não se conheciam os que estavam do outro.

IX

E no escogitar doloroso da saudade decorreram dous annos de desesperança, sem que fosse dado ao artista ter noticias de sua amada.

Já não parecia o mesino—tornara-se trabalhador e grave. A vigilia e o estudo avivaram-lhe na phisionomia os clarões da intelligencia, com a mesma intensidade com que as sombras de constante tristeza lhe anuviaram no olhar a mocidade e o riso.

Bella e pensadora cabeça, quem te burilou tão sublime!—a arte divina do homem ou a mão humana de Deos?

Muitas vezes viam-no passar sombrio e authomatico, seguido de seus discipulos e de seu cão; em taes momentos pendia-lhe para a terra a cabeça, como quem procura um canto onde descanse o ultimo somno. E as pobres criancinhas, coitadas! olhavam para o mestre com os pequeninos corações estremecidos; as louras sensitivas choravam porque o viam chorar.

Em um destes passeios chegaram ás ruinas da casinha branca; massa informe de pedras e barro denunciavam apenas o lugar onde crescera e brincara Rosalina. Era tudo ennegrecido pelo fogo e silencio pelo abandono; somente alem, para as bandas do mar, por entre o sussurrar das oliveiras, um pescador velho se lembrara de construir sua choupana.

Derramava-se a hora do crepusculo e da tristeza; os ultimos clarões do dia abraçavam as primeiras sombras da noute—caricia contraditoria da luz e da sombra.

Nada entenece tanto como, depois de algum tempo, voltar ao berço de nossa primeira felicidade; tambem não ha ahí decepção comparavel a que experimentamos ao topar arrazado esse ninho de recordações e saudades!—Procurar um abrigo e tropeçar em ruinas, procurar um berço e despenhar-se na cova. Todo aquelle nada respirava aniquilamento e tristeza; comtudo parecia haver uma voz magica e sobrenatural que, semelhante aos fogos fatuos dos cemiterios, sobre-erguia-se tremulã e duvidosa das ruinas.

Mignel, hirto e arrebatado pela influencia do fluido que exhalavam os restos carbonizados da casinha branca, pascia nelles o olhar ancioso, procurando comprehender a voz mysteriosa das ruinas, com a attenção de um septuagenario que procurasse sofertrar na confusa inscripção de uma lapida, gasta pelo tempo, o nome de seu primeiro affecto.

E o seu olhar investigador, e o seu gesto cheio de interesse e ternura, e o som tremulo de suas palavras quasi inarticuladas, pareciam dizer:

—O que é feito de ti, minha ventura?.

—Coração que por mim palpitaste teu primeiro amor; labios que me fallaram com a primeira mocidade; olhos que me seguiram com o primeiro cuidado! para onde fugistes vós?!...—Sorrir! como te

deixaste esmagar pelas ruínas? Lagrimas! como vos beberam as linguas do incendio?—Crença, foge! Coração, cala-te!.. E o teu? o teu coração, minha Rosalina? estará em ruínas como o teu berço, ou brilhará, por ventura mais feliz e mais virtuoso, ao clarão tranquillo e honesto do lar e da fortuna?! Si assim não fôr, si te não prendeste a uma sorte invencivel, volve! que de ha muito te aguardo impaciente; si não te esqueceu nossa passada ventura, pensa em mim, que t'ó retribuirei com amor de escravo; e si eu morrer, esquecido e abandonado de todos, sem que a meus olhos seja dado de reflectir a ternura dos teus, no momento estremo—chora, meu amor, chora, que Deus recolhe as lagrimas que os anjos cá da terra derramam nas sepulturas.

E assim scismava Miguel—immovel, chumbado ás ruínas da casinha branca, pasmando as quatro criancinhas, que sobre elle passeiavam admiradas seus olhares de auroras.

O artista cobrio o rosto com as palmas das mãos e rompeu a chorar soluçadamente.



Os pequenos continuavam aterrados sem se animarem a proferir palavra; até que o mais velho delles, Beppo, aproximando-se de Miguel, abraçou-o pela cintura, dizendo em voz baixa e tímida—Porque está chorando, meu mestre?

Para as crianças, corações logicos, onde não medrou ainda desconfiança nem experiencia—chorar é synonymo de—soffrer. O menino immediato a Beppo imitou o irmão; este foi imitado pelo outro menor e finalmente pelo pequenino, que se contentou em dizer, terna, familiar e incorrectamente— Não chora!...

Puxado pelo fio de ouro destas palavras, Miguel voltou a si e assentou-se commovido em um pedaço de parede, cobrindo de beijos a cabecinha loura de Jeovanito.

A gente, nem sabemos porque, ao depois de muito chorar e lastimar-se, sente appetite de beijar e abraçar alguém; queremos crer que é na adversidade que se fortalecem mais os corações, e se corroboram os affectos—ligam-se tão bem as lagrimas e o amor e formam tão imperecível betume, que vence resistir ás borrascas destruidoras da vida e aos gelos mortiferos da ausencia e da idade. De tal sorte, que Miguel daquelle momento sentio-se amar mais os discipulos; e, como o amor é sempre uma luz, a claridade chegou-lhe ao gesto volatilizada em um sorriso de alegria. As quatro crianças entravam-lhe com alvoroço pelo coração, como um bando de passarinhos alegres em um templo abandonado e sombrio.

—Meu mestre! disse Beppo, passando o braço pelo hombro do artista—porque razão você desde que chegou a este montão de pedras está tão triste e só chorando?

Francino, o immediato áquelle, atalhou, sem dar a

Miguel tempo de responder—Ora essa! É porque aqui morreu alguém!

À palavra—morreu, Jeovanito voltou-se rapidamente e disse, arregalando muito os olhos, bellos, como são sempre os olhos de uma criança—Morreu? de que foi que elle morreu?!

—Não sei. disse muito naturalmente Angelino, mettendo as mãosinhas gordas nas algibeiras dos calções, com um certo ar de authoridade.

Nisto, Jeovanito, que se tinha afastado um pouco dos irmãos, voltou-se aterrado, e, apontando para o sul com seu dedinho côr de rosa, exclamava, contente por chamar a attenção de todos—Olha! olha! um velho! e batia palmas alegremente assustado.

Effectivamente, um vulto alto e curvado, que subia a encosta, debuxava-se de negro na derradeira claridade do horisonte.

Aquella apparição produzio um mau effeito no animo dos pequenos. O crepusculo dava-lhe o geito phantastico de uma sombra, que sahia aos poucos do mar e cujos contornos se iam desvanecendo no azul amortecido do ceu.

Silenciosamente caminhava o vulto para elles e, a proporção que o fazia, os meninos conchegavam-se mais de Miguel.

—É o mysterioso habitante da choupana, calculou o professor, e não se enganara.

Este homem, digamol-o de passagem, era um antigo pescador, conhecido em Lipari pelo cognome de —Sombra da Noute. Tinham-no por milagreiro e na

ilha attribuíam-lhe toda a casta de feitiçarias e malefícios, que soe imaginar a ignorancia do povo. Em bom tempo fôra companheiro de trabalho e amigo de Maffei, á quem, por amisade e talvez mais acertadamente por interesse, arranjava os meios de transportar-se em segredo para Napoles, na mesma noute do incendio da casinha branca. Esta boa acção rendeu-lhe em recompensa o direito de occupar emquanto vivesse o terreno de Maffei em Lipari e tirar delle, como das oliveiras, o partido que bem lhe aprouvesse.

Rosalina, si bem que por esse tempo tomasse Miguel por morto, levava comtudo o coração ainda morno do amor de seu companheiro de infancia; como uma parede que durante o dia recebesse sol forte e abrasador, e á noute, apezar da ausencia daquelle, conserva uma certa dose de calor, que pouco e pouco vae morrendo, assim esqueceu-se ella de que podia arriscar o pae e para logo encarregou Sombra da Noute de se instruir sobre o resultado de um cadaver que necessariamente havia ter apparecido na costa pelo dia seguinte á sua viagem.

Sombra da Noute não se deslembrou da incumbencia, porem o cadaver nada de ter apparecido. No fim de um anno de pesquisas foi a Napoles e tagarelou um pouco com a mãe Angela; de volta á ilha o pescador, ligando o sentido das palavras desta com o da recommendação de Rosalina, concluiu por descobrir que se tratava do cadaver de Miguel, a quem conhecia vagamente.

—Disto me pode vir algum resultado vantajoso, dizia elle comsigo e procurava um meio de fallar a Miguel, a occasião porem não se offerecia. Vendo-o agora, Sombra da Noute sentio um estremecimento e tratou de aproveitar o lance—Nada de precipitações, com os diabos! E parece que bispo emfim o meu *cadaver*.

Pensando assim, Sombra da Noute se aproximava silenciosamente do grupo, que o observava tambem em silencio. Chegou ás ruínas, trepou-se com agilidade de moço pelos barrancos e, equilibrando-se, alcançara finalmente a extremidade opposta, onde estava Miguel, a fital-o com summa curiosidade.

Sombra da Noute abeirou-se delle e cortejou-o, descobrindo-se humildemente.

Era o typo perfeito do *Lazaroni*—macilento e esfarrapado, sujo e feio, fallando um dialecto extravagante; grande chapéu de abas largas sobre a nuca e cachimbo queimado no canto da bocca.

Os pequenos estavam horrorisados.

—Boa noute, disse Miguel.

—Deos Nosso Senhor lhes dê a mesma, meu senhor e meus ricos meninos, respondeu Sombra da Noute, mastigando compassadamente estas palavras e estendendo a mão para acariciar a menor das crianças.

Jeovanito fugio com a cabeça, olhando de esguelha e procurou refugiar-se nas pernas do mestre.

—Então, disse este. Falla, Jeovanito! não vês que te fazem festa? . . .

—Boa noite meu velho, disse Jeovanito mais tranquillo.

—Este é seu filhinho, perguntou o pescador, passando a mão grosseira pela cabeça loura do pequenito.

—Não senhor. São todos meus discípulos.

—Ah! estão de passeio?

—É verdade, disse Miguel, e levantou-se segurando as mãos das duas crianças menores.—Iamos já, quando o senhor chegou.

—É pena, com os diabos! disse Sombra da Noite, porque eu desejava fallar-lhe sobre alguém que morou neste logar.

Miguel sentio-se fulminado—era a primeira vez, desde que se separara de Rosalina, que alguém lhe fallava nella, e voltando rapidamente para o pescador:

—De Rosalina?! Oh! diga, diga depressa! Como estão elles? são felizes? ricos?

—Riquissimos e muito felizes, digo-lhe mais—em breve serão nobres!...

—Nobres?!.

—Pois então? A excellentissima senhora dona Rosalina vae se casar com um fidalgo de muita boa linhagem e de muito bom dinheiro, com os demos!

—O senhor está gracejando! Não pode ser! disse Miguel fingindo tranquillidade.

—Gracejando? berrou o homem. Pela Madona o juro eu! e beijou a palma da mão.

Miguel sentia-se horriavelmente opprimido—tinha vontade de continuar o interrogatorio, porem ao

mesmo tempo temia ouvir alguma verdade inedita, que o esmagasse de todo, temia uma explosão de dor; atacara-lhe logo uma sensação nervosa e frenética; uma dubiedade de mulher grávida; latejavam-lhe as fontes, como contundidas por este dilemma de ferro—callar-se, nada ouvir sobre Rosalina e soffrer—ou ouvir muito, saber tudo e soffrer mais. O coração saltava-lhe dentro como uma rã no charco; accomettiam-lhe desejos extravagantes e inexplicaveis.— Sentia-se com appetite de ser um homem máo, desregrado e inutil; tinha como um prazer de ouvir dizer mal de Rosalina e ao mesmo tempo ardia por esbofetear aquella sombra impertinente que tinha de frente de si, o pescador; porem aquelle homem era o primeiro que, no seu exilio, fallara lhe sobre Rosalina, então tinha vontade de abraçal-o.

Estava triste, mas estava alegre; desejava cantar, mas soluçando; desejava abraçar Sombra da Noute, mas estrangulando-o.

Temos ás vezes dessas contradicções no nosso espirito, que, expostas assim, parecem disparatadas e absurdas.

Qualquer resolução todavia atravessou como um relampago o cerebro do artista—crusou os braços e fitou Sombra da Noute.

—Tem certeza do que está dizendo?

—Tenho, respondeu com firmeza o pescador, tanta quanto tenho de saber que fallo com o senhor Miguel Rizio.

Miguel tornou a estremecer, agora, porem, era a

idéa da raiva de Maffei que lhe surgia negra e ameaçadora. Seria isto uma cilada? Estaria aquelle homem pago pelo pae de Rosalina para acabar a obra principiada por elle? Miguel desconfiava, mas ardia de curiosidade, finalmente, descendo de seu spasma, disse descansadamente e affectando o mais frio desinteressé.

—Com que o senhor conhece-me?.

—Perfeitamente, cavalheiro, e até desejo fallar-lhe.

—A respeito de Rosalina?!

—Sim senhor! a respeito de dona Rosalina.

—Então falle! disse Miguel já não se podendo conter. Falle que...

—Agora é impossivel.

—Então quando?

—Quando estivermos a sós. Eu moro naquella choupana. E Sombra da Noute indicou a casinha que quasi se não devisava mais—O senhor pode procurar-me ahi. Quer vir amanhã?

Miguel não respondeu—tinha a cabeça baixa e o queixo descansado na mão direita.

Depois de um quarto de hora, Sombra da Noute quebrou o silencio.

—Então vem?

Miguel ergueu resolutamente a cabeça.

—Venho!

—Amanhã?

—Não! hoje!

—Pois até a meia noute, disse o pescador dando-

lhe as costas e descendo ás pedras; dahi a pouco tinha desaparecido nas trevas.

Miguel continuou a olhal-o por algum tempo, depois sacudio os hombros e tornou o tomar as mãos dos pequenos.

Meia hora depois caminhavam pela estrada. Na alma tenebrosa do artista, apoz tão longa noute, raiara afinal um clarão—triste, de desesperança e despeito, mas era uma luz emfim.

E como a mariposa que festeja a propria luz que a ha-de queimar—começou de alvoroçar-se cantando nervosamente.

As crianças, tomando aquelle cantar por expansão de alegria, abriram tambem a imital-o, até chegarem a uma cocheira, onde tomaram um carro de condução, que os levou alegremente á casa.

XI

Miguel voltou incontinenti.

A viagem foi demorada em virtude do caminhar incommodo da carrôça. Mal chegado á cocheira, montou, sem tomar folego, um cavallo que lhe pareceu melhor e galopou para o logar da entrevista.

Dahi a pouco atravessava de vertiginosa carreira todos aquelles barrancos, impregnados para elle de saudade e tristeza, de amor e de fadigas.

Parecia mais galopar na impaciencia de chegar do que no seu cavallo.

A solidão, o marulhar na costa, a hora adiantada da noute, erguiam-se como enorme phantasma de neblina e espuma, que lhe vinha avivar a colera de Maffei; o luzir vermelho e colerico dos olhos da fera, ainda o sentia elle dentro de si, como duas brazas a lhe queimarem os ossos do craneo. Esses olhos, que Miguel vio pela ultima vez antes de cahir no precipicio, procurava desde então esconder com o manto claro de suas idéas; emtanto elle os sentia a queimá-las, a esburacá-las e, depois de encardilá-las, reaparecerem ameaçadores e vivos, a espreitar de dentro os seus movimentos, palavras e mais intimas intenções, como se fosse o proprio olhar da consciencia, porem de uma consciencia ebria.

Sim, porque a consciencia tambem se embriaga, e nesse estado diz cousas sem néxo e as vezes obscenas.

Ella, como toda mulher quando se embriaga, fica nojenta—arregaça as mangas e as saias, fuma, cospe-se toda, ri-se como os marujos e bebe como os solpados; perde emfim a vergonha e o pudor.

As grandes crises podem divinizar ou prostituir uma consciencia do mesnio feitio que um grande amor pode divinizar ou prostituir uma mulher.

A casta, a pudica, a terna consciencia do artista dava nessa occasião gargalhadas de barregã; contudo lá ia elle a galopar com ella na garupa—Levava consigo a bebida e pelo caminho abraçavam-se e beijavam-se como dous amantes doudos.

De facto é loucura o amor sem conforto que passa

de cinco annos; o cerebro e o coração tambem concebem e os fetos as vezes sabem alucinados, extravagantes e incoherentes.

A idéa fixa que acompanhava Miguel ha quatro annos era um feto desse genero—fecundado pelo amor e pela desgraça e endoudecido pelos proprios paes; esse feto crescera, crescera ainda mais e quando nasceu mamou nas têtas de uma fera:

—Uma fera douda, eis a idéa fixa de Miguel nessa noute; preza, era horrivel; solta, deveria ser fatal.

Nesse estado chegou elle á cabana do desconhecido—apeiou-se e empurrou com um murro a porta.

Sombra da Noute dormia tranquillamente sobre umas palhas no chão; a claridade amortecida das estrellas, que se introduzia pela grefa da porta, illuminava frouxamente o interior miseravel da casinha.

Miguel arquejava—dir-se-ia o resonar de sua consciencia ebria; á vista, porem, da tranquillidade rustica com que dormia o pescador, fugiram envergonhadas suas suspeitas e foi cheio de confiança que se chegou para o acordar.

Sombra da Noute espichou uma perna, abriu duas vezes a bocca e levantou-se finalmente fazendo o signal da cruz.

—Espere, homem! disse elle a Miguel, não vá dar com as pernas por ahi! E recolheu ao fundo da casa, donde voltou pouco depois com um rolo de cera de abelha torcido e encerado.

—Sente-se por ahi! Olhe, tem só este madeiro, não faz lá muito bom assento, mas serve. E empur-

rou para Miguel um tronco de nogueira, unica mobilia da casa.

Miguel assentou-se ardendo de impaciencia.

O homem foi ao outro quarto, bebeu agoa de um pucaro de barro, accenden o cachimbo e fechou a porta com uma tranca de madeira pesada; depois, encostou-se á parede, com as pernas crusadas e o indicador da mão esquerda engatilhado no cachimbo, disse entre uma baforada de fumo e um bocejo:

—Agora vamos ao que serve!

XXIII

As quatro horas da manhã já no oriente passeiava a aurora sua alegria cor de rosa, contrastando com a terra toda tranquillidade e somnolencia; somente da choupana de Sombra da Noute uma claridade avermelhada empalledecia ao clarão matutino do dia.

Parece que a natureza ao acordar vae apagando com as brisas da aurora as luzes mesquinhas das alcovas do homem. Quão ridicula e miseravel é a luz mortiça de uma vela em presença da luz vivificante do sol—dir-se-ia o espirito de um homem comparado ao espirito de Deos.

Tambem devem de ser assim mesquinhas e pallidas nossas almas em presença do increado no tremendo dia do Juiso-Final!

A portinha da choupana rangeu, depois da detonação que fez a tranca pesada de madeira ao calir na terra do chão e deu passagem a Miguel, seguido de Sombra da Noute. O moço vinha transformado pela insomnia e fadiga; o outro ajudou-o a montar o animal, que tosava fóra os detritos da ladeira, dizendo-lhe seccamente—Até amanhã...

—Então posso contar com o seu auxilio, voltou Miguel firmado nos estribos e segurando com uma das mãos o chapéu, que o vento esforçava-se por arrancar.

—Para a vida e para a morte! respondeu o pescador, recebendo dinheiro da mão que Miguel lhe estendia.

O cavallo disparou e sumio-se com o cavalleiro na estrada—pouco e pouco foi se perdendo o som metalico da ferradura pizando o chão. Fechou-se de novo a porta da choupana sobre Sombra da Noute e desapareceu a luzinha vermelha.

O sol acabava de levantar-se no horisonte, tremulo.

XIII

Nesse mesmo dia Miguel, compondo boa sombra e bom gesto, se desfazia em razões por descontinuar em casa da familia L...

—Já que está tão afferrado á sua resolução, parta,

meu amigo, dizia o protector de Miguel, entregando ao protegido o saldo de seus salarios—Mas não se esqueça que aqui fica uma familia que tanto o aprecia, como estima. Se algum dia succeder que volte, venha de novo ter com nosco—prezamos contar para meus filhos com o mesmo mestre e para mim com o mesmo filho. Venha! O senhor será sempre recebido de braços abertos nesta casa; e pode, tanto d'isto, como da affeição sincera que nos inspirou, levar certa a victoria, mais ganha por direito do que por conquista!

E levantando mais a voz, em cuja firmeza se percebia a experiencia e a convicção, disse como um propheta—O senhor é um homem de bem!

—Obrigado, balbuciou Miguel commovido e beijou-lhe a mão.

As crianças escutavam boqui-abertas

—Mas meu mestre vae para ficar? perguntou Beppo.

—Espero que não, meu amiguinho, um dever de amigo constrange-me a partir para Napoles, porem, logo que me seja possivel de voltar, continuaremos nossos estudos e nossos passeios; quanto a boa amizade—ah! essa, garanto, em desfavor da ausencia e do tempo, continuar na mesma altura! Assim dizendo, Miguel abraçava Beppo e os irmãos.

Os meninos entretanto vestiam tal seriedade, que mais pareciam zangados do que pezarosos. Convem notar que em Miguel não viam elles a carranca do—mestre-eschola, mas o olhar intelligente e amigo do

companheiro de folguedos; metterá-lhes é verdade, o bom moço, a carta do A B C nas unhas e na memoria, mas em compensação ensinara-lhes a tirar da funda, a lançar o pião, a nadar e vencer barrancos e finalmente instruíra-os na grande sciencia de fazer armadilhas e laçar passarinhos e lagartos.

Ora, quem ensina destas artes ás crianças é fatalmente adorado por ellas, e por conseguinte, mesmo barateando a sympathia natural de Miguel, os filhos do senhor L... tinham jus a estremecer o mestre, para, assim de coração tranquillo, o verem partir tão inexperadamente.

A amisade das crianças, como toda affeição dos fracos, é egoista—os pequenos constituíam para si um direito absoluto sobre o amigo.—Tiravam-lo? Tanto peor! Porque? Não queriam saber de razões; fossem quaes fossem as causas, o effeito era evidentemente desfavoravel e máo. E tanto bastava para estarem enfiados e furiosos.

Jeovanito, o mais moço dos tres, vendo que nada conseguia pelo supposto direito, achegou-se do mestre e disse-lhe, ameigando-lhe os dedos com sua mãosinha gorda e rosada—Fica, meu mestrinho!... dito isto, ficou a olhal-o supplicante, fazendo dos labios, que talvez inda cheirassem a leite, um biquinho de enfado e ternura.

Miguel respondeu negativamente com a cabeça em quanto o beijava.

Desesperou-se o pequeno, e conhecendo a nullidade de seus esforços, arremessou com toda a deli-

cada força de seu bracinho uma pancada no hombro de Miguel, acompanhando-a dos epithetos mais engraçados e injuriosos que pode dizer uma criança.

Por outro lado, a mãe dos meninos também apresentava, com muita brandura de gestos e delicadesa de palavras, suas sinceras opposições; e dellas, vendo a virtuosa senhora o nenhum exito, volvia a aconselhar o amigo de seus filhos, com taes carinhos e meiguices de mãe, como se aos proprios filhos o fizesse.

A mãe em tudo revela a maternidade—Seja ella a mãe de Christo ou a femea de um leão—entre a brandura celestial da santa e a ferocidade mundana da leôa está esse sentimento sublime, esse amor incomparavel que tudó pode, tudo vence, tudo desbarrata para salvar o filho. Penda para uma das extremidades, penda para a outra, seja divina ou seja bestial, hade ser mãe—ora commove pedras com as lagrimas do anjo, ora vence gigantes com as garras da fera; ora pede de joelhos, ora ameaça com as unhas; ora supplicante, ora ameaçadora; mas sempre imponente, sempre sublime, sempre mãe!

Miguel despedio-se da mãe de seus discipulos summamente commovido; ella o fez chorando e chorando dependurou-lhe do pescoço uma medalha de cobre com a imagem da Madona.

—É para que o proteja e ajude, disse a boa senhora abençoando-o, e, distribuindo ao depois pelos filhos objectos de uso, como pentes, escovas, lenços e gravatas, disse-lhes—Vamos, meus filhos, deem es-

ses mimos á seu mestre e peçam á Deus que o abençoe e acompanhe.

As crianças, quasi em côro, repetiram authomaticamente as palavras da mãe.

O senhor L. offereceu-se ainda uma vez ao viajante para escrever a alguns amigos de sua confiança, recommendando-o; ao que se oppoz reconhecido Miguel, pretextando parecer-lhe isso nimiamente desnecessario.

—Então, repito-lh'o, meu amigo, vá e não se esqueça de nós.

—Era preciso ser muito ingrato, disse Miguel abraçando-o pela ultima vez, o que foi fazendo por todos até sabir, depois de beijar repetidas vezes os discipulos, que se conservaram imperturbaveis e serios.

Quando Miguel desapareceu, os pequenos desataram a chorar ruidosamente.

Decorreu para a familia L. um dia comprido e triste.

FIM DA SEGUNDA PARTE.



TERCEIRA PARTE.

I

Nas terras pequenas, onde as ambições e o egoísmo são relativos ao tamanho do lugar, são entretanto os corações extraordinariamente maiores que nas grandes capitães.

Parece que essa viscera diminue na razão inversa do engrandecimento de uma cidade; quanto maior for a terra mais ridiculo e corrupto é o coração de seus filhos. Elle é como o barometro da civilização, que o suffoca e amesquinha.

Cada vez acreditamos mais que a innocencia anda de par com a ignorancia, como a lealdade e a franquesa com a inexperiencia, como o progresso com a desconfiança, como a gloria com o egoismo, como a ambição com a desvergonha e finalmente como a riqueza com a miseria.

Os milhões e as miserias degradantes são o patrimonio das côrtes, como a mediocridade de haveres

e a ausencia de absoluta mizeria são o das pequenas cidades—accumulam-se de um lado os bens para faltar do outro—accumulam-se mais, mais ainda, exageradamente mais, e mina pelo outro lado a mizeria degradante, inconcebivel, sem nome.

Esse disequilibrio da fortuna produz o equilibrio da balança social, o equilibrio das classes. Do contraste de circumstancias nasce a industria e o commercio, estes são o progresso e a civilisação.

E o que fazem o progresso e a civilisação ao contemplar a paz dos campos, a felicidade serena do lar, a fortuna dos obscuros e ignorados filhos da provincia?

Riem-se grosseira e estupidamente.

A ingenua hospitalidade da provincia, a expontaneidade no obsequiar, a facilidade de amar, o desinteresse no servir, o desejo de agradar, o compadecer dos infelizes, o consolar os desesperados, a obrigação de proteger os fracos, o interesse pelo semelhante, e mil outras virtudes dos pequenos lugares, passam ridiculisadas senão desconhecidas nas grandes capitães, onde o dinheiro forma um centro de gravidade, em torno do qual, como formidavel mundo planetario, gravitam, sujeitos e dominados pela força centripeta, a moda, a aristocracia, a elegancia, a vaidade, o orgulho, o egoismo, a ambição, o desamor, a indifferença, a baixesa, o roubo, a mentira, a torpeza, a deshonna e mil outros vicios brilhantes, cujas centelhas são todas as vergonhas, todas as mizerias, todas as corrupções sociaes!

A hypocrisia é moeda corrente nos grandes meios e ha como um commercio de odios surdos entre os correligionarios mais intimos e communicados desse circulo dourado na superficie e podre no fundo.

Tudo offusca! tudo luz! porem nada conforta porque nada tem valor sincero e real.

Na provincia os sentimentos são mais nus e verdadeiros e as almas mais humanas e firmes—Aqui o coração é coração, o bom é bom e o máo é máo; aqui as mães são verdadeiramente mães, ali muito raras vezes o são; aqui a mulher quer ser mãe para ser feliz, ali não quer ser mãe para se não desfeiar; aqui o amor e o casamento são cousas puras, faceis e naturaes, ali são jogos de especulação e de interesse individual. Nas terras pequenas o casamento é; em geral, uma consequencia do amor; nas grandes, quando elle no casamento exista, o que rarissimamente succede, é uma consequencia do casamento, isto é, da convivencia e do habito.

Dahi os immensos crimes e as torpezas mesquinhas; dahi os filhos rachicticos e desestimados, as mães doentias, scepticas, aborrecidas e sem amor.

Na provincia emfim, cada um tem o seu coração, por elle vive e pratica, por elle ama e só por elle delibera; na capital ha somente um coração para todos, podemos dizer um coração official, uma viscera da nação, um apparelho mechanico e economico—tem a mesma pulsação e o mesmo calor para todos; é quasi que um coração artificial; é mais um objecto de luxo, que um orgão necessario; é uma teteia dou-

rada, é um boneco de papellão! é um trapo! é lama!

Pode haver um bom povo em uma grande capital, convimos, mas urge comprehender—que um bom povo não diz a reunião de homens bons, um bom povo não diz o mesmo que uma boa gente. Assim como uma athmosphera, aliás boa e salubre, compõe-se de moleculas boas e más, cuja combinação produz magnificos resultados; assim tambem o povo de uma grande capital, como o de Paris, por exemplo ou de Madrid, pode ser bom no todo e ruim em partes.

Junto, unido, fundido em massa, ligado compactamente pelo enthusiasmo, pelos brios politicos será bom, porque é brilhante e é grandioso, porem como as montanhas, só produz effeito visto de longe, donde com um olhar se abranja o todo e não as partes. Será bello, atravez dos prismas encantados da historia e dos seculos, será transparente e azul, depois de uma refracção, como nos apparece o ether atravez da luz do sol e dos gazes athmosphericos, porem de perto é grosseiro e informe como a montanha—pedras bruscas e ruins, vegetações enfezadas, barrancos perigosos, onde se escondem reptis malvados e traiçoeiros.

Assim é o povo de uma capital civilisada, pode ser bom no conjuncto, mas em geral os homens que o formam são entre si máus e viciosos.

II

Fria e phisiologicamente esmerilhando a verdadeira causa, não é de espantar, como parece á primeira vista, que a estranha familia de Lipari si houvesse tão boa, tão patriarchalmente virtuosa, tão des-affectadamente ingenua, tão infantilmente generosa e protectora, para com um pobre moço, que se apresentava como mestre, sem protecção, sem dinheiro, sem attestados de collegio, sem outros dotes, que o recommendassem alem dos moraes e intellectuaes.

É que nos lugares pequenos abrem-se os corações antes de se abrirem os olhos—preferem o bom character e os bons costumes á grande sabedoria e á brilhante nomeada. Ninguem se diz—mostra-se; ninguem pergunta—vê.

E se procurassemos bem a causa de tudo isto, haveriamos de descobrir que, em vez do ar porvilhado das ruas estreitas das côrtes, dos acipipes caprichosos dos hoteis, dos vestidos apertadissimos de baile, das encanecedoras vigalias das festas, do abuso dos perfumes, do uso dos licores excitantes, dos sentimentos contrariados, das dores disfarçadas pelo riso e das lagrimas fingidas; em vez de tudo isso respiram os da burgueza provincia o ar livre dos campos, comem os frugaes legumes de suas hortas, vestem-se á larga, dormem cedo, encantam-se com os perfumes das flores e dellas tiram as mulheres seus or-

natos, e mostram no olhar e no sorrir as dores ou alegrias que lhe vão por dentro.

Não é de pasmar tal contraste entre os civilizados filhos das grandes capitaes e os singellos habitantes dos lugares pequenos, porque os estomagos de um são diametralmente oppostos aos estomagos dos outros, e o homem é bom ou máo, conforme o estado máo ou bom de seu estomago.

Os perfumes e o alcool estragam o cerebro e desbotam a memoria; as anquinhas confrangem a respiração; o pó arruina os pulmões; os hoteis encarregam-se de aguar o sangue; emfim todos estes cumplices da morte, que constituem o deleite e encanto das grandes capitaes, principiando por estragar o estomago dos cidadãos classificados, acabam por dar batalha a alma, que se enerva, gasta, corrompe e apodrece.

Agora voltemos de novo a medalha—Os outros! Como são felizes! como sadios! como do que vivem todo o elemento fortifica e avigora. Como bons e alegres, que pois tem bom o estomago e puro o sangue.

O bom estomago é a base de toda e qualquer felicidade possivel.

Sem estar em perfeito estado o estomago não pôde haver alegria, sem alegria não há saude e sem esta o que seria a virtude? A virtude é uma consequencia da saude e da alegria—a tristeza depõe contra a virgindade e contra o amor. E finalmente o que é a virtude, a saude e a alegria, senão a mais completa felicidade humana?—a familia.

De mais—a belleza ! não será ella o conjuncto destas tres qualidades reunidas ? não será a belleza a continuação da saude, da alegria e da virtude ?

—Certamente que sim, como certamente é esta a unica possivel e verdadeira fortuna.

Logo os filhos das grandes capitaes são geralmente mãos e duplamente desgraçados, que alem da desgraça de o ser, tem ainda a, porventura maior, de conhecer que o são.

E todavia continuam a ir se torcendo dentro de suas jaulas de ouropel a entulharem, com os esqueletos vivos—os hospitaes, e com os mortos—os cemiterios.

Deixemos-los viver ou morrer.

III

Para onde e para que se dispunha Miguel com tanto afan ?

—É o que vamos ver e o que necessariamente ficou concertado desde aquella singular entrevista na choupana de Sombra da Noute.

Preparavam-se como para uma pesca no alto mar; Miguel abriu francamente a bolsa á Sombra da Noute, e este soube servir-se della com intelligencia e economia --fretara um barco grande de pescar, comprara provisões, salgara bastante peixe, empacotara lenha, bolacha e fructas seccas, enchera duas talhas

d'agoa fresca, munira-se de bom vinho e agoardente, arranjara duas macas, alcatroara os competentes archotes de feno e com tal zelo e actividade se houve em tudo, que á meia-noute todo o necessario estava prompto.

O vento era favoravel e já o barco se sacudia impaciente na praia. Entre esta e o barco, grosso archote, coberto de resina, espalhava um clarão avermelhado e fumifero, parecia, reflectindo na humidade da areia—uma brasa cuidadosamente collocada sobre uma lamina de vidro.

De vez em quando interrompia a luz do archote o vulto negro de Sombra da Noute, carregado de mantimentos, que ia deixar a bordo; logo voltava com agoa pela cintura, subia de novo a ladeira e tornava a descer-a vergado com a carga. Seis ou sete carretos e dera por feito o carregamento. Então armou a tolda no tombadilho, empurrou com cuidado as talhas para um lado, calçou-as bem e depoz, ao alcance da mão, a borracha de agoardente; abriu em seguida a escotilha, arrumou nella os fardos de viveres e subio novamente a coberta; ahi fez lume para disfarçar a humidade, estendeu um bom encerrado, armou duas macas, e, tomando folego, que tudo isto o fizera cansar, disse em voz alta—Prompto, com os diabos!

Depois por sua conta e de sua idéa, assestou á prôa quatro anzoas e duas redes de pescar. Feito isto, tirou vagarosamente tabaco de uma bolsa de couro, encheu bem o cachimbo, olhou em torno, pro-

curando descobrir o que faltava e disse satisfeito—
Bom !

Accendeu o cachimbo, voltou á praia e subio para casa, cantarolando muito tranquillamente e muito contente de sua vida.

Já lá estavam a espera Miguel e o cão.

O artista desprezara as roupas graves do professor e revestira sua antiga e singella blusa de artista ambulante—tinha na mão o estojo de sua querida rabeca, uma faca de bainha na cintura, na algibeira todo o dinheiro que possuia e no coração toda esperança que lhe restava, na cabeça. Ah ! nessa, além das harmoniosas concepções, que um amor malfadado lhe inspirara outr'ora, apodrecia de ha muito uma idéa sinistra e repugnante, dependurada da imaginação, como o cadaver contrahido de um enforcado.

E, ségundo dessa idéa, negra, como a sombra informe de sua propria desgraça, sentia alvejar, nas margens oppostas do mar de Sicilia, a roupagem transparente de um anjo, que o chamava de lá. Era isso a sua estrella—seguia-a indifferente a tudo mais que o cercava, via-a somente, só ella—luzir no fundo negro de seu futuro, como pharol de unica salvação possível.

Alvo, pharol ou estrella, apagassem essa esperança e a vida para Miguel seria toda trevas e gelos.—Rouhem-m'a, pensava elle—e esta vida não será mais que enorme sepultura.

Castor dormia profundamente aos pés do amo.

—Prompto, patrõesinho! disse Sombra da Noute, chegando á casa.

—Podemos ir?

—Quando quizer respondeu o pescador, tomando do chão a torcida accesa.

Miguel tomou o capote de um prego donde estava dependurado e, embrulhando-se sahio, acompanhado de Castor, que, rapido tomou-lhe a frente e desceu a ladeira.

Sombra da Noute fechou por dentro a porta com a tranca de nogueira, foi ao outro quarto e fez o mesmo á porta do fundo e, depois de apagar o pavio, pizal-o e mettel-o na algibeira, afastou de um canto do tecto o choupo e, espremendo-se pela estreita abertura, saltou fóra, exclamando—Até a volta, si te encontrar viva ou si eu não estiver morto! Em cinco minutos alcançou Miguel.

Chegados a praia o homem tomou nos hombros o artista e carregou-o para bordo, Castor seguio-os a nado.

Miguel agarrou-se ao portaló e pulou no barco, estendeu depois um braço e puxou Castor para dentro; o cão entrou todo a sacudir-se, salpicando agoa do corpo. Sombra da Noute foi o ultimo e fechou o portaló; em seguida, voltando-se para Miguel, apresentou-lhe o barco e os seus arranjos, explicando a serventia disto, elogiando aquillo, fallando de tudo e dando a entender que tinha consciencia do bom desempenho de sua commissão. Miguel distrahidamente passeou a vista pelo interior do barco e declarou-se plenamente satisfeito.

Suspendeu-se a amarra, guindou-se a vela grande —O barco começou de embalar, movendo-se a principio com difficuldade, como se tivesse acordado naquelle instante, parecia mesmo que se espreguiçava; logo, porem, cedeu ao leme de Sombra da Noute, virou a favor do mar e começou de navegar com vento em pôpa.

Partiram !

IV

O barco atravessava descuidado o perigoso mar de Sicilia, em demanda das praias napolitanas.

Quem o governava? O nordeste? O leme? O braço do pescador? A bussola? Uma estrella? Algum pharol? A fé em Deus? O capricho do mar? Nada!—nem o braço mesquinho do homem, nem o dedo poderoso de Deus—nem a vontade de um, nem o querer do outro. Governava-o sim, um coração apaixonado.

O barco estremecia com o pulsar d'esse coração bohemio; seu verdadeiro commandante era o amor, esse que não conhece tempestades nem bonanças, esse que é tranquillo no soffrer e desensoffrido na ventura, esse que se expõe, esse que não vê, esse que sempre triumpho!—o amor!

Parecia demandar os portos de Napoles, mas em verdade o que demandava elle era tão somente a

mais forte das fragilidades humanas, a mais heróica das fraquezas divinas, o mais diabolico dos anjos terrestres, o mais angelico demonio celeste—a mulher

Esse conjunto do que ha de santo e do que ha de tentação, esse amplexo do bem com o mal, esse beijo de Deus no homem, essa lagrima doce e venenosa de piedade e ciúme, esse motivo do inferno, esse mesmo inferno e esse paraíso, essa mocidade, essa riqueza, esse tudo, esse nada—a mulher!

Ya em demanda de uma mulher, isto é, ia naufragado—uma mulher é sempre uma ilha desconhecida

Entretanto, navegavam; entretanto, o vento e a noute corriam favoraveis e tranquillos: a natureza verdadeiramente fidalga, boa e orgulhosa—dá indifferentemente, não olha para quem recebe—favore e passa distrahida.

O barco corria rapido e macio—as enxarcias encimadas, a vela gorda de vento, a prôa alta de cortadora, o casco tremulo de ligeiro.

Miguel, de pé—esbelto, pensativo, com a rabeira em punho, quebrava da noute o silencio encantado com as vibrações harmoniosas de seu instrument. Gemia o arco apaixonado e as vagas alevantavam-se convulsas e encapelladas, para o ouvir e admirar, logo depois recahirem, se deslocando magneticamente sobre suas molas quebradiças.

E o barco se embalava como um berço de gigante, e a musica fugia com o vento, e Napoles vinha pouco e pouco se aproximando.

Mal chegados, atracara o barco e saltaram os viajantes, seguidos do cão.

Sombra da Noute, por maior segurança, escolhera para o desembarque uma praia de pescaria, das muitas em que abunda Napoles, e disfarçadamente vestido de pescador, carregava, cantando á moda destes, o peixe que apanhara durante a viagem.

Seriam, quando muito, dez horas da noute, hora essa de se prepararem os pescadores para a pesca nocturna em alto mar.

Tudo estava prompto—viam-se as redes esticadas, amontoados os archotes e cheias as borrachas.

Dirigiram-se os dous e Castor para uma tasca fronteira á praia; ahi, segundo o costume, esperavam os pescadores, com as competentes mulheres e filhos, a vez da maré, entretidos a ceiar ou a beber. Os recém-chegados, que, á despeito da vontade e do disfarce, chamavam a attenção geral, foram se assentando com affectada indifferença e bebendo com soffrivel vontade.

Sombra da Noute tratou logo de se desfazer do peixe, arranjar pouso para a noute e ajustar preços; feito isto, sahio com o companheiro da tasca e, sempre acompanhados de Castor, despresaram a praia e entranharam-se pela cidade.

Miguel não conhecia Napoles e, carregado de sua rabeca, deixava-se ir acompanhando o guia; assim

palmilharam muitas ruas, a principio tomando para a esquerda, seguiram depois transversalmente—ora atravessavam uma rua estreita e deserta, ora uma larga e concorrida; até que afinal chegaram a um logar espaçoso e arborizado; depois de ligeira hesitação, venceram o largo e metteram-se por uma bonita rua, larga, bem calçada e mais concorrida que as outras.

—É esta, disse o pescador sem parar. Miguel levantou os olhos para uma taboleta e leu—Rua de Toledo.—O coração bateu-lhe mais apressado.

Continuaram a andar, silenciosos. Á proporção que o faziam diminuia o numero de transeuntes, era a noute que se adiantava. Uma vozeria confusa e alegre partia dos cafês e dos grupos rareados.

Castor, de cauda interrogativa e focinho baixo, ia na frente, farejando sofregamente as pedras estranhas para o seu faro.

Nem se quer olhavam os viajantes para as preciosidades naturaes e artisticas que se desenrolavam á seus olhos; comtudo ali estava um artista, não sem alma para ver, sentir e admirar, mas tão tomado de suas preocupações, tão pasmado e absorvido por uma idéa fixa, que não lhe dava a alma pressa de regalar a sêde do artista, quando o coração resequiase á mingoa de um outro orvalho. Um artista, um lazaroni e um cão, isto é, o primeiro abstracto, o segundo rude e o terceiro irracional, são justamente as especies mais refractarias ao bello, mas em verdade é que pareciam identificados pelo mesmo inte-

resse e levados pelo mesmo fim, porque, igualmente apressados, caminhavam no mesmo compasso, si é que dous homens pôdem andar pelo compasso de um cão.

De repente Castor se poz a ladrar contra um portão de ferro, que servia de vasta entrada para um jardim, em cuja casa muito se dançava e folgava. A musica do baile absorvia os latidos do animal, este porem, ladrando cada vez mais, enfiava a cabeça e patas pelos intervallos dos varões lanceados da grade.

Nas salas principaes do edificio estorcia-se o baile em convulsões sensuaes; da rua se viam rodar vertiginosamente as cabeças muito frisadas e as espadas nuas de alabastro e banhadas de luz.

Sombra da Noute parou, olhou com attenção para a fachada do edificio e, calcando a cinza do cachimbo, disse seccamente—É aqui.

Miguel estava immovel e distrahido, tinha os olhos arregalados e as mãos frias; a luz immensa, a musica, o luxo, o zum-zum das sedas e velludos, offuscavam-o, ao mesmo tempo que o enchiam de raivosa tristeza.

—Agora, disse o outro em voz baixa—podemos entrar por ali, sem risco de sermos vistos—Conheço uma ruasinha particular pertencente a casa e por onde é permittido ao povo de transitar. E arrancando o companheiro do labyrintho de reflexões em que parecia perdido, foi com elle atravessando a frente do edificio. Miguel ia atraz, caminhava de cabeça baixa e passos lentos; deste modo costearam o

jardim pelo lado esquerdo, depois, embrenhando-se por uma sombria alameda de laranjeiras, Sombra da Noute disse ao companheiro—Esta rua cerca toda a casa, caminhemos por aqui.

Quando chegaram ao meio da ruasinha, o guia parou novamente, acrescentando em segredo—Daqui vê-se perfeitamente o fundo de toda a casa. Aquella grande varanda em fórma de arco, disse elle apontando para a enorme balaustrada do andar superior, fecha toda a casa; por ahi pouca gente pode agora transitar, porque naturalmente estão entretidos com a dança e com o jogo; os salões do baile são no centro, e a elle pertencem aquellas cinco janellas que o senhor vio da rua; dos lados estão os dous salões do jogo e dão tambem para a rua aquellas duas outras janellas, que o senhor vio de cada lado, porem, comprehende? é tudo resguardado pela varanda, onde agora não chegam os convidados. Estão no diabo da festa! D'aqui pouco se ouve o barulho que fazem, porque o vento leva contrario. Olhe agora para baixo, continuou Sombra da Noute, debruçando-se nos hombros de Miguel e acompanhando a discripção com o indicador da mão direita—Olhe! vê aquella grade de marmore? na parte escura!. Está inteiramente sombreada pelo diabo da varanda do andar de cima...

—Onde estão aquellas vidraças de côr? perguntou Miguel, todo attenção.

—Justo, disse o outro estendendo a palavra e os labios.—Tambem é o unico aposento do andar de

baixo que tem luz. Pois ali, continuou, abaixando mysteriosamente a voz e chegando a bocca do ouvido de Miguel—é o aposento particular da filha do senhor Maffei !.

Miguel encostou-se á grade do jardim, segurou a cabeça com a mão e ficou a fitar embevecido as vidraças coloridas da janella. Sentia uma tempestade n'alma—luziam-lhe ali na sombra os vidros illuminados do quarto de Rosalina, como um pharol no alto mar.

--Teria elle deparado o porto ?

--Eu conheço, continuava Sombra da Noute, contendo Castor, que se queria precipitar pelas grades do jardim, tão bem estas casas, como conheço toda a cidade de Napoles--palmo a palmo ! Que quer ? aqui fui criado, aqui brinquei, cresci e corri ! Todas estas casas novas, que o senhor vê por cá, foram levantadas sobre as ruinas de um antigo convento de frades. Em pequeno ainda apanhei esse convento; estes lados eram os da *Villa*, de negras paredes, muito altas e feias. Com os diabos ! parecia um cemiterio ! Hoje está tudo isto acabado, assim mesmo, a unica cousa que conservam do convento é um cruzeiro de pedra, que deve de ter ficado para aquellas bandas, e indicava com os beiços o lado opposto á casa—E si isso ficou, meu rico cavalheiro, foi porque não na poderam destruir e não por ser, como disfarçam elles, obra de grande arte e merecimento ! Ora, quem não sabe que estes logares não são bons ? ! Neste chão !. dizia elle batendo com o pé—ha san-

gue máo de frades, que os irmãos matavam para lhes ficar com os haveres, e depois enterravam ahi pela quinta, sem que a mais ninguem constasse. Todas as noutes, continuava Sombra da Noute, engulindo a saliva, cada vez mais aterrado—ao badalejar dos sinos grandes, nos sabbados, á meia noute, os diabos dos frades se levantam das sepulturas e vão, rezando, rezando... se agarrar á cruz, e cada um a puxa para seu lado por penitenciar seus peccados. Ha uma força que a prende a este chão amaldiçoado! Dizem até, e ha quem tenha visto! que o demão do cruzeiro fallou!... e eu acredito! disse elle benzen-do-se, todo tremulo, com ambas as mãos.

VII

Continuava Sombra da Noute a discorrer por diante, em quanto Miguel, sem si quer se aperceber disso, fitava, encostado immovel aos varões do jardim, a claridade colorida e alegre das vidraças de Rosalina, cujo aspecto festivo contrastava com o sombrio das grades negras e ltuosas do carcere interior de seu espirito.

Ignorado corria-lhe em silencio dos olhos, o pranto morno e copioso.

Porque chorava elle, tão bom e generoso, ao contemplar a fortunosa opulencia de sua querida amiga? Não a desejava por acaso feliz? Não quereria

para ella todos os bens da terra e todas as benções do ceu? Sim! mas é que no meio da opulencia daquelle orgulhoso viver se haveriam humilhar a singella blusa e a rabeça do artista.

Desgraçado! Chorava porque era moço! porque não tinha vivido bastante para saber que a vida é uma enorme decepção, chorava porque Rosalina era o seu primeiro amor, e o primeiro amor do homem é tão selvagem e feroz, como deve de ter sido o primeiro homem da natureza. Chorava porque a estrella que o conduzia na existencia tingia-se de côres mundanas, em perda do celeste azul de seu phosphorecer.

Era aquelle chorar de Miguel um carpir triste e desesperançado sobre dous tumulos inda mais tristes—sobre o de Rosalina e sobre o seu, por ventura menos valioso que o della; era chorar sobre o tumulo das recordações e sobre o das esperanças—o passado e o futuro—o nada e o nada.

E o que mais é nosso viver nesta especie de mundo, sinão uma illusão entre dous nada—o presente e o futuro? Dous nada insondaveis e obscuros que fecham uma hypothese, chamada—presente. Hontem saudades nebulosas; hoje—mentiras e esterilidades; amanhã—sonhos mal contornados. Eis a vida!.

E assim scismava Miguel, emquanto o companheiro, sem dar-lhe pela indifferença, continuava a papagaiar, acrescentando—Não seria eu capaz de morar aqui, nem que me cobrissem de ouro! Metter-me com os demões das almas penadas, que...

Nisto avivou-se de repente a luz do quarto de Rosalina.

Miguel endireitou-se todo como uma cobra e prestou attenção; Sombra da Noute calou-se de todo e ficou tambem a olhar para a janella illuminada, dizendo baixinho, depois de algum silencio—Entrou para o quarto.

Miguel chegou-se delle e disse-lhe imperiosamente—Deixe-me só e vá esperar-me na tasca, leve comsigo Castor e tome dinheiro para o que fôr necessario. Sombra da Noute retirou-se silenciosamente.

O artista continuou immovel e abstracto a fitar a janella, depois, como se quizesse fallar áquella claridade risonha e colorida que de lá vinha, ergueu inspirado o arco, collou com frenezi a rabeca ao hombro e os sons encantados, com que dantes commovera sua amada, rebentaram plangentes e harmoniosos, como um côro de beijos e suspiros, soluçado pelos anjos.

—Estaria ella no quarto?

Estava com effeito, pois era essa noute, justamente a mesma em que Rosalina, concertada com o cavalleiro de bigodes pretos, abandonava os salões da dança, para se refugiar voluptuosamente estenuada em seus aposentos, e ahi ouvira o murmurar choroso de uma harmonia exquesita e conhecida.

Era essa mesma a noute, mesma era tambem a musica, a rabeca a mesma, mesmos o arco, o artista, o braço, a inspiração; só Rosalina! só ella não

era a mesma, que dantes se arrebatava com aquella musica bella e innocente como o amor de duas crianças.

VII

Miguel continuava a tocar inspirado.

À luz da alcova de Rosalina amortecia-se e as horas da noute se foram succedendo, tristes, frias, uniformes e silenciosas como as brisas do outomno.

Os ultimos arrancos do instrumento se confundiram com os primeiros estremecimentos da auroça. Quando Miguel chegou á tasca era já dia alto, estava deserta a praia de pescadores, que não tinham ainda voltado da pescaria.

Ligeiro enfiou-se o artista pelo quarto onde se accommodara Sombra da Noute, depoz n'um canto a rabeça e precipitadamente escreveu em um pedaço de papel ordinario o seguinte:

«ROSALINA.

«—Não morri e desejo viver só para te amar—estou resolvido a fazer tudo o que me ordenares, até mesmo minha propria desgraça, si ella a ti fôr necessária; em troca disso, peço-te com a alma de joelhos, meu amor, concedas-me amanhã, á meia-noute, uma entre-vista. Teu lenço atado ao balcão de tua janella será o signal de que ainda te merece alguma cousa—o teu escravo

Escripto, dobrado e subscriptado este bilhete, Miguel acordou Sombra da Noute, que dormia a somno solto.

—Entrega, disse-lhe elle, do melhor meio que te accudir, hoje á noute, esta carta a Rosalina; se não lhe poderes fallar, faze ao menos porque lh'a chegue ás mãos, mas sem falta hoje!—Entendes?

—Descanse! que será entregue, disse Sombra da Noute, mettendo o papel no bolso e virou-se novamente adormecido.

A missiva de Miguel chegou de feito ás mãos de Rosalina, e, como vimos no capitulo em que justamente a deixamos, ella, accedendo ao pedido do resuscitado amante, atara á meia-noute, como elle lhe pedira, o seu lencinho de rendas francezas no marmoreo balcão da janella.

Feito o signal, Rosalina voltara a se reclinar tranquillamente no seu divan, como quem se submete ao aborrecimento de qualquer cerimonia politica; e, nessa dubia postura, marcando com o pé o compasso dos segundos, dobrava e desdobrava o papel, que lhe chegara ás mãos por intermedio de Sombra da Noute.

A pendula marcara afinal a hora da entre-vista. Um silencio perfumado e voluptuoso rescendia em torno de Rosalina, como uma aureola de desejos.

Ha sempre nos aposentos da mulher bella um não sei que de indisivel e seductor, que encanta e embriaga; uns perfumes de cabellos, de flores e de carnes, que lembram sympathicamente a curva macia e

flacida de um bom seio de vinte e dous annos. Pode se chamar a esse fluido exquesito o perfume do amor.

A claridade coalhada do globo de alabastro, a tepidez preguiçosa da athmosphera, o macio surdo do tapete, tudo, tudo juntamente desatinava e endoudecia os sentidos.

Rosalina, encantadoramente reclinada no divan—pendente para traz a cabeça, molle, humido o olhar, as narinas soffregas, os labios entre-abertos e ressequidos, comprazia-se em ver, espiando pelo franjado sombrio das pestanas, o arfar voluptuoso das carnes macias do collo. A garganta carnuda, pallida e estendida tinha uns tons frescos e uns estremecimentos de carnes gordas de criancinha de peito; as covinhas dos cotovellos, os saltinhos das carnes dos dedos, as unhas côr de rosa, os dentes côr de leite, os cabellos languidos, serpenteados e frouxos, a respiração comprimida, a lingua humida e vermelha, como um pedaço de carne viva e ensanguentada, em cuja pontinha reflectia a brancura ferina dos dentes, tudo, emfim levantava com explosão a chamma douda e selvagem dos desejos.

E todavia ella estava quieta e lethargica, nesse quasi somnambulismo, que não é bem indifferença, mas um esquecimento de si mesmo, um doce abandono de forças, comparavel ao estado comatoso, que succede aos prazeres sensuaes e cansativos. Nesse *dolce far niente* de uma mulher rica, que é mais formosa para os outros do que para si. Quando, subi-

to, no quadro escuro da janella, aberta de par em par, desenhou-se o busto desgrenhado de Miguel.

Vinha transformado e pallido como uma caveira !

VIII

Miguel precipitou-se na alçova e cahio soluçando aos pés de Rosalina—commoção amarga e deliciosa o dominava, como nos bosques a tempestade domina a corça.

Elle gosava e soffria amargamente—Rosalina ali estava, ao alcance de seus labios e de suas mãos, mas era Rosalina transformada—da primeira não existia mais que a formosura. E tanto assim, que aquella scena, em demasiado sentimental e tragica, começou de incommodal-a—sentia-se interiormente arrependida de ter consentido em similhante entrevista; comtudo era-lhe ella inevitavel—conhecia assaz o character de seu companheiro de infancia, para, com razão, temer qualquer consequencia má de uma recusa. De sorte que o melhor caminho á tomar era o da dissimulação e do dólo; não lhe faltariam certamente, para tal empresa, industria e armas, que pois contava com a sua maleabilidade de florete e com sua destreza de cobra—quando não lhe era possivel empregar a força, soccorria-se ás lagrimas e triumphava sempre.

Rosalina, apercebida com taes munições, poz-se

em guarda contra o temivel inimigo, que tinha ante de si. Bem sabia ella quanto são perigosos e formidaveis a inexperiencia e a virtude quando amam.

A verdadeira paixão é selvagem, grosseira e egoista, porque a delicadesa, a civilidade e a sociabilidade são obras do homem ou meras convenções sociais, e a paixão é um monstro anti-diluviano, criado pela natureza. O amor sahio directamente da bocca de Deus para o coração do homem—é esse o nosso unico ponto de contacto com o increado.

Esse verbo eterno não conhece leis, nem patria, nem senhor, como não conhece subdivisão nem variedade—elle é um, unico e eterno—É o verbo ser da natureza.

Deus creou-o para o mundo e não para o homem—este como a fera, o reptil como o passarinho, amam da mesma forma.

Foi pensando deste feitio que Rosalina cobrio de caricias a victima que tinha aos pés, e fel-a assentar-se prosaica e commodamente, em uma magnifica cadeira de damasco. E, depois de haverem pingado um por um os segundos do estylo, abrio a fallar, protectora e carinhosamente, do seguinte modo:

—Oh! como sou feliz e desgraçada por te tornar a ver, meu Miguel, porem si me encanta a tua presença, a situação que della resulta me aniquila—amo-te muito, mas é preciso seres prudente e teres, disse ella sorrindo com intenção, muito juisinho.

—Eu já não contava contigo e tinha razões para isso, vi uma vez o precipicio donde cahiste, e tão

terminante se me afigurou delle uma queda, que nunca mais me animei tornar a visital-o. Porem tinha saudades tuas, acredita, disse ella suspirando, sinto-me loucamente satisfeita por te ter novamente a meu lado! si soubesses o que fiz para ter noticias tuas! Mas emfim sou feliz, agora si.

—Porem, é que.. interrompeu Miguel, disseram-me que tu te ias casar com um fidalgo!.

—É verdade, disse novamente suspirando Rosalina—e não ha outro remedio, senão nos conformarmos com essa sorte escura.

Miguel fez um gesto de impaciencia e reprimio o que ia a dizer.

—Mas que pensas? continuou Rosalina, mudando de tom e affectando um transporte—suppões por ventura, que me fugiram repentinamente da memoria os nossos juramentos e a nossa fortuna? crês que me parece ser a riqueza o melhor dos bens? julgas que não se pode converter em luto o que foi nossa esperanza? tens que sou muito feliz? ingrato!... Oh! não, Miguel! Eu soffri amargamente e mais soffro agora—Quanta vez não amaldiçoei tudo que me cercava! quanta vez não trocaria por um daquelles pacificos e religiosos serões de Lipari, todos os faustos, todos os esplendores destas festas, que me acabrunham e me matam?! Emtanto tinha-te por morto, nossa choupana por incendiada e minhas amigas de infancia, sobre indifferentes, prevenidas contra mim! É preciso me esquecer de tudo!...

Miguel escutava immovel e pensativo.

Rosalina continuou, abaixando a voz—Meu pae está cada vez mais severo e mais ambicioso; agora todo o seu *el-dorado* é possuir um titulo qualquer de nobreza antiga, cuja realisação só de mim confia; desde que um fidalgo arruinado—o Visconde de Cenis, com a mira no dote, me pedio em casamento...

—E tu consentes?! perguntou arquejante Miguel, e tu te vaes ligar a esse infame especulador, mesmo sabendo que eu existo e só por teu amor o faço?!...

—Mas o que queres, meu amigo?—Não o desejo eu, ordemna-m'ó meu pae! Nisto deves, antes de amaldiçoar meu procedimento, pezar bem o sacrificio, que vou fazer! Sabes certamente que não é a ambição e a vaidade que me conduzem, sabes o quanto te amo e o quanto me comprazeria viver contigo e só para ti; mas em semelhantes circumstancias, nada fazer é fazer tudo—Minha recusa, sobre ser a deshonra certa, seria talvez a morte de meu pae!... Quanto a mim. á não me poder ligar contigo, ninguem mais prefiro—tanto me dá de casar com o Visconde como com outro qualquer. O que de tudo isto se conclue é que sou a mais desgraçada das mulheres—amo, sou amada; chegam-me os bens para viver e no entanto faltam-me amor e existencia. Tu, meu pobre Miguel, sem o saber, vieste dar-me um golpe horrivel—si me foi difficil habituar á idéa de tua morte, ser-me-ha impossivel supportar a de tua ausencia! Todavia estou resignada—uma gota de mais ou de menos no vaso de minhas amarguras não prejudica, porque o liquido de ha muito transbordou.

Sejamos verdadeiramente corajosos, meu amigo, e saibamos ser dignos um do outro pelo sacrificio, soframnos juntos..

—Si soubesses a noute que passei!.. quando ouvi aqui no jardim a mesma musica, que embalou meus primeiros sonhos de mulher e meus ultimos devaneios de criança... aquellas notas eram como o poema de nossa mocidade e de nosso amor. Como eramos então felizes e esperançosos!. Muito chorei, meu amigo, quando abriste-me esse livro apagado de recordações e saudades, chorei como não imaginas, e só se me afigurava que aquelles sons errantes eram o teu espirito, baixado do ceu para me amaldiçoar. Foi uma noute de pezadelos para mim!.. não dormi. faltava-me o ar... e tinha medo de abrir a janella... E debruçando-se sobre Miguel exclamava—Como sou desgraçada!.

—Peço-te, continuou ella, depois de algum silencio, com a voz ainda tremula do choro—que partas; e se não me podes remediar o mal, que não o aggravas Parte, meu amigo, e evita me tornares a ver.

—Para salvar meu pae é preciso sermos mutuamente rigorosos. Sê de todo nobre e generoso—salva a quem te quiz perder! perdôa do alto de teu coração esse pobre velho, que não tem culpa de ter nascido ambicioso e máo. Elle é o culpado de tudo, é verdade, mas tambem a elle devo minha existencia e todos os cuidados que tenho recebido; devemos-lhe a felicidade que já gosamos, é justo que sup-

portemos agora o sacrificio que elle nos impõe... Perdôa! sim? perdôa, Miguel!

E Rosalina, meiga, encarava com chorosa ternura o olhar sombrio de Miguel.

O moço ergueu-se com impectuosa feição. Methamorphose assustadora opperou-se-lhe na phisionomia—os olhos fechavam-se lentamente e lentamente se abriam; um sorriso de amargurada desconfiança encrespava-lhe os labios—Debruçou-se brandamente sobre Rosalina e, recolhendo-lhe as mãos frias, disse-lhe com delicadesa—É então teu pai o unico obstaculo de nossa felicidade?

—É, disse ella.

—Então, adeus! E beijou-lhe a fronte.

—Que vaes fazer?

—Obedecer-te.

—Como?

—Partindo.

—Para onde?

—Não sei.

—Quando?

—Já!

E Miguel sahio tão rapido como houvera entrado.

Rosalina levantou-se, foi até a janella e percebeu ainda o vulto do artista desapparecer por entre a rede de galhos e folhas sombreadas pela noute, encostou-se ao balcão de marmore, olhou para o tempo e disse, fechando a janella e abrindo preguiçosamente a bocca—Até que emfim! Depois entrou para sua alcova, correu o cortinado, mirou-se em um espe-

lhinho de mão, desprendeu os cabellos e tocou a campainha, chamando a criada para a despir.

D'ahi a meia hora, Rosalina, mais encantadora que nunca, adormecia sorrindo para o immenso christal de Veneza, que com arte reflectia seu corpo esculpturalmente formoso, atufando-se nas amplas e alvissimas cambraias do leito, semelhante a Venus transformando-se das espumas do oceano.

IX

Depois dessa noute Miguel vivia para uma idéa, fosse qual fosse ella deveria de ser negra e amarga, porque amargo era o seu sorrir e negras as sombras de seu olhar.

Já por varias vezes perguntara-lhe o guia se era tempo de regressarem para a ilha, Miguel, porem, desviava a cabeça, como se alguma cousa o prendesse ainda em Napoles e deixava-se ir ficando. Alguma cousa o prendia de feito—era essa idéa.

Todas as tardes, quando para o occidente, o crepusculo vespertino esfogueava as nuvens mais baixas do horisonte, elle, espantadiço e callado, tomava para as bandas da casa de Maffei e, como um espirito perseguidor e maligno, rondava-lhe o jardim e o quintal, sempre se procurando confundir com a escuridade movediça das folhagens.

E, mais tarde, quando de todo a noute carbonisava

a natureza e com suas sombras o favorecia, então, mais seguro e confiado, atravessava o foragido as ruas relvasas do jardim e, pizando cauteloso, apalpando sorrateiro as trevas, comprimindo a respiração e procurando minguar seu vulto, ora desaparecia nas montas de roseiras, ora dos jasmims e caramanchões em flor, para reaparecer aqui e além, como o veado domestico, que se passeia nos quintaes do amo, procurando a solidão e o silencio.

Ahi deixava-se passar ignorado as noutes. E quando por ventura deparava illuminada a janella de Rosalina, quedava-se horas esquecidas a contemplal-a, exactico e embevecido.

Assim succedeu até o sabbado, dia de recepção em casa de Maffei.

Nessa noute o palacio escancarava suas largas boccas a novos convidados, como insaciavel monstro, que não se farta de tragar reputações alheias; devia ser duplamente rica essa festa que, sobre ser sabbado, era tambem anniversario do nascimento de Rosalina; circumstancia esta de que não se esquecera o deslebrado amante e o fazia aguardar, com impaciencia e desassocego, esse faustoso dia.

Effectivamente preparava-se a festa ameaçadora e esplendida—dobrou-se a orchestra e multiplicou-se o numero de garrafas; eminentes artifices incumbiram-se de magnifica illuminação e fogos de artificio, que occupassem a varanda e a parte principal do jardim; um kiosque, alevantado defronte da janella do quarto da festejada, dar-lhe-ia, ao romper d'alva, um harmonioso bom dia.

Chegada a hora, as salas, as varandas, os quartos, o andar inferior, tudo se encheu de gente. Era tudo confusão e bulício—por todos os lados phosforeciam luzinhas de variadissimas côres; por toda parte—música e perfumes, flores em profusão, gelados e vinhos, cântos e versos, mimos e ramilhetes, dansas e jogos, florões e murtas; emfim, por toda parte e de todas as cousas rebentavam e herveciam alvoroçadamente o praser, o riso, a loucura e o amor.

Rosalina lá estava resplandecente, como alvo brilhante de todos aquelles faustos e grandezas—via-se cercada de aduladores, que a crivavam de galanteios e lisonjas; e assim festejada, querida, requestada, adulada, tinha-se ella por feliz no meio desse circulo de ferro dourado, que o dinheiro traça incommodo na sociedade.

A festa crescia e redobrava de enthusiasmo com o progredir tenebroso da noute—regorgeiavam freneticos os instrumentos; pulsava doudo o sangue com o ancian nervoso da walsa; a embriaguez familiarisara-se e gritava a bel-praser, rindo a desvergonhada; com a boca aberta e o gesto descomposto.



Todavia, em quanto tão ruidosamente crepitava o baile, Miguel, ignorado e só, nos fundos tenebrosos do jardim, espiava afoutamente a turbulencia da fes-

ta, escondido como um reptil nos grutescos de uma fonte artificial.

Quem de perto lhe pudesse observar a figura, notar-lhe-ia no olhar desvairado e redondo, uma impaciencia feliz, um raio de sinistro contentamento, que illuminava-lhe a phisionomia com o mesmo luzir funebre da lamina da guilhotina no rosto do condemnado.

Subitamente o escondido endireitou-se, collou cuidadosamente o ouvido á parede e poz-se a escutar silenciosamente—Sentio passos.

Era alguem que, fugindo á agitação das salas, procurava refugiar-se no jardim e descansar seu aborrecimento, sosinho e tranquillo nos bancos de pedra, que pitorescamente guarneciam um aprazivel chafariz de jaspe.

Miguel vio chegar um vulto e estremeceu reconhecendo-o—seus olhos reverberaram com mais vermelhidão; seus labios semi-abertos sussurraram alguns sons confusos e asperos, em quanto o recém-chegado, satisfeito de si, esfregava as mãos, saboreiando o aspecto festivo e luxuoso do edificio; depois, o vulto assentou-se meditativo no banco de pedra e permaneceu algum tempo, de cabeça baixa e gesto concentrado.

Profundo devia ser esse meditar que lhe não dava de perceber os passos abafados de Miguel, que, como uma panthera, se encaminhava das sombras da gruta para elle, sem arredar-lhe de sobre os olhos ardentes e raiados..

O artista, ao chegar ás costas do vulto, estacou e entrou comsigo a contemplal-o em attencioso silencio, indicando, com um movimento affirmativo de cabeça, o bom resultado de suas observações; alguns segundos depois chegou-se mais delle e de rijo tocou-lhe com a mão no hombro.

O vulto voltou-se subito e, encarando o rosto transformado do artista, desviava vagarosamente o seu, aterrado pela fixidez sinistra dos olhos cavos e luzentes, que pareciam querer devoral-o; Miguel inclinou-se para elle a rir-se surdamente, com esse rir que exprime o contentamento da vingança que se vae faltar—é o rir do faminto que depois de longa viagem descobre o que comer.

O vulto, segurando-se com a mão fria na pedra inda mais fria do banco, continuava a retrair-se, como atacado de colicas horriveis—torpor aviltante corria-lhe pelos membros frouxos e enervados e transpirava-lhe no gesto suarento o medo com todas as suas côres mais vergonhosas.

Contemplavam-se os dous, tremulos! Um, de raiva e o outro, de medo.

XI

O que tremia de medo era Maffei.

O conforto da riqueza e o roçar aspero dos annos píram-lhe o vigor primitivo; o remorso, tambem

colaborando nessa obra de destruição, acabara por extinguir-lhe a força moral, que dantes luzia-lhe feroz no olhar.—Sentia-se apequenado em presença de Miguel a quem tinha por morto.

O vulto transformado de sua victima, que já em sonhos o houvera perseguido, apparecia-lhe agora, real e palpavel, como se fôra a propria imagem do remorso—afigurava-se-lhe Miguel salvo n'aquelle instante, sahindo do mar, parecia-lhe até ver a humidade do cabello e sentir-lhe o cheiro do sangue.

O olhar fixo e desvairado do moço reflectia-se-lhe na consciencia, como uma luz condemnatoria e d'ahi persistia a fital-o, queimando-lhe por dentro os ossos do cerebro; o sorrir cadaverico de Miguel derramava-se como um philtro de ironias pelos membros lassos do velho e o fazia estremecer—era um sorrir tragico de caveira a fital-o com seus dentes ameaçadores e ferozes.

A immobilidade do moço impunha ao outro a mesma immobilidade, e no emtanto a arrogancia daquelle não incutia neste o mesmo sentimento; Maffei ao contrario cada vez mais se desapercebia de animo e forças.

Emquanto isto succedia no jardim, o baile continuava a folgar indifferente.

Miguel afinal, chegando á cara pallida de Maffei a bocca arreganhada, rebentou medonha e cavernosamente—Velho amaldiçoado! mão ambicioso! és o unico obstaculo de minha ventura! és minha aza negra! meu pezadello! minha raiva! minha desgraça!

meu odio! meu mal! meu crime! Queres, bruto, te regenerar? queres por uma vez abaixar este braço, que tua maldade levantou sobre tua cabeça, velho estúpido?! dá-me a mão de tua filha. Já! Peço-t'a de joelhos, cão! Responde!. Queres?!

Maffei estremeceu como se fôra acordado de um sonho máo por uma chuva de pedras—as palavras de Miguel despertaram-o, chamando-lhe o sangue a cabeça com o effeito de uma aluvião desencontrada de bofetadas, voltou a si e fez um movimento por erguer-se.

—Responde! gritou asperamente Miguel, descarregando-lhe com força nos hombros os punhõs impacientes e nervosos—Responde! e o obrigou a ficar sentado—Responde!

—Nunca! atroou energicamente Maffei e ergueu-se de impeto!

Miguel, porem, em meio da resposta, rapido abarcara-lhe o peçoço, encravando-lhe pelas carnes as unhas doudas e assanhadas—um rouco surdo e gutural fundio-se confusamente na turbulencia aguardentada do baile.

E o moço não desgarrava da victima as unhas envenenadas pela colera velha e sedenta de vingança—continuava a asphixial-a.

Como uma lagarta no fogo o velho torcia-se, esforçando-se por gritar e erguer-se. Em balde!—Miguel vencera por-lhe um joelho de bronze sobre o esophago e, empregando com bruteza toda força do corpo, opprimia-o contra a pedra do banco.

Roxidão apoplectica cobrio a cara e as unhas do pae de Rosalina; um suor abundante e humido escorria-lhe da cabeça, inundando as mãos freneticas do assassino.

E o roncar moribundo e bestial do velho, mal casado com o ranger dos dentes do moço, contrastava com a turbulencia folgazã e sensual da dança, da embriaguez e do jogo, que alem fermentavam nos salões do baile, como fermentam as larvas em uma podridão.

Miguel, no fim de algum tempo, desgarrou saciado a preza e o cadaver do antigo pescador cahio-lhe pezado e retorcido aos pés, gosmando pelas ventas e por entre os dentes um muco grosso e esbranquiçado, cujo cheiro lembrava o da carne podre.

O moço contemplava-o sorrindo, a limpar tranquilamente as mãos humidas e pegajosas nas fraldas de sua blusa. Depois, abaixou-se e fitou satisfeito o corpo de Maffei, observando minuciosamente si estava bem morto—mexia-lhe com as palpebras, passava-lhe os dedos no vitreo ensanguentado dos olhos e esbugalhava-os mais, puxava-lhe as barbas empastadas de gosma, mexia-lhe com a língua e afinal bem certo que estava morto escarrou-lhe com desprezo á cara e em seguida ergueu-se, empurrando o desdenhosamente com o pé.

Isto feito—fugio.

Ao chegar á rua, parou, tomou com ambas as mãos o peito e respirou livremente o ar da noute, como quem se livrasse de um peso horrível.

—Finalmente! disse elle e correu á tasca, Sombra da Noute dormia—acordou-o.—Partamos, disse-lhe.

—Para onde?

—Para qualquer parte!

E desapareceram.

XIII

O baile continuava indifferente e animado.

A ausencia de Maffei não se fizera sentir e só algum curioso observador dizia distrahidamente:—Oh! Maffei está hoje mais do que nunca concentrado!

Não ha quem o veja!. E disto não passava.

Somente no dia seguinte, pela manhã, é que o jardineiro, todo banhado em lagrimas, participara ter encontrado no jardim o cadaver transformado de seu querido amo.

Houve grande alvoroço na casa e, tanto esta como a familia do morto, cobriram-se immediatamente de impermiavel luto. No dia seguinte os jornaes diarios de Napoles noticiavam ter succumbido o muito honesto e muito nobre proprietario da rua de Toledo —fulano de tal Maffei, victima de uma congestão cerebral, que o acommettera na vespera. Enterrado o cadaver não se fallou mais em tal. Rosalina tratou de suspender, por algum tempo, os bailes e de substituir os theatros e passeios pelas palestras nos serões.

Dahi nasceu um murmurar contra ella e o cavalleiro de bigodes pretos, si com ou sem razão—não sei; o que posso porem dizer e até garantir é, que por varias vezes, houve quem visse o homem dos bigodes pretos sair pela madrugada do andar inferior da casa cinzenta da rua de Toledo—Calumnias, talvez. . —inveja, com certeza!

Com o surrar dos dias foi o luto perdendo pouco a pouco a côr carregada, de sorte que no fim de um anno desaparecera inteiramente e com elle cansou a dor de doer e os olhos cansaram de fingir. E voltara a alegria, como volta a primavera—matisando de flores e risos os corações e os labios.

Como um noivo passivo, o nobre Visconde de Cenis gastava todos os serões em companhia da rica herdeira, e exteriormente já se tinha por cousa resolvida o casamento delle com Rosalina.

Em breve a filha do pescador seria a *Excellentissima Senhora Viscondessa de Cenis* e o Visconde seria o herdeiro legitimo dos bens do fallecido Maffei—optimo negocio!

Qual das duas partes faria melhor aquisição?—um levava uns restos de homem e o titulo de Visconde e a outra—um dote avultado e uma mulher prostituida. Estas ruindades fundidas deveriam dar um resultado satisfatorio para ambos e talvez para a sociedade, que em vendo dinheiro faz como as crianças—fecha os olhos e abre a bocca.

Emtanto, quando o Visconde se retirava da sala de honra, abria a noiva a porta privada da alcôva,

para o outro, que, si em verdade não era tão nobremente Visconde, tinha em compensação um bom par de bigodes pretos, que lhe valiam por um braço.

Afóra estes, roda immensa de adoradores incensava infructiferamente, noute e dia, a formosa e rica orphã, mas em balde procurava ella, nos cantos empoeirados do seu coração, alguns restos de respeito e amisade seria para aquella gente que, a despeito de sua boa vontade, só lhe apparecia pelo prisma do interesse e da especulação. No fim de contas tão embotadamente desgraçados eram os adoradores, como o objecto da adoração, que si aquelles amavam por cobiça, este o não podia fazer por desconfiança e infeliz, muito infeliz da mulher que não logra amar—o amor é o caminho da maternidade.

O proprio moço dos bigodes não passava para Rosalina de uma phantasia de igual criminalidade de outros muitos, que, com a mesma amorosa indifferença, entretinha a desregrada rapariga; e tanto assim era que, sendo por elle pedida em matrimonio, recusara-se, dizendo cynicamente que o casamento era a unica parte ascendente de sua vida por onde poderia trepar em algum tempo a nobreza, e por isso não a barateava assim tão facilmente.

O dos bigodes, cujo empenho unico era enriquecer, vendo malogrado em Napoles os seus planos de abastecimento, deu-se de velas para Milão, sua patria, em busca de nova fortuna, depois de ter chamado a amante de ingrata e perjura.

Rosalina rio-se da saida aparentemente roma-

nesca do cavalheiro dos bigodes e foi insensivelmente o substituindo por outro.

O Visconde em ruínas, esse, coitado! é que não disistia e nem era preterido—barreira firme, rochedo inalteravel, recebia impassivel e com verdadeira coragem, digna da nobreza de sua illustre raça, os embates tempestuosos daquelle pélagó de lama. Coitado! a deshonra lhe seja leve!

E neste estado deploravel de consas decorria o tempo, sem outro facto de notar, alem do que se vae seguir.

XIII

Ia uma dessas noutes quentes de verão, em que a natureza parece adormecida aos beijós ardentes do sól; em que as agoas dos lagos são mornas como a briza, que acaricia os pincaros abrasados das montanhas; e a lua ergue-se vermelha, como uma chaga viva.

Uma dessas formosas noutes napolitanas, em que tudo se converte em volupia e cansaço; em que derretem-se os corações e volatilisam-se os beijos para vagarem pelo espaço, como um bando de mariposas sensuaes.

Noute de sonhos ardentes e dores indifnidas! noute feliz para o mancebo e perigosa para a donzella! . . .

As mulheres estremeçam ao tacto dos amantes e as criancinhas torcem-se no berço, acommettidas de precoce irritabilidade; o olhar transforma-se em bocca que beija; o halito em palavra que excita; a palavra em corpo que morde, afaga, queíma e estreita!

Abraçam-se nos montes os pinheiros e os cypresses nos cemiterios; entrelaçam-se as flores no campo; amam-se as feras nos covis; nos ares os passarinhos e os reptis no charco.

A natureza toda transforma-se em uma mulher de trinta annos, de carnes brancas e palpitantes, soffre nessa noute da nevrose, tem ataques estericos—extrebuxa, grita, contorce-se e solta, de vez em quando, suspiros prolongados e gemidos voluptuosos.

E quando, pela volta da madrugada, á brisa fresca e côr de rosa da manhã, adormecem os membros frouxos e fatigados dos amantes, levanta-se da terra um murmurio suave e tremulo para o ceu—é a musica dos beijos!

XIV

A alcôva de Rosalina rescendia a amor. O amor tem o seu perfume especial que se aspira pelo coração; esse perfume, á similhaça dos do Oriente, quando não mata, embriaga, mas sempre encanta.

A bella italiana, perseguida pelo calor da noute,

refugiara-se sosinha no seu ninho, como a lebre que foge ao caçador, e, arremeçando negligentemente as roupas para o chão, envolvera-se nas cambraias do leito, rolando de um para outro lado, como uma serpente no cio.

Estenuada cahira a moça nessa prostração mofina que precede o somno, e só de vez em quando dava acordo de si para refrigerar-se com um gole de orchata, que á cabeceira do leito estava preparada em um copo de christal. Isto feito, recahia no mesmo entorpecimento, com as palpebras pezadas e os olhos decerrados pelo calor—mais parecia uma bella producção artistica, do que uma realidade. Quando quieta, difficil seria de dizer o que mais era—si uma estatua animada—si uma mulher de marmore.

Subito! assomou na janella uma cabeça, depois um busto e finalmente, um homem, vestido de blusa, pulou na sala com a ligeireza de um gato.

O barulho fez Rosalina voltar-se e soltar um grito que queria dizer—Miguel!

O recém-chegado parou, levando aos labios o dedo em signal de silencio; ella respondeu a esse signal com um outro que o intimava a se aproximar.

O artista obedeceu, encaminhando-se sombriamente para o leito.

—És livre agora?!.. disse-lhe, cahindo de joelhos aos pés.

A moça não respondeu e sorriu.

—Falla, meu anjo!.. não percamos tempo, dizeme si és já livre ou si.

—Ouve! interrompeu Rosalina, fingindo difficuldade no fallar—Ouve: Desde que morreu meu pae, uma fraqueza doentia me tem de tal modo perseguido, que me supponho irremediavelmente perdida; posso dizer que tenho vivido neste leito, donde não conto levantar com vida.

—Uma viagem te restabelecerá totalmente, disse Miguel inquieto.

—Ah! suspirou Rosalina—Uma viagem!. É porque não sabes, meu bom amigo, que, com a morte de meu pae, ficamos na extrema miseria; que elle, coitado! passou uma vida de opulencia, superior ao que possuia, e morreu, de tal modo individado, que não nos será facil a nós salvar honradamente seu nome, e a mim continuar a viver sem a diffamante protecção de algum estranho! Bem fiz por salvar a situação! e confesso que me suppunha mais forte e generosa, de que realmente o sou! E Rosalina começou de tössir, opprimindo o peito com as mãos.

—E eu, continuou a supposta doente, com a voz cada vez mais tremula—fazia-me forte acceitando a proposta salvadora e tremenda de um velho rico e doente, que se propunha resgatar o nome de meu pae, casando-se commigo.—Era um futuro triste, porem honesto!—Cedi, Miguel, cheia de esperanza e resignação, porem ao depois de medir bem o sacrificio não tive animo para arrostal-o. Urgia comtudo tomar uma deliberação qualquer—o tempo se passava e o dia do leilão da casa e dos moveis não tar-

ria a si annunciar. O momento fatal chegou!. amanhã tenho de entregar tudo, tudo! e serei. . .

—Então! interrompeu Miguel, em cujo olhar acabava de nascêr o contentamento e a esperança—te havias esquecido de mim? Ingrata! Não te quiz ao menos parecer, que tua riqueza era um obstaculo serio á minha ventura?! Oh! como sou feliz em ver-te novamente pobre! Iremos juntos para Lipari, onde serás minha esposa, e então seremos felizes! muito felizes! Quanto é bom ser pobre! Olha! disse elle chegando-se carinhosamente para ella e sorrindo, com os modos satisfeitos, de quem se preza de saber arranjar bem as cousas—Vendido tudo por cá—todas estas grandezas e todo este luxo, em pouco poderá ficar a divida; por esse tempo já estarás em Lipari, caso-me comtigo e serei legalmente o unico devedor do que não se poder pagar com o resultado da venda; e d’ahi, com o meu trabalho e principalmente com minha vontade, crê, conseguiremos ir pouco a pouco resgatando o nome de teu pae! Oh! como seremos felizes!. Mas como te houveste tão injusta em não te lembrares de mim!. . . Em Lipari levantaremos novamente uma casa, sob as oliveiras que te viram nascer, minha Rosalina, e sosinhos, ao som das brisas que te embalaram em pequenina, e do mar que te ama ainda, e dos cantos dos passarinhos que voltarão ao nosso tecto hospitaleiro, viveremos em companhia da boa Angela, que te estremece como mãe. Sabes mais?!. Castor ainda vive!. disse o moço satisfeitissimo, batendo palmas—ainda vive!

achei-o na noute do incendio e conservo-o commigo; é um bom e generoso companheiro! Oh! elle tambem virá porque, não sabes? foi elle que primeiro descobrio pelo faro que tu moravas aquí. Coitado! como te cobrirá de festas quando te vir! Oh! mas é preciso que te decidas a partir! Vamos! não é assim? Dize!.. Estás pobre?. Tanto melhor! ninguem se lembrará de te perseguir!. Partamos, meu amor!—E Miguel, satisfeito como uma criança, beijava as mãos, os pés, o cabelo e a fronte de Rosalina—parecia louco.

Ella observava-o com um sorriso de affectada desesperança, que enmascarava enorme surpresa; parecia-lhe aquillo um sonho—nunca esperara tanto do amor de Miguel; sentia-se conscienciosamente arrependida de se ter fingido pobre, antes fallasse com franqueza, porque a situação perigava progressivamente—Diabo! dizia comsigo—Elle adora-me apezar de tudo! Que volta darei a esta scena tão difficil e ridicula?!

E assim pensando, fingia fartar-se em contemplar silenciosa o amante, em quanto meditava astuciosamente um outro meio mais seguro de fugir-lhe, porem fundo e estranho resentimento principiava de minguar-lhe o animo, em presença daquella vontade de ferro, daquella firmeza de affecto, daquelle amor indelevel que tudo commettia indifferente, com tanto que o deixassem existir pela mulher, que o proprio coração escolheu para idolo.

Neste estado e machinando ainda uma engenhosa

sahida, fitou Rosalina os olhos abrasados e felizes de Miguel, e, apartando delles os proprios, passeiava-os, aparentemente enfraquecidos, pelo quarto, a procura da idéa; quando o acaso deparou-lhe o copo de orchata, sobre o velador á cabeceira do leito.

—Ah! fez ella.

—Que tens?!... acudio Miguel.

—Nada, meu amigo, sinto-me mal.

—Tudo isso, volveu Miguel, beijando-lhe as mãos—desapparecerá com a nossa futura felicidade! Reanima-te e ordena o que queres que te faça! Aqui tens um escravo! vamos, meu amor falla! como si eu fosse teu pae, minha filhinha!

—Já não tenho vontade nem desejos. meu bom amigo, respondeu ella, retorcendo os olhos—porque não posso contar com a existencia.

—Rosalina!. disse Miguel—não te deixes levar por essas idéas tão más!.. Confia em mim e espera de Deus! Não desanimes, que tens muita vida e a nossa ilha tem muitas flores que te esperam. Havemos de correr juntos pela primavera os caminhos sombreados e hervecidos; subiremos de mãos dadas as encostas dos montes e os pincaros dos rochedos; havemos de.

Rosalina parecia já não escutar—torcia-se na cama, a ranger os dentes uns contra os outros, e retorcendo os olhos derivava olhares desencontrados.

—Rosalina! Rosalina!.. Que tens?!. Meu Deus! acudam! exclamava Miguel.

—Silencio! disse ella, tapando-lhe brandamente a

bocca com os dedos còr de rosa—Não faças bulha e ouve, que é necessario fallar: Ainda ha pouco me vedaste concluir o que te contava; ouve o resto —Dizia-te eu, que era necessario abraçar qualquer partido, porque o tempourgia e o dia da entrega se aproximava.. Pois bem, meu bom Miguel, não tive animo de me resolver a casar com o velho rico e..

—E... disse Miguel tremulo de impaciencia.

—Chegou a vespera do dia maldito!. . Amanhã os credores tomam conta de tudo!...

—Não importa!

—Mas é... acrescentou chorando Rosalina—que eu não resisti a tamanha provação! Fui covarde!.. confesso! mas eu sou mulher, perdôa!.

—Acaba!

—Vês este copo? continuou ella, torcendo-se toda e indicando a cabeceira do leito.

—Ceus!

--Ainda ha pouco estava cheio de.. veneno. eu. E reclinando-se nos braços de Miguel acrescentava, espatifando as palavras—não tenho, Miguel, de vida. mais do que alguns... instantes.

Miguel quiz levantar-se para chamar alguém.

—Não chames pessoa alguma!. disse ella agarrando-o com força—Isso só alcançaria me fazer morrer desacreditada. Foi Déus que te mandou para me ajudares a morrer! Foi nm bom anjo que te conduzio! Eu já contava contigo! Oh! não morria sem tu chegares! Como Dens é bom! obedece-o e depois... retira-te.

mente levantando a cabeça e desembaraçando-se dos abundantes cabellos pretos, disse quasi imperceptivelmente:

—Miguel. . . não partes?.

Miguel não respondeu.

—Não partes? repetio Rosalina, levantando um pouco mais a voz.

Ainda o mesmo silencio.

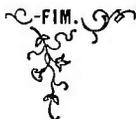
Então, como a noiva, que vae, entre dezejosa e envergonhada, provocar novas caricias do amante, ergueu ella com as mãos diaphanas a cabeça mole que repousava-lhe no collo e encarou-a.

Grito de terror e remorso rompeu-lhe inteiriço das entranhas.

Miguel estava morto! Então, uma lagrima christalina e santa, desprendendo-se do coração, rolou pura pelas faces da mulher—Chorou pela primeira vez!

Aquella lagrima valia o poema inteiro de sua existencia! era o transumpto de seu arrependimento! era o perdão de seus crimes! Chorou! chorou uma lagrima de mulher, por isso que vinha de Deus!

Rosalina amou pela primeira vez—aquelle cadaver.



ERRATA.

Na pagina 80 do Cap. 5.º da 2.ª parte, por descuido de revisão, está impresso
—sobrancelhas, em vez de celhas ou pestanas.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).